



## **ACADEMIA MILITAR**

### **Implementação da Cinotecnia nos Batalhões de Infantaria, uma análise aos vetores de desenvolvimento**

**Autores: Aspirante de Infantaria António Sebastião Cabral Lopes Arez da Cruz**

**Orientadora: Professora Doutora Sanda Oliveira de Almeida**

**Coorientador: Major Médico Veterinário André Fonseca**

**Mestrado Integrado em Ciências Militares na Especialidade de Infantaria**

**Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada**

**Lisboa, setembro de 2023**



## **ACADEMIA MILITAR**

### **Implementação da Cinotecnia nos Batalhões de Infantaria, uma análise aos vetores de desenvolvimento**

**Autores: Aspirante de Infantaria António Sebastião Cabral Lopes Arez da Cruz**

**Orientadora: Professora Doutora Sanda Oliveira de Almeida**

**Coorientador: Major Médico Veterinário André Fonseca**

**Mestrado Integrado em Ciências Militares na Especialidade de Infantaria**

**Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada**

**Lisboa, setembro de 2023**

## EPÍGRAFE

*“O destino destina, mas o resto é contigo”*

Miguel Torga

## **DEDICATÓRIA**

Dedicados à Cila e ao Toino, que não perdiam uma oportunidade de se preocuparem com o seu “General” neto e que agora ficam orgulhosos à distância.

## AGRADECIMENTOS

O verdadeiro sucesso é um reflexo da mudança que somos no mundo e este só é materializado no momento da partilha e do sincero reconhecimento de que só movemos montanhas com a ajuda de todos os que nos rodeiam.

À Professora Sandra Almeida, por todo o tempo investido no meu trabalho, pela paciência a esclarecer dúvidas e pela clareza e celeridade com que me auxiliou a ultrapassar diversos desafios.

Ao Major de Veterinária André Fonseca, pela prontidão que sempre demonstrou para me auxiliar na condução da investigação e por todos os contributos e orientações que me deu.

Ao diretor de curso Tenente-Coronel de Infantaria João Carlos Polho, pelo auxílio na escolha do tema e pela transmissão dos valores que caracterizam a arma de Infantaria.

Ao diretor de curso Capitão de Infantaria Pedro Meneses, pela disponibilidade e auxílio na comunicação com entidades estrangeiras.

Ao Capitão Júlio Oliveira e Capitão Gilberto Fernandes, pelo auxílio na condução da investigação.

A todos os entrevistados que não se limitaram a responder às questões, mas procuraram enriquecer o trabalho da melhor forma que conseguiram.

Aos 17 Bravos Infantes que me acompanharam, passámos juntos para lá do cabo das tormentas, sem nunca vacilar ou hesitar, com um sorriso no rosto mesmo na mais difícil peleja.

À minha namorada Marta, que foi muito mais do que o meu suporte durante estes 5 anos, pela paciência e compreensão e por todo o carinho e preocupação.

À minha família, que desde o primeiro dia me apoiou e me fez sentir que mesmo quando as coisas correm menos bem, há motivo para uma gargalhada.

## RESUMO

A Cinotecnia, no contexto militar, consiste no aprontamento e emprego de cães em operações militares, constituindo-se como uma prática milenar em constante adaptação às solicitações operacionais do combate e das características do conflito. Desde 1994, data da transição das forças paraquedistas da Força Aérea para a dependência do Exército, o Exército Português possui essa capacidade, localizada inicialmente no Regimento de Paraquedistas, em Tancos, e, mais tarde, no Regimento de Lanceiros nº2 na Amadora e no Campo Militar de Santa Margarida. A equipa formada por um militar e um cão, conhecida como binómio, possui inúmeras aplicações no campo de batalha e pode ser treinada para desempenhar uma ampla gama de tarefas, tornando a cinotecnia uma valência versátil e uma ferramenta importante para a Infantaria. No combate não existem lugares seguros ou ambientes confortáveis. No entanto, dada a natureza de emprego e combate, a Infantaria inevitavelmente acaba por ficar exposta a situações mais críticas e com maior risco associado, necessitando por essa razão de uma valência que mitigue o risco e potencie as capacidades das forças quando apeadas.

O objetivo da nossa investigação é encontrar o modelo mais apropriado para que esta valência seja considerada uma possibilidade para todos os Batalhões de Infantaria e não de uso exclusivo dos Batalhões de Infantaria Paraquedista. Através de uma abordagem qualitativa e um método indutivo procurou-se responder à pergunta de partida desta investigação recorrendo a revisão bibliográfica e à realização de entrevistas. A pesquisa demonstrou inequivocamente a mais valia trazida pela utilização dos cães tanto em contexto de treino como em contexto operacional em forças projetadas. Foi ainda possível entender que um modelo centralizado com encargo logístico de aquisição, formação e de certificação seria o mais adequado, atribuindo o encargo operacional de forma exclusiva às unidades de Infantaria que passariam a operar com os binómios.

**Palavras-chave:** Cinotecnia, Vetores de Desenvolvimento, Batalhões de Infantaria, Implementação de Valências

## **ABSTRACT**

Cynotechnics in the military context involves the preparation and deployment of dogs in military operations, constituting an ancient practice that constantly adapts to the operational demands of combat and the characteristics of conflicts. Since 1994, the Portuguese Army, following the transfer of the Airborne Forces from the Air Force to the Army, has possessed this capability, located in the Paratrooper Regiment in Tancos, the Military Police Regiment No. 2 in Amadora, and the Santa Margarida Military Camp. The team consisting of a soldier and a dog, known as a binomial, has numerous applications on the battlefield and can be trained to perform a wide range of specialties, making cynotechnics a versatile capability and an important tool for the Infantry. In combat, there are no safe places or comfortable environments, however, given the nature of Infantry employment in combat, it inevitably becomes exposed to more critical situations with higher associated risks, thus requiring a capability that mitigates risk and enhances the forces' capabilities when dismounted.

The objective of our investigation was to find the most appropriate model for considering this capability as a possibility for all Infantry Battalions, rather than exclusive use by the Airborne Infantry Battalions. Through a qualitative approach and an inductive method, we sought to answer the initial question of this investigation by conducting a literature review and interviews. The research unequivocally demonstrated the added value brought using dogs in both training and operational contexts for projected forces. It was also possible to understand that a centralized model with logistical responsibility for acquisition, training, and certification would be the most suitable, assigning exclusive operational responsibility to Infantry units that would operate with the binomials.

**KEYWORDS:** Cynotechnics, Capacity Development, Development Vectors, Infantry Battalions

# ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO 1 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO</b> .....	<b>3</b>
<b>1.1 Cão Militar</b> .....	<b>3</b>
<b>1.1.1 Características do cão</b> .....	<b>3</b>
<b>1.1.2 Seleção e treino</b> .....	<b>4</b>
<b>1.1.3 Especialidades e tarefas</b> .....	<b>6</b>
<b>1.2 Cinotecnia no Exército Português</b> .....	<b>9</b>
<b>1.2.1 Tipologia de forças e operações</b> .....	<b>10</b>
<b>1.2.2 Unidades cinotécnicas</b> .....	<b>12</b>
<b>1.3 Cinotecnia como elemento da manobra na Infantaria</b> .....	<b>13</b>
<b>1.4 Os Vetores de Desenvolvimento</b> .....	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA</b> .....	<b>18</b>
<b>2.1 Método e Procedimento</b> .....	<b>18</b>
<b>2.2 Modelo de Análise</b> .....	<b>19</b>
<b>2.2 Amostra</b> .....	<b>19</b>
<b>2.2 Instrumentos</b> .....	<b>20</b>
<b>CAPÍTULO 3 – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS</b> .....	<b>21</b>
<b>3.1 Apresentação de Resultados</b> .....	<b>21</b>
<b>3.2 Discussão de Resultados</b> .....	<b>37</b>
<b>CONCLUSÕES</b> .....	<b>48</b>
<b>Resposta às Perguntas Derivadas</b> .....	<b>48</b>
<b>Resposta à Pergunta de Partida</b> .....	<b>53</b>
<b>Limitações da Investigação</b> .....	<b>53</b>
<b>Investigações Futuras</b> .....	<b>54</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>55</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>I</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>XXXV</b>

## ÍNDICE DE TABELAS

<b>TABELA 1: CONDICIONAMENTO CLÁSSICO VS CONDICIONAMENTO OPERANTE</b> .....	<b>viii</b>
<b>TABELA 2: EXEMPLO CLÁSSICO VS OPERANTE</b> .....	<b>6</b>
<b>TABELA 3 - COMPARAÇÃO TIPOLOGIA DE FORÇAS</b> .....	<b>11</b>

## ÍNDICE DE ANEXOS

<b>ANEXO A - TAREFAS DO BINÓMIO EXPLORADOR.....</b>	<b>XXXV</b>
<b>ANEXO B - TAREFAS DO BINÓMIO DE GUARDA E CÃO SENTINELA .....</b>	<b>XXXVI</b>
<b>ANEXO C - TAREFAS DO BINÓMIO DE DETECÇÃO .....</b>	<b>XXXVI</b>
<b>ANEXO D - TAREFAS DO BINÓMIO DE BUSCA E SALVAMENTO .....</b>	<b>XXXVII</b>
<b>ANEXO E - TAREFAS DO BINÓMIO DE CINOTERAPIA.....</b>	<b>XXXVIII</b>
<b>ANEXO F - QUADRO ORGÂNICO DO MÓDULO CINOTECNICO DO GPE.....</b>	<b>XXXVIII</b>
<b>ANEXO G - QUADRO ORGÂNICO DO PELOTÃO CINOTECNICO DO RPARA.....</b>	<b>XXXIX</b>
<b>ANEXO H - QUADRO ORGÂNICO DA SEÇÃO CINOTÉCNICA DO CMSM.....</b>	<b>XXXIX</b>
<b>ANEXO I - QUESTÕES A RESPONDER A CADA VD.....</b>	<b>XL</b>

## ÍNDICE DE APÊNDICES

APÊNDICE A – GUIÃO DE ENTREVISTAS .....	I
APÊNDICE B - CATEGORIAS DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS .....	II
APÊNDICE C - CATEGORIAS DE ANÁLISE DE ENTREVISTAS (CONTINUAÇÃO) .....	III
APÊNDICE D – RESUMO DAS RESPOSTAS À PERGUNTA Nº1 .....	V
APÊNDICE E – RESUMO DAS RESPOSTAS À PERGUNTA Nº2 .....	VIII
APÊNDICE F – RESUMOS DAS RESPOSTAS À PERGUNTA Nº3 .....	XI
APÊNDICE G – RESUMO DAS RESPOSTAS À PERGUNTA Nº4 .....	XII
APÊNDICE H – RESUMO DAS RESPOSTAS À PERGUNTA Nº5 .....	XV
APÊNDICE I – RESUMO DAS RESPOSTAS À PERGUNTA Nº6 .....	XVIII
APÊNDICE J – RESUMO DAS RESPOSTAS À PERGUNTA Nº7 .....	XX
APÊNDICE K – RESUMO DAS RESPOSTAS À PERGUNTA Nº8 .....	XXII
APÊNDICE L – RESUMO DAS RESPOSTAS À PERGUNTA Nº9 .....	XXIII
APÊNDICE M – RESUMO DAS RESPOSTAS À PERGUNTA Nº10 .....	XXVI
APÊNDICE N – RESUMO DAS RESPOSTAS À PERGUNTA Nº11 .....	XXVIII
APÊNDICE O – RESUMO DAS RESPOSTAS À PERGUNTA Nº12 .....	XXIX
APÊNDICE P – RESUMO DAS RESPOSTAS À PERGUNTA Nº13 .....	XXX
APÊNDICE Q – RESUMO DAS RESPOSTAS PERGUNTA Nº14 .....	XXXII

## **LISTA DE SIGLAS E ACRÓNIMOS**

BCmds – Batalhão de Comandos  
BI – Batalhões de Infantaria  
BILig – Batalhão de Infantaria Ligeiro  
BIMecRodas – Batalhão de Infantaria Mecanizado de Rodas  
BIPara – Batalhão de Infantaria Paraquedista  
BIPes – Batalhão de Infantaria Pesado  
BrigInt – Brigada de Intervenção  
BrigMec – Brigada Mecanizada  
BrigRR – Brigada de Reação Rápida  
CEC – Centro de Excelência Cinotécnico  
CG – Cão de Guerra  
CMSM – Campo Militar de Santa Margarida  
CPM – Cão de Polícia Militar  
EP – Exército Português  
EUA – Estados Unidos da América  
FFAA – Forças Armadas  
FOE – Força Operações Especiais  
GPE – Grupo de Polícia do Exército  
OAP – Operações de Apoio à Paz  
OE – Objetivo específico  
OG – Objetivo geral  
OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte  
PD – Pergunta derivada  
PP – Pergunta de partida  
RI13 – Regimento de Infantaria nº13  
RI14 – Regimento de Infantaria nº14  
RL2 – Regimento de Lanceiros nº2  
RPara – Regimento Paraquedista  
TIA – Trabalho de Investigação Aplicada  
TO – Teatro de Operações  
TTP – Técnica Tática e Procedimento  
VD – Vetores de Desenvolvimento

ZMA – Zona Militar dos Açores

ZMM – Zona Militar da Madeira

## INTRODUÇÃO

Este trabalho de investigação pretende compreender que modelo deveria ser implementado para que a valência da Cinotecnia no Exército Português (EP) se torne uma realidade operacional e disponível para as várias tipologias de Batalhões de Infantaria (BI), através de uma comparação entre as mais valias que o cão oferece com os desafios logísticos que a implementação implica. Para atingir esse fim torna-se necessário estudar todos os empregos operacionais da cinotecnia nos BI nos mais diversos cenários assim como compreender as potencialidades e as limitações do cão e do binómio, bem como, compreender a sua atuação nos diferentes cenários de atuação das equipas de Infantaria. Para o levantamento pormenorizado das implicações logísticas pretende-se analisar os Vetores de Desenvolvimento (VD). Mesmo que a cinotecnia não se constitua como capacidade, a análise aos VD permite realizar um levantamento pleno das necessidades para a sua operacionalização.

O uso de cães por forças militares é uma prática milenar e recorrente ao longo dos últimos 2000 anos, com diversas evidências do seu uso. Desde os faraós Egípcios aos imperadores Persas, líderes Gregos e Romanos, todos eles já faziam uso do cão como elemento de guerra e a prática foi continuada ao longo da história, sempre numa adaptação permanente à necessidade do combate em cada época (Sloane, 1955).

A valência de cinotecnia constitui-se como uma ferramenta muito valiosa, usada por muitos dos exércitos modernos, com diversas características únicas. A presença de binómios junto de forças de infantaria apresenta-se como elemento diferenciador essencialmente na mitigação do risco e pode ser empregue em diversos cenários. Seja na prevenção de emboscadas, no apoio a golpes de mão ou na busca e patrulhamento, o cão consegue realizar missões com uma proficiência muito elevada assim como usar as suas capacidades sensoriais para salvar vidas (Headquarters Department of Army, 2005). No EP o emprego da cinotecnia é muito reduzido e, no que concerne às forças nacionais destacadas, inexistente.

O trabalho divide-se em três capítulos: um primeiro capítulo onde é realizado o enquadramento teórico através da revisão de literatura, um segundo capítulo onde é abordada a metodologia para a condução da investigação e um terceiro capítulo que incide sobre a análise das respostas às entrevistas.

A revisão de literatura é subdividida em quatro tópicos principais, a) o Cão Militar (CM), b) a cinotecnia no EP, c) o emprego da cinotecnia junto das unidades de manobra e d) os VD. a) No primeiro tópico pretende-se analisar e compreender o cão, bem como a

tipologia de missões que pode desempenhar, as suas limitações e potencialidades biológicas; b) no tópico seguinte pretende-se enquadrar a cinotecnia no EP, sintetizando um breve contexto histórico e analisando cada unidade que opera com binómios nas suas fileiras; c) o terceiro tópico pretende apresentar a aplicação das unidades cinotécnicas junto das forças em 1º escalão bem como a apresentação de alguns dados que incidem sobre o retorno operacional desta valência; e d) a revisão de literatura trata os VD, por intermédio de uma análise à doutrina, organização, treino, materiais, liderança, pessoal, interoperabilidade e infraestruturas, com a finalidade de compreender e descrever todos os desafios atinentes à implementação desta valência (Andrade et al., 2019)

No 2º capítulo, da metodologia, são apresentados os métodos, nomeadamente, os instrumentos de recolha, a amostra, o tipo de abordagem e os procedimentos para a condução do trabalho, possibilitando assim realizar a apresentação de resultados e respetiva discussão. Cada pergunta é analisada de forma individual coligindo as respostas e apresentando as ideias mais predominantes. Para além da apresentação dos pareceres preeminentes é ainda efetuado um cruzamento dos mesmos com a revisão de literatura.

Para orientar toda a investigação foi definido um objetivo geral (OG) consistindo em: Descrever um modelo adequado para a implementação da valência cinotécnica nos BI, através da análise de VD, assim como 4 objetivos específicos (OE) nomeadamente: OE1 – Especificar e analisar a capacidade cinotécnica existente no Exército Português; OE2 – Estudar o emprego da cinotécnica como elemento de apoio à Infantaria.; OE3 – Analisar cada vetor de desenvolvimento atinente à implementação de cinotecnia no EP.; OE4 – Estabelecer uma comparação entre as mais valias trazidas pelo cão e os desafios logísticos da implementação da valência cinotécnica nos BI.

De forma a ir ao encontro do OG da investigação, foi definida uma pergunta de partida (PP): Qual o modelo ideal para a implementação da valência de cinotecnia na Infantaria?

# CAPÍTULO 1 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

## 1.1 Cão Militar

### 1.1.1 Características do cão

O cão possui algumas características naturais que, quando trabalhadas e exponenciadas, o tornam uma mais-valia para fins militares. O instinto do cão é definido como “um estímulo interior e inato que induz os cães a realizarem atos relacionados com a sua conservação e reprodução” (Exército Português, 2020, p.32). A conservação é o seu instinto primário e não se cinge apenas à sua existência individual, mas também ao bem-estar da sua matilha. Os demais instintos suportam o principal, sendo eles o de caça, de presa, sexual, territorial e de defesa. A caça encontra-se intimamente ligada com a procura de alimentos, fazendo, muitas vezes, uso dos seus apurados sentidos de visão, audição e olfato. O instinto de presa relaciona-se com a vertente ofensiva e agressiva do cão, associado à necessidade de morder ou capturar o potencial alimento ou presa. O instinto sexual tem como finalidade a reprodução da espécie. Os instintos territorial e de defesa fazem com que o cão defina determinado espaço como seu e responda quando o mesmo ou a sua integridade são postos em causa (Exército Português, 2020a). Ainda que todos os cães possuam os referidos instintos, quando estes não são trabalhados e estimulados, correm o risco de ficarem entorpecidos, não atingindo o alto rendimento que é exigido ao Cão Militar (CM).

As capacidades sensoriais do cão são consideradas, por muitos, das suas principais vantagens, seja o olfato, a audição, a visão ou até a própria sensibilidade das patas que conseguem detetar vibrações no solo a longas distâncias.

O olfato procura sempre o gradiente crescente da concentração do odor (Oliveira, 2016), conseguindo o cão detetar uma colher de chá de açúcar inserida num depósito com cerca de 4 milhões de litros de água usando apenas o olfato (Powell, 2009). Esta capacidade deve-se à morfologia do seu nariz, que utiliza 40% das suas estruturas exclusivamente para a deteção de odores, ou seja, uma percentagem que pode chegar a ser 30 vezes superior à que é utilizada pelo nariz humano. Quanto ao número de células olfativas, o cão também é superior, podendo chegar a ter 60 vezes mais células do que o ser humano (Oliveira, 2016).

A audição do cão também é superior à do Homem, uma vez que o cão consegue detetar não só os intervalos audíveis para os seres humanos, mas também os inaudíveis. Assim, enquanto o Homem deteta frequências entre os 20 Hertz e os 20.000 Hertz, o cão tem a capacidade de detetar sons entre os 10 Hertz e os 40.000 Hertz (Oliveira, 2016). A

morfologia das suas orelhas e o facto de serem bidirecionais permitem ao cão detetar a origem do som e, automaticamente, girar a cabeça para a mesma (Oliveira, 2016).

No que às capacidades do cão diz respeito, são destacadas o olfato, a audição, a agilidade, a força e a resistência, como também a capacidade do emprego de força não letal, a facilidade de adaptação a novas substâncias e a possibilidade de operar com sucesso na maior parte dos ambientes e Teatros de Operações (TO) (NATO, 2018).

As limitações do cão podem ser divididas entre físicas, climatéricas, culturais, operacionais e táticas. Ao nível físico, o cão está vulnerável a lesões ou doença que, na prática, se podem traduzir em tempo de afastamento do combate e/ou treino. A nível de alimentação do CM o único requisito é ração que forneça nutrientes e a energia necessária, para o capacitar plenamente ao exercício (Schäfer & Hankel, 2020). No que se refere às condições climatéricas, quando extremas, podem condicionar a performance do cão. Também a nível cultural, o cão é perspectivado de forma muito distinta, variando de cultura para cultura, ou seja, pode ser visto como uma vantagem, no caso de ser percebido como algo aterrorizante para o inimigo, ou como uma desvantagem, se, no caso de forças conjuntas outros elementos não considerarem o cão como elemento digno. Por último, a nível operacional e tático não existem propriamente limitações, mas apenas considerações que têm de ser feitas como a preparação para diferentes formas de infiltração ou o treino com diferentes substâncias (Headquarters Department of the Army, 2005; NATO, 2018).

### **1.1.2 Seleção e treino**

Nem todas as raças de cães possuem a mesma aptidão para o desempenho de funções em ambiente militar e mesmo que a raça do candidato seja uma das identificadas com maior rentabilidade, o mesmo pode não chegar a servir nas fileiras. A seleção dos cães que integram as fileiras é feita através da avaliação de cinco critérios, sendo eles o temperamento ou carácter, a capacidade de trabalho, a avaliação médico-veterinária, a morfologia e rusticidade e a idade. Caso o cão seja aprovado em todos estes critérios, passa a integrar as fileiras do Exército (Exército Português, 2020a).

Os cães chegam ao Exército de três formas diferentes, através de aquisição, reprodução ou doação (Exército Português, 2020a). O processo de aquisição é validado por uma comissão de remonta<sup>1</sup> que tem como função garantir que o cão obedece aos critérios

---

<sup>1</sup> Conjunto de pessoas credenciadas para procederem à verificação da remonta. Na cinotecnia deverá ser constituída por um instrutor cinotécnico militar, um médico veterinário e um elemento com responsabilidade aquisitiva (Exército Português, 2020a).

definidos e que o preço é justificado para as características e qualidade que o cão apresenta. Após todo o processo de seleção, os cães são inseridos no Centro de Excelência Cinotecnico (CEC) e passam por um processo de adaptação e treino específico, onde recebem a sua formação base. Em caso de reprodução do cão, há que garantir a qualidade e pureza dos seus progenitores e que o processo de conceção foi bem executado (Exército Português, 2020a).

Existem diferentes abordagens teóricas na aprendizagem do cão, sendo as duas principais o condicionamento clássico e o condicionamento operante. O condicionamento clássico assenta na ideia de que o cão responde, por associação, a um estímulo que, em teoria, não deveria despertar qualquer reação. No condicionamento operante, a aprendizagem do cão é gerada por consequências positivas ou negativas ao seu comportamento (Castro et al., 2021).

As Tabelas 1 e 2 permitem compreender com mais pormenor a diferença entre as duas abordagens.

**Tabela 1: Condicionamento clássico VS Condicionamento operante**

Condicionamento Clássico	Condicionamento Operante
<p><u>Conceitos básicos:</u></p> <p><b>-Estímulo Neutro:</b> Estímulo que inicialmente não tem qualquer influência no comportamento do cão.</p> <p><b>-Estímulo Incondicionado:</b> Estímulo que desencadeia um comportamento inconsciente no cão.</p> <p><b>-Resposta Incondicionada:</b> Comportamento inconsciente provocado por um estímulo incondicionado.</p> <p><b>-Estímulo Condicionado:</b> Estímulo Neutro, que após o treino, passou a provocar um comportamento inconsciente no cão, ou seja, uma resposta Incondicionada.</p> <p><b>-Resposta Condicionada:</b> Comportamento inconsciente no cão provocado por um antigo estímulo neutro.</p>	<p><u>Conceitos básicos:</u></p> <p><b>Reforço Comportamental:</b> Algo que aumente a frequência, a duração e a intensidade do comportamento desejado num cão. Pode ser reforço por adição, quando se dá algo ao cão que goste, ou por eliminação de alguma coisa que o cão não goste.</p> <p><b>Inibidor Comportamental:</b> Algo que reduza a frequência, a duração e a intensidade de um comportamento do cão. Pode ser também por adição, quando se dá algo ao cão que ele não goste, ou por eliminação, quando se retira ao cão algo que ele goste.</p> <p>Nota: O sistema de reforço e inibidor tem de ter em conta o momento no qual o cão está a viver. Deve ser efetuado durante ou logo após a evidência do comportamento desejado. Dar de comida a um cão de barriga cheia, não será um reforço para um comportamento desejado.</p>

Fonte: (Vieira, 2020, p. 24)

**Tabela 2: Exemplo Clássico VS Operante**

Condicionamento Clássico	Condicionamento Operante
<p><u>Exemplo:</u>  <b>Estímulo Neutro:</b> Som de um sino.  <b>Estímulo Incondicionado:</b> Taça de Comida.  <b>Resposta Incondicionada:</b> Salivação quando a taça de comida aparece.  <b>Estímulo Condicionado:</b> Som de um sino ao mesmo tempo que a taça de comida aparece, repetido várias vezes.  <b>Resposta Condicionada:</b> Após o condicionamento, o som do sino sem a aparição da taça de comida provoca salivação no cão. O cão associou o som do sino à comida. Antigo estímulo neutro que provocou a reação desejada no cão.</p>	<p><u>Exemplo:</u>  <b>Experiência:</b> encontrar um item com odor humano.            Associar o odor humano a uma consequência boa.            Se o cão for em busca do mesmo, então será recompensado com um reforço de comida ou brinquedo.</p>

**Fonte: (Vieira, 2020, p. 25)**

Estas duas teorias de aprendizagem não se devem considerar opostas, tal como sugerem alguns autores, entre os quais (Harré, 2009), que apresenta o condicionamento clássico como o alicerce do operante, não devendo o condicionamento clássico ser aplicado de forma isolada no processo de aprendizagem do cão.

O treino dos CM deve incidir em duas tipologias distintas, o básico e o avançado. Na fase inicial do treino o cão desenvolve um trabalho de habituação ao treinador, obediência e condicionamento físico base. Concluindo com sucesso a formação base, o cão continua o seu desenvolvimento para aquelas que são as suas tarefas específicas (Vieira, 2020).

### **1.1.3 Especialidades e tarefas**

#### **Doutrina Nacional**

Os CM assumem funções consoante o seu treino e especialização. No entanto, dividem-se em duas categorias principais: o Cão de Guerra (CG) e o Cão de Polícia Militar (CPM). Estas duas categorias distinguem-se, essencialmente, no tipo emprego que é dado ao cão. Enquanto o CG é empregue nos mais diversos cenários, inseridos em níveis de violência compreendidos entre a guerra subversiva e a guerra total, o CPM opera num nível de violência compreendido entre a paz estável e a paz instável. Apesar de o emprego se apresentar como a principal diferença entre as duas tipologias, esta não é a única. Enquanto

o CG tem como função primária cumprir ações de combate como elemento de apoio, podendo ainda ser empenhado em operações de apoio à paz (OAP) e de manutenção e imposição de paz, o CPM tem como papel principal o cumprimento de missões de imposição de lei em apoio a equipas da policia do exército (PE) e são preparados para atuarem no controlo de tumultos, em missões de patrulhamento ou em missões de segurança a tropas, equipamentos e instalações (Exército Português, 2020a).

Dentro das duas tipologias apresentadas, os cães podem assumir diferentes especializações, designadamente: cão explorador, cão de guarda, cão de sentinela, cão de deteção, cão de busca e salvamento, cão de demonstração da capacidades e cão de cinoterapia (Exército Português, 2020a).

Os cães exploradores<sup>2</sup> são empregues em reconhecimentos de áreas edificadas ou itinerários, na neutralização de ameaças ou ataque de inimigos, na proteção da força e ainda, como unidade de apoio, na deteção da presença de atividade inimiga, fazendo uso das suas capacidades sensoriais, atuando com ou sem trela e utilizando equipamento que exponencie a visibilidade em ambientes onde esta é reduzida (NATO, 2018). No entanto, o treino e preparação destes cães são morosos e complexos, pelo que, o número de animais que consegue recolher os requisitos necessários para assumir esta especialidade é reduzido (Exército Português, 2020a).

O cão de guarda<sup>3</sup> é utilizado, essencialmente, como elemento dissuasor, uma vez que, o mero conhecimento de que o inimigo emprega binómios, por vezes, é suficiente para reduzir a vontade de eventuais opositores realizarem missões de sabotagem, intrusão ou alteração de ordem pública. Por norma, estes cães são empregues em pontos fixos ou de vigilância móvel (Headquarters Department of the Army, 2005). O cão de sentinela tem uma função semelhante à do cão de guarda com a diferença que este opera sozinho, sem o seu tratador (Exército Português, 2020a). Os cães têm capacidade de sentir vibrações no solo que muitas vezes não conseguem ser identificadas por sistemas eletrónicos (Correia et al., 2017).

Os cães de deteção<sup>4</sup> são especializados na marcação de apenas uma tipologia de substâncias, seja ela de estupefacientes, explosivos, armamento ou minas (Exército Português, 2020a). Os cães de deteção de estupefacientes são exclusivamente CPM (Exército Português, 2020a).

---

<sup>2</sup> Ver anexo A – Tarefas do binómio Explorador.

<sup>3</sup> Ver anexo B – Tarefas do binómio de Guarda e Cão Sentinela.

<sup>4</sup> Ver anexo C – Tarefas do binómio de Deteção.

O cão de busca e salvamento<sup>5</sup> atua em dois ambientes distintos: em grandes áreas e em escombros. Ao longo do seu treino, o cão é preparado para identificar odor humano apenas num destes ambientes, podendo operar em cenários militares ou em missões de apoio civil. A sua preparação é feita para atuar num ambiente único, ainda que o método de deteção seja idêntico.

Uma outra especialização para a qual o cão pode ser trabalhado é a cinoterapia<sup>6</sup>. Os cães de cinoterapia são preparados para dar apoio no tratamento de pessoas com deficiência ou alterações de funções psíquicas ou motoras, bem como no combate à fobia e medo de cães.

O tempo de vida de um cão é limitado pelo que, muitas vezes, após atingir o auge das suas capacidades operacionais e começar a perder algumas das suas faculdades, o cão tem de enveredar por missões mais simples e que impliquem um menor risco, acabando muitas vezes por adotar a especialidade de cão de demonstração de capacidades. Estes cães são utilizados, essencialmente, para ações de divulgação e promoção das Forças Armadas (FFAA) (Exército Português, 2020a).

Todas as especialidades descritas podem ser trabalhadas tanto nos CG como nos CPM, com exceção da especialidade de cão explorador, que é exclusiva para CG e a especialidade de cão de deteção de estupefacientes, que é exclusiva para CPM (Exército Português, 2020a).

### **Doutrina OTAN**

Na doutrina da OTAN, a nomenclatura das missões que os CM podem assumir alteram ligeiramente, sendo elas: Patrulha e Deteção de Explosivos, Busca de Alta Segurança, Deteção de Explosivos, Deteção de Minas, Deteção de IED, Baixas ou Cadáver, Deteção de Estupefacientes, Patrulha e Deteção de Droga, Rasto e de Patrulha (OTAN, 2018).

Os cães de patrulha, por norma, são empregues em reconhecimentos de áreas edificadas ou itinerários, para neutralizar ameaças ou atacar inimigos, para proteção da força e ainda como unidade de apoio, que pode estar presente num posto de observação ou num posto de escuta (PO/PE), utilizando as suas capacidades sensoriais para melhor detetar a presença de atividade inimiga (Headquarters Department of the Army, 2005). Os cães de deteção de explosivos são trabalhados para conseguirem identificar com sucesso armas de

---

<sup>5</sup> Ver anexo D – Tarefas do binómio de Busca e Salvamento.

<sup>6</sup> Ver anexo E – Tarefas do binómio de Cinoterapia.

fogo e explosivos, sejam eles de natureza militar ou comercial. Estas duas tipologias de cão – cães de patrulha e cães de deteção de explosivos – podem ser combinadas numa só, criando assim os cães de patrulha e deteção de explosivos, que são cães que assumem as finalidades e executam as missões de ambas as tipologias (NATO, 2018).

O cão de busca de alta segurança tem como missão principal a deteção de explosivos comerciais e militares, bem como de outras componentes presentes nos dispositivos explosivos improvisados. Por norma este cão é operado por equipas avançadas de busca (NATO, 2018). O cão de deteção de minas tem como principal objetivo a identificação de minas anti-carro e de minas anti-pessoal e não se confunde com o cão de deteção de engenhos explosivos improvisados, na medida em que o segundo não deteta minas, mas sim engenhos improvisados (NATO, 2018). O cão de deteção de estupefacientes procura drogas e outras substâncias semelhantes e, quando acumula esta função com a de cão de patrulha, cria a tipologia de cão de patrulha e deteção de estupefacientes. O cão pisteiro tem como missão principal seguir o rasto de um ou mais indivíduos. Fazendo uso das suas capacidades olfativas, encontra a ameaça através do odor (NATO, 2018). O cão de baixas e de cadáver segue finalidades semelhantes às do cão pisteiro. Estas duas tipologias diferem apenas quanto ao tipo de vítima que procuram, designadamente, quanto ao estado da mesma quando é encontrada (Headquarters Department of the Army, 2005).

Nenhuma destas tipologias detém missões diversas das existentes na doutrina Portuguesa. Contudo, diferem ligeiramente na nomenclatura dada e no agrupamento de funções adotado dentro de algumas especialidades (NATO, 2018). Os candidatos escolhidos para o desempenho de funções de CG ou CPM são maioritariamente pastores belgas, pastores alemães, pastores holandeses, labradores retriever e o cocker spaniel (Vieira, 2020).

Segundo (Altamura, 2015) os binómios preparam-se para lidar contra ameaças de IED, explosivos militares, comerciais ou caseiros, atividade criminosa, emboscadas, intrusões e busca de armamento ou munições. Contudo, esta lista de ameaças não é estrita, pois os binómios podem fazer face a outras tipologias de ameaça.

## **1.2 Cinotecnia no Exército Português**

Para compreendermos a capacidade cinotécnica no EP, surge a necessidade de explicar o conceito de cinotecnia, sendo esta “a atividade que, ao potenciar as características naturais dos cães ou características especiais de indivíduos, independentemente da raça, ao nível da sua morfologia, temperamento e/ou instinto ou instintos naturais, os condiciona

através do ensino e do treino, ou faz uso dos mesmos, para um fim útil” (Exército Português, 2020, p.31), ou seja, não se cinge apenas ao cão em si mas sim em todo o processo de influenciar o comportamento do cão para que possa atingir a finalidade pretendida pelo seu treinador.

De forma a podermos analisar a capacidade e forma de emprego atual, assim como uma possível expansão de emprego da cinotecnia, importa clarificar as diversas tipologias de BI existentes assim como as tipologias de operações que podem ser conduzidas no EP.

### **1.2.1 Tipologia de forças e operações**

O EP pode desempenhar um total de quatro tipologias de operações: ofensivas, defensivas, estabilização e de apoio civil, sendo que as operações de estabilização são conduzidas exclusivamente fora do território nacional, imediatamente o oposto das operações de âmbito civil que só acontecem em território nacional (Exército Português, 2012; Headquarters Department of the Army, 2008).

A operação ofensiva é determinante na resolução dos conflitos, a única forma de garantir a vitória e o sucesso num conflito armado pretendendo esta tipologia de operações essencialmente assolar as forças opositoras ou a conquista de terreno. As ofensivas têm como tarefas primordiais a marcha para o contacto, o ataque, a exploração e a perseguição (Headquarters Department of the Army, 2008). Inseridas nos ataques, temos diversas tipologias do mesmo como o Imediato, o deliberado e ataques de finalidade específica onde se inserem o contra-ataque, o ataque desorganizante, o reconhecimento em força, o golpe de mão e a emboscada, entre outros. A exploração e a perseguição têm como principal diferença a sua finalidade, sendo a exploração feita para manter a iniciativa e a perseguição para estreitar o contacto ou restabelecer o contacto com o inimigo, podendo a perseguição deriva de uma exploração (Exército Português, 2012).

A operação defensiva tem como principal finalidade a criação de condições para a condução de uma ofensiva, tendo como tarefas primordiais a defesa móvel, a defesa de área e as operações retrógradas (Exército Português, 2012; Headquarters Department of the Army, 2008). Já as operações de estabilização pretendem promover um ambiente seguro, definir áreas seguras, garantir as necessidades primordiais da população civil, garantir apoios para a organização governamental do país anfitrião e ajustar o clima vivido, de forma que os próprios agentes de autoridade e de proteção civil possam cumprir a sua missão com sucesso (Headquarters Department of the Army, 2008).

A operação de apoio civil tem como finalidade o salvamento de vidas humanas, o restabelecimento de serviços mínimos de apoio à população, manter ou restabelecer a ordem, e a proteção de edifícios ou património, entre outras (Exército Português, 2012).

Relativamente à tipologia de BI, o EP prepara três tipologias de forças diferentes sendo elas ligeiras, médias e pesadas. As forças ligeiras são essencialmente forças com um elevado estado de prontidão e facilmente projetáveis, com menos capacidade de proteção e letalidade, mas com uma maior mobilidade estratégica. As forças médias por sua vez, são forças com um nível de blindagem acrescido, mais poder de fogo e uma boa capacidade de projeção, não tão rápida como em forças ligeiras, com um decréscimo na sua mobilidade estratégica, mas com um aumento da mobilidade operacional, quando comparado com as forças ligeiras. As forças pesadas possuem um poder de fogo ainda mais reforçado, um grau de proteção superior às demais. São, no entanto, mais limitadas no que concerne à mobilidade estratégica e operacional (OTAN, 2009) (Oliveira, 2021).

**Tabela 3 - Comparação Tipologia De Forças**

	<b>Mobilidade Estratégica</b>	<b>Mobilidade Operacional</b>	<b>Mobilidade Tática</b>	<b>Grau de Proteção</b>	<b>Poder de Fogo</b>
<b>Forças Ligeiras</b>	Elevada	Média	Reduzida	Reduzido	Reduzido
<b>Forças Médias</b>	Média	Alta	Média	Considerável	Considerável
<b>Forças Pesadas</b>	Baixa	Alta	Média	Máximo	Máximo

**Fonte: Elaboração Própria**

No EP os BI considerados como forças ligeiras pertencem à Brigada de Reação Rápida (BrigRR), à Zona Militar dos Açores (ZMA) e Zona Militar da Madeira (ZMM). Inseridos nestas forças estão os BILig da ZMA e ZMM, o BCmds da BrigRR e os BIPara da BrigRR. A Força de Operações Especiais (FOE) também se encontra sob responsabilidade da BrigRR, não se constituindo, no entanto, como força de Infantaria. Os BI das forças médias são os Batalhões de Infantaria Mecanizada de Rodas (BIMecRodas), que se encontram na dependência da Brigada de Intervenção (BrigInt) no Regimento de Infantaria nº13 (RI13) e Regimento de Infantaria nº14 (RI14). As forças pesadas encontram-se na

Brigada Mecanizada (BrigMec) e o único BI nesta tipologia de força é o Batalhão de Infantaria Pesada (BIPes) (Exército Português, 2022).

### **1.2.2 Unidades cinotécnicas**

A cinotecnia no EP encontra-se localizada em três pontos: no Regimento de Lanceiros nº2 (RL2) no Módulo Cinotécnico, inserido no Pelotão de Apoio do Grupo de Polícia do Exército (GPE); no Pelotão Cinotécnico, inserido na Companhia de Comando e Apoio do Batalhão Operacional Aerotransportado (BOAT); e na Seção Cinotécnica, inserida no Pelotão de Guarnição e Segurança aos Paióis de Santa Margarida, no Campo Militar de Santa Margarida (CMSM) (Exército Português, 2015, 2016, 2020c) (Carvalho, 2019).

O GPE<sup>7</sup> tem diversas possibilidades previstas em QO, entre as quais se destacam (para o âmbito da cinotecnia) o “Emprego de equipas cinotécnicas, no âmbito da deteção de explosivos e de estupefacientes, da busca e salvamento e do uso da força” (Exército Português, 2015, p. 4), tendo previsto para o cumprimento desta possibilidade um módulo cinotécnico comandado por um subalterno e composto por uma equipa de busca e deteção de explosivos, duas equipas de busca e deteção de estupefacientes e três equipas de guarda, sendo que cada equipa é composta por um sargento, um cabo e um soldado perfazendo um total de um oficial, seis sargentos e doze praças (Exército Português, 2015).

Uma das possibilidades que o BOAT<sup>8</sup> apresenta no seu QO é a capacidade de “Reforçar os Batalhões de Infantaria Paraquedista e a segurança Bases de Partida e Bases Avançadas com equipas cinotécnicas.” (Exército Português, 2016, p. 4), tendo previsto organicamente duas equipas de patrulhas compostas por dois Cabos e quatro Soldados cada, sendo o comando da equipa atribuído a um Sargento e o comando do pelotão a um oficial subalterno coadjuvado por um Sargento-Ajudante perfazendo um total de um oficial, três sargentos e doze praças (Exército Português, 2016).

O CMSM<sup>9</sup> tem previsto organicamente dois praças e um sargento (comandante da seção), sendo que cada militar tem o seu canídeo e o respetivo curso de tratador, tendo como missão principal garantir a segurança aos paióis nacionais à guarda do CMSM.

---

<sup>7</sup> Ver Anexo F – Quadro Orgânico do Módulo Cinotecnico do GPE.

<sup>8</sup> Ver Anexo G – Quadro Orgânico do Pelotão Cinotecnico do RPara.

<sup>9</sup> Ver Anexo H – Quadro Orgânico da Seção Cinotécnica do CMSM.

### 1.3 Cinotecnia como elemento da manobra na Infantaria

O uso de CM junto da manobra das subunidades não é novidade, sendo já uma prática milenar. Ainda que os últimos 150 anos tenham sido marcados por um avanço tecnológico exponencial, o baixo custo, eficiência e eficácia do emprego dos binómios continua a ultrapassar o uso da tecnologia como ficou demonstrado na operação Lança de Neptuno. Nesta operação, conduzida pela Seal Team Six<sup>10</sup> em condições cirúrgicas<sup>11</sup> e que tinha como objetivo matar Osama Bin Laden<sup>12</sup>, a tecnologia e o cão foram usados em simbiose e permitiram alcançar o sucesso, através da morte do terrorista mais procurado do mundo (The FieldCraft Survival Channel, 2020) (Chesney et al., 2020). Os efeitos práticos da utilização dos binómios de deteção de IED em TO são notórios, como foram exemplo o Afeganistão ou o Iraque. Nos TO do Afeganistão e Iraque, os binómios de deteção de IED apresentaram uma eficácia de 80%, contrastando com uns modestos 50% conseguidos pela utilização de tecnologia e aparelhos destinados à procura dos IED, além de que, os binómios atuaram de forma mais rápida, eficiente e com menos risco de vidas humanas (Powell, 2009).

Atuando como um multiplicador de forças (Headquarters Department of the Army, 2005), um binómio tem a capacidade de replicar o trabalho de uma secção inteira em certas tarefas. No entanto, a relação de confiança dentro do binómio é um requisito chave para que o binómio atinja os níveis máximos de proficiência (Ministry of Defence, 2015).

Outras vantagens que a utilização de cinotecnia apresenta são por exemplo o baixo custo de manutenção e o seu efeito moral (Cunha, 2013). Não só os custos de manutenção são reduzidos, como na própria aquisição os custos podem apresentar-se diminutos, desde que devidamente enquadrados. Um curso de paraquedista para praças tem o custo de aproximadamente 8.000,00€ por militar (Exército Português, 2019), um curso de tratador/conductor tem um custo de cerca de 6.500,00€ por militar (Exército Português, 2020d).

Das diversas tipologias de forças que operam no terreno, as forças de Infantaria são aquelas que se encontram mais expostas e vulneráveis a ameaças diretas do inimigo, sendo também estas forças que muitas vezes assumem a dianteira de combate e realizam as operações mais críticas. Dado o emprego da Infantaria nas tarefas críticas, muitas vezes, estas unidades são reforçadas com outro tipo de valências ou especialidades para melhor

---

<sup>10</sup> Equipa de Operações Especiais da Marinha dos Estados Unidos da América.

<sup>11</sup> “Operações realizadas em condições cirúrgicas incluem incursões para fins especiais, ataques de precisão de pequeno porte” (Exército Português, 2011, pp. 2–4).

<sup>12</sup> Osama Bin Laden é considerado por muitos como o maior terrorista de todos os tempos, líder e fundador da Al-Qaeda e responsável pelo planeamento do atentado às torres gémeas de 11 de setembro de 2001.

cumprirem a missão, sendo uma dessas valências a cinotecnia. Com aptidão de exponenciar a capacidade de qualquer força de Infantaria, os CM foram largamente utilizados pelos Estados Unidos da América (EUA) durante os conflitos do Iraque e Afeganistão com um número de cães projetados entre os 2000 e os 2600 binómios, nos anos de 2002 a 2010, no Iraque, bem como em 2001 e 2014, no Afeganistão (Miller et al., 2018). Foram empregues para estes teatros cães de uso múltiplo<sup>13</sup>, cães de deteção de explosivos e cães de deteção de engenhos improvisados. No decorrer das operações, o cão não corre menos perigo do que os restantes militares, sendo que, no conjunto dos dois TO referidos, no período temporal compreendido entre 2001 e 2013, morreram 109 cães militares, dos quais 57,6% foram mortos a tiro ou através de explosões ou estilhaços (Miller et al., 2018).

O retorno operacional da cinotecnia ficou bem patente numa operação de reconhecimento em 2009 no Afeganistão. Após receberem informações de uma possível movimentação inimiga nas imediações do complexo onde se encontravam, foi enviada uma equipa para averiguar a situação com um binómio junto da força. Durante o reconhecimento, após ter sido identificado um motociclo, o líder da equipa decidiu soltar o cão, *Chopper*, na procura da ameaça. O *Chopper* era um cão de tripla valência (*Multi-Purpose-Canine*), identificou e atacou a ameaça permitindo ao condutor, que ia acompanhando a movimentação do cão à distância, efetuar fogo ajustado sob a ameaça. Ao regressarem ao complexo o cão sinalizou a existência de explosivos que tinham sido colocados nas imediações do complexo, prontos a serem detonados pela ameaça que acabara de ser neutralizada. A ação do *Chopper* naquele dia salvou perto de 70 militares, 60 dos quais membros pertencentes aos *Navy Seal* (Smithsonian Channel, 2015).

#### **1.4 Os Vetores de Desenvolvimento**

Os VD são, na prática, um “conjunto de elementos e componentes, que são necessários materializar para permitir o emprego de uma capacidade, sendo eles a doutrina, organização, treino, material/equipamento, liderança, pessoal, infraestruturas e interoperabilidade.” (Andrade et al., 2019, p. 13) e a análise conjunta de todos os vetores permite uma visão completa sobre a capacidade em causa. Esta análise é utilizada pela OTAN numa ótica de guiar o progresso de uma capacidade militar ou o seu aperfeiçoamento (Exército Português, 2020b). Apesar da cinotecnia não ser considerada uma capacidade, mas

---

<sup>13</sup> Em inglês *Multi-Purpose Canine* um cão semelhante ao Cão de Guarda ou Cão Explorador na doutrina nacional.

sim uma valência, a análise do DOTMLPFI<sup>14</sup> continua a ser aplicável, apropriada e com garantias de uma análise completa que aborda todas as necessidades de qualquer capacidade.

O vetor Doutrina segundo Moura (2010, p. 2) “Fornece o racional para a organização das forças militares, determina o seu emprego em operações, auxilia na definição de missões e funções adequadas, orienta a aquisição de equipamentos e armamentos, permite operações inter-ramos e facilita a participação em operações multinacionais”. Esta visão é partilhada por Andrade et al. (2019, p. 9), que apresenta a doutrina como um “conjunto de princípios e regras que visam orientar as ações das forças e elementos militares”. Aquando da análise a este vetor devemos ter em conta alguns pontos, como procurar perceber se já existe alguma doutrina que incida sobre a capacidade que pretendemos analisar ou relacionada com a mesma, se existem técnicas táticas e procedimentos (TTP) que não estejam a ser cumpridos, se a criação de TTP poderia auxiliar no cumprimento da missão ou não e – no caso da doutrina ou TTP’s serem inexistentes –, se a criação das mesmas traria soluções ainda que parciais 15 (Exército Português, 2020b).

O vetor organização, na prática, traduz-se na elaboração de um quadro orgânico que consiga assegurar o emprego e sustentabilidade da capacidade, assim como garantir a otimização dos recursos disponíveis para a mesma (Andrade et al., 2019). Para uma correta análise a este vetor é crucial a compreensão da missão primordial e secundária, dos valores e prioridades organizacionais que pretendemos para esta valência, assim como se existem recursos materiais, financeiros e humanos disponíveis que consigam dar uma resposta positiva às solicitações da mesma. É necessário ainda compreender o nível do estado de *awareness* dos órgãos singulares de decisão (Exército Português, 2020b).

O treino é definido por Andrade et al. (2019) como “os processos de organização das situações de aprendizagem, através da aplicação prática e sistemática dos conhecimentos adquiridos e cuja finalidade é a manutenção e aperfeiçoamento dos conhecimentos/aptidões/atitudes previamente adquiridos, associados à aplicação/emprego de uma determinada capacidade” (p.9). Esta aplicação deve ser fundamentada e orientada pelo previsto doutrinariamente para o emprego das forças. Na prática, o treino representa a aplicação da doutrina, de forma continuada e com o objetivo de aprimorar e manter as capacidades das forças num elevado estado de prontidão. Quando abordamos o treino temos de garantir que o seu desenvolvimento não é aleatório, que existe uma monitorização e avaliação e que o mesmo é executado de forma eficaz, oportuna e com os meios materiais e

---

<sup>14</sup> *Doctrine, Organization, Training, Materiel, Leadership, Personnel, Facilities and Interoperability.*

<sup>15</sup> Informação sintetizada no Anexo B.

humanos necessários para a sua condução. Deve ser ainda analisado o apoio dado por parte da estrutura de comando ao treino, de forma a garantir a sua correta e prolífera<sup>16</sup> execução (Exército Português, 2020b).

O vetor dos materiais analisa todos os requisitos para a operacionalização e sustentação de uma capacidade, garantido um sistema de aquisição, reabastecimento e distribuição que consiga responder às solicitações operacionais e logísticas necessárias (Andrade et al., 2019). Para além destas considerações, é importante perceber se os equipamentos adquiridos são adequados para o cumprimento da missão, quem serão os utilizadores do equipamento e se os mesmos possuem formação para o operar e se seria necessário desenvolver um novo sistema para colmatar alguma eventual lacuna (Exército Português, 2020b).

A liderança pretende munir os comandantes de todos os escalões com as competências necessárias para o comando e controlo desta valência, sendo este vetor abrangente nos seus domínios, pois não se limita aos comandantes diretos dos operacionais que operam com os cães, mas também com os comandantes das unidades de infantaria que poderão empregar os binómios junto das suas unidades (Andrade et al., 2019). Neste âmbito específico torna-se necessário assegurar a compreensão das problemáticas e realidades vividas pelas unidades cinotécnicas, por parte dos oficiais superiores, proporcionar uma formação integral e plena aos comandantes destas unidades, de forma a garantir que os mesmos dispõem de capacidades para solucionar quaisquer problemas que surjam, assim como acautelar que a liderança não afeta a capacidade de qualquer unidade de conduzir operações (Exército Português, 2020b).

O parâmetro do pessoal incide nos recursos humanos necessários para a operacionalização, sustentação e manutenção da capacidade. Utilizando como base o quadro orgânico de pessoal, as diferentes funções devem estar definidas, assim como a qualificação mínima necessária para cada função (Andrade et al., 2019). Na análise aos recursos humanos necessários para esta capacidade, será imprescindível garantir que os militares previstos conseguem dar resposta às missões da unidade e que os mesmos têm as qualificações necessárias para operar na mesma, analisando também a concordância entre a descrição prevista da função e o trabalho real desempenhado pelos militares. Nesta análise devem ainda ser tidas em conta as consequências do não cumprimento dos números mínimos previstos (Exército Português, 2020b).

---

<sup>16</sup> Sinónimo de produtiva.

O vetor infraestruturas analisa todas as necessidades ao nível de áreas edificadas ou outros edifícios de apoio que sejam necessários para aquartelar, preparar e aprontar forças. Esta análise não deve ser restrita ao território nacional, deve também ser alargada para a realidade de Forças Nacionais Destacadas (FND) (Andrade et al., 2019). Neste âmbito, é importante dissecar as necessidades específicas para cada capacidade, que podem carecer de infraestruturas específicas ou de características específicas, prevenindo todos os problemas e constrangimentos que podem advir da inexistência de certas condições de apoio (Exército Português, 2020b).

A Interoperabilidade, que é definida pela OTAN como a capacidade de atuar em conjunto de forma coerente, eficiente e eficaz, conseguindo atingir objetivos táticos, operacionais e estratégicos da Aliança (OTAN, 2014), pode ser vista de duas perspetivas diferentes. Do ponto de vista interno da interoperabilidade, necessário para que as forças atuem juntas, e da interoperabilidade que tem de existir com forças aliadas, em missões ou exercícios conjuntos. Independentemente da esfera ou da perspetiva na qual a interoperabilidade é abordada, a mesma deve conter os requisitos inicialmente referidos, sejam eles de teor mais técnico, físico, legal, tecnológico ou ambiental (Andrade et al., 2019). Internamente, é importante clarificar todos os pontos que carecem de adaptações, de forma a conseguir garantir uma harmonia nos procedimentos, assim como antecipar os problemas que a falta da interoperabilidade pode trazer (Exército Português, 2020b).

## CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA

### 2.1 Método e Procedimento

Para a realização deste Trabalho de Investigação Individual (TIA) foi utilizada uma abordagem qualitativa sendo a sua natureza exploratória descritiva. O método de abordagem selecionado foi o método indutivo que segundo Marconi et al. (2003, p. 86) pretende “levar a conclusões cujo conteúdo é muito mais amplo do que o das premissas nas quais se baseia”. A abordagem qualitativa segue 6 passos principais: a definição do objeto de estudo e das perguntas de investigação, a seleção de tópicos importantes para a temática, a recolha de dados, a interpretação dos mesmos, a contextualização e trabalho teórico e as conclusões (Bryman, 2012).

Para o início do estudo foram realizadas entrevistas exploratórias com o objetivo de compreender a viabilidade e pertinência da temática em questão assim como formular aqueles que seriam o OG, OE, PP e as consequentes PD. O 1º e 2º passo da abordagem qualitativa de Bryman foram concretizados neste momento.

Na 1ª fase do trabalho realizou-se a revisão da literatura com a finalidade de clarificar conceitos fundamentais. Foram clarificados conceitos como o cão enquanto animal e ferramenta de trabalho, a cinotecnia como valência de combate com todo o seu encargo de aquisição, a formação e emprego operacional e a situação atual vivida no EP e nas FFAA. Foi ainda realizada uma conceitualização atinente aos VD com uma explicação sumária da sua essência.

A 2ª parte do trabalho incidiu sobre a realização de entrevistas a diversos especialistas da área. Para a realização das entrevistas foi construído um guião de entrevista<sup>17</sup>, de acordo com os objetivos anteriormente propostos e posteriormente efetuada uma análise de conteúdo. Para a realização desta análise foi criado um sistema de unidades de significado que nos permitirão analisar os dados na 3ª fase do nosso trabalho. Na 1ª e 2ª parte do trabalho foram trabalhados de forma simultânea desde o 3º ao 5º passo da abordagem qualitativa de Bryman.

A 3ª e última fase do trabalho incidiu na realização da análise de conteúdo das entrevistas, utilizado o software *NVIVO* e, após o cruzamento da revisão de literatura e do conteúdo das entrevistas, foram tiradas as conclusões do trabalho. Para a referenciação do

---

<sup>17</sup> Ver Apêndice A – Guião de Entrevistas.

trabalho foi utilizado o software *Mendeley*, tendo sido feita uma verificação dos diversos campos de preenchimento na plataforma.

## **2.2 Modelo de Análise**

De forma a conseguir conduzir toda a investigação, foi definida uma PP que de acordo com Rosado, (2017) é “como um farol que orienta todo o estudo do investigador e que está obviamente perfilado com os objetivos gerais de investigação” (p.122). A investigação procurava responder à PP: “Que modelo seria adequado para a implementação da valência de cinotecnia na Infantaria?”. Para este trabalho foi definido o OG “Descrever um modelo adequado para a implementação da valência cinotécnica nos BI, através da análise de vetores de desenvolvimento”. Para além do OG foram definidos ainda 4 OE que auxiliam a condução da investigação, assim como complemento e para auxiliar na resposta à PP foram definidas 4 perguntas derivadas (PD) sendo elas:

- PD1 – Quais as missões atribuídas às equipas cinotécnicas no Exército Português e qual a sua capacidade de resposta?
- PD2 – De que forma a infantaria precisa de treinar e empregar equipas cinotécnicas?
- PD3 – Quais são os maiores desafios na implementação da valência cinotécnica na Infantaria?
- PD4 – Quais são as mais valias dos binómios cinotécnicos que justifiquem os desafios logísticos que a sua implementação traz?

## **2.2 Amostra**

Foram entrevistados um total de 21 elementos, todos do sexo masculino, pertencentes ao Exército, Força Aérea, Polícia de Segurança Pública (PSP) e da Guarda Prisional. Dos 21 elementos, 15 trabalharam ou trabalham diariamente com cães e 6 trabalharam ou trabalham de forma indireta com cães.

Numa ótica de tentativa de enriquecimento do trabalho foram efetuados contactos com entidades estrangeiras nomeadamente com a unidade OKETZ das Forças Armadas de Israel, com entidades Francesas, Espanholas e dos Estados-Unidos da América, no entanto, por impossibilidades administrativas e burocráticas não foi possível realizar as entrevistas.

## **2.2 Instrumentos**

Para recolha de dados, para além da revisão de literatura, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, conduzidas através de um guião de entrevista com perguntas que abordam tópicos específicos, sem afunilar ou restringir a resposta, permitindo aos entrevistados alguma flexibilidade na resposta dada, de acordo com o descrito por Bryman (2012).

A maioria das entrevistas foi realizada de forma presencial. As que não foram realizadas de forma presencial, foram realizadas através da plataforma *Zoom*. Após a realização das entrevistas, as respostas foram transcritas, utilizando para o efeito a gravação consentida pelo entrevistado e enviadas as transcrições para o mesmo. Para efeitos de análise de conteúdo só foram consideradas as respostas retificadas pelos entrevistados.

## CAPÍTULO 3 – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

### 3.1 Apresentação de Resultados

Para a análise de conteúdo foi utilizado o software *NVIVO*, uma plataforma que tem como finalidade principal a análise de conteúdo de dados qualitativos. Para cada PD e para a PP foram criadas categorias com o propósito de agrupar as respostas dadas pelos entrevistados.

A categorização foi criada com base no guião da entrevista e divide-se em duas categorias principais: a 1ª categoria incide na análise do cão e no emprego dos binómios junto das unidades de manobra; a 2ª categoria aborda os VD. Cada uma das categorias ficou subdividida em número igual de perguntas, ou seja, para o 1º grupo de questões que possui 5 perguntas, foram criadas 5 subcategorias ou categorias de nível 2. Todas as categorias de nível 2 foram ainda dissecadas em 2 ou mais categorias de nível 3. Das 14 categorias de nível 2, somente 6 categorias não se desdobram até o nível 4 e nenhuma chega ao nível 5 de ramificação. No Apêndice A e B encontra-se a categorização esquemática utilizada para análise de conteúdo.

#### **Vantagens<sup>18</sup>**

As vantagens na cinotecnia foram referidas em 20 entrevistas e evidenciadas<sup>19</sup> 74 vezes, com especial destaque para as vantagens operacionais e fisiológicas do cão. As vantagens operacionais foram averiguadas em 20 entrevistas e evidenciadas por 41 vezes. A defesa de pontos sensíveis tem 10 unidades de registo<sup>20</sup>, a deteção de explosivos possui 11, assim como a intervenção tática e as patrulhas possuem 13 unidades de registo. As opiniões relativamente às vantagens do cão estão espelhadas em respostas como as do E10, de acordo com o qual “O cão consegue fazer uma leitura antecipada de tudo o que acontece, seja na reação a emboscadas, na entrada em edifícios, na deteção de explosivos entre outros o que permite um maior tempo de decisão (...)” ou do E13, quando refere que “Os CM funcionam como meio privilegiado de deteção e dissuasão, detendo alguns exemplares a capacidade de ser empregues como força não letal. O cão militar representa uma ferramenta versátil e adaptável para combater ameaças assimétricas num ambiente de forças operacionais”.

---

<sup>18</sup> Resumo das respostas no Anexo E.

<sup>19</sup> São consideradas evidências os excertos de texto codificados sobre o tópico.

<sup>20</sup> Significado análogo ao das evidências.

Os efeitos psicológicos no inimigo através da utilização da cinotecnia foram mencionados em 9 entrevistas com 10 evidências no texto. Os efeitos produzidos pelo cão no inimigo foram referidos por 8 entrevistados em 9 unidades de registo, enquanto os efeitos nas nossas forças foram aludidos em 6 entrevistas. Como descrito por E14, “O cão integrado numa equipa funciona como elemento motivador e de ligação, reforça os laços e a coesão de uma unidade.”, efeito este comprovado por uma experiência operacional relatada pelo E6, segundo o qual “o well fare que o cão traz é incalculável, experienciado em 1ª mão durante a missão do Afeganistão”. Quanto ao efeito do cão no inimigo, E6 refere que “O cão tem um efeito dissuasor gigante, dependendo do TO onde se opera, a presença do cão pode significar um terror autêntico”, o mesmo menciona o E18, que entende que “Para certos indivíduos a utilização do cão cria medo de forma inconsciente”.

Os fatores fisiológicos do cão<sup>21</sup> foram citados por 15 entrevistados em 18 unidades de registo. O olfato foi o fator indicado com mais frequência, num total de 11 unidades de registo em 10 entrevistas, pois, tal como menciona o E19, “através do seu dotado olfato, [o cão] tem capacidade para detetar explosivos ou até a procura de odor humano, fazendo uso destas capacidades o cão consegue detetar odores muito antes de qualquer ser humano e com muito mais eficácia”, opinião que é partilhada pelo E9, que refere que “O cão de deteção também tem uma empregabilidade grande junto das forças de manobra, mais na vertente dos explosivos mas também na procura de odor humano que pode ser particularmente útil em missões de busca e ataque”. A audição é o 2º elemento mais referenciado com 7 unidades de registo num número igual de entrevistas e, tal como refere E14, “através de uma simples brisa ou vibração do terreno, [o cão consegue] despertar a sua atenção e garantir o alerta oportuno mesmo quando não está a trabalhar” ou o E19, “A sua audição que é capaz de detetar movimento a longas distâncias, em decibéis inalcançáveis pelo ouvido humano”. A visão foi apresentada como mais-valia por 6 entrevistados, referindo o E4 que “A visão, apesar de não ser superior à humana, tem a característica de detetar melhor movimentos que a nossa, especialmente durante o período noturno”. A agilidade e a capacidade de mordida foram evidenciadas 4 vezes e, enquanto o E13 explica que “estas são ainda mais reforçadas pelas capacidades de agilidade, velocidade, resistência e resiliência perante as adversidades que caracterizam o cão militar”, o E18 sintetiza, evidenciando que o cão “É rápido, confunde e intimida”.

---

<sup>21</sup> Agilidade, Audição, Olfato, Visão e Mordida.

Ainda que a cinotecnia implique custos financeiros, estes são apresentados por 5 entrevistados como uma mais-valia em 5 evidências. Isto porque, os custos podem ser avaliados de duas óticas, numa fase inicial de implementação na vertente da aquisição e numa fase mais avançada numa ótica de manutenção da valência. Os custos de manutenção foram evidenciados 3 vezes por 3 entrevistados e os custos de aquisição foram igualmente mencionados por 3 entrevistados, com 3 unidades de registo. O entrevistado E17 refere que “A nível de custos de manutenção o cão também se apresenta como um recurso muito económico pois não recebe salário. A grande maioria do encargo financeiro que o cão apresenta reside na sua aquisição” e o E20 apresenta as singelas condições que o cão exige, designadamente, “Para além de água potável, comida, um espaço para descansar e apoio a nível de medicamentos e 1ºs socorros o cão não precisa de muito mais”. Já o entrevistado E19 compara os custos empregues no cão com os custos associados à preparação dos militares humanos, quando expõe que “O investimento também pode ser subjetivo e quando comparado com os custos de aquisição de um militar podemos chegar à conclusão de que os custos são muito semelhantes”.

### **Limitações<sup>22</sup>**

A cinotecnia não se constitui como uma valência invencível, sem qualquer tipo de limitações ou condicionamentos. Quando interrogados sobre as limitações que a utilização dos binómios acarreta, 20 entrevistados abordaram diretamente esta temática através de 68 unidades de registo. Como limitações, foram consideradas questões relacionadas com o custo, os aspetos fisiológicos, a logística e operacionais. A grande maioria das limitações apresentadas não são exclusivas dos cães mas sim transversais a todos os militares e a todo o espectro de operações podendo ser entendidas como apenas considerações táticas de planeamento.

As limitações operacionais foram apresentadas em 27 evidências por 18 entrevistados que apresentaram considerações semelhantes às do E13, que refere que o “Clima e distrações (animais, pessoas, comida) podem ter impacto na performance.”, bem como às do E2, segundo o qual “Trabalhar com muitas distrações, (ex. comida), caso o cão não se encontre completamente dessensibilizado pode condicionar a sua atuação”. A mobilidade é destacada pelo E17 como “a primeira limitação (...) as viaturas não estão preparadas para o transporte do cão. (...) Seria necessário um atrelado próprio ou caixas de

---

<sup>22</sup> Resumo das respostas no Anexo E.

transporte ressalvando que as viaturas em uso não estão desenhadas a considerar o transporte de cães”. Enquadrado nas limitações operacionais, o tempo de emprego do binómio obteve 10 unidades de registo, pois, citando E21, “O tempo de empregabilidade do cão é limitado, dificilmente superior a 40 minutos”, que se traduz na opinião generalizada dos entrevistados. A nível cultural, apenas o E13 apresentou considerações, referenciando que “Os teatros operacionais podem ser culturalmente sensíveis aos cães”.

A nível fisiológico, 14 dos entrevistados consideraram que existem limitações nesta matéria, com 22 evidências ao tópico. A incapacidade de gestão de esforço foi identificada por diversas vezes, designadamente pelo E14, segundo o qual “O cão tem limitações físicas obviamente, a janela de emprego do mesmo é reduzida, muito causada pelo facto do cão não saber intuitivamente dosear o esforço” ou pelo E6, que refere que “Apesar do cão ter mais capacidade física que o ser humano, não sabe dosear o esforço por isso, sempre que opera está a 100%. Se nós conseguirmos dosear o esforço, ele consegue demonstrar que tem mais resistência que os humanos”. O cio ou operações que impliquem a mistura de sexos, foi referenciado por 4 entrevistados como uma limitação, pois, tal como menciona o E20 “Idealmente não se deve ter cadelas, o cio condiciona sempre, mesmo que a cadela seja castrada, o cão pode ficar distraído” ou o E2, “Quando a operar machos e fêmeas em simultâneo, deve ser evitado a utilização de fêmeas em período fértil.”. Foi também indicado como limitação o tempo útil de emprego do binómio, ou seja, os anos em que o cão consegue operar, por 2 entrevistados, afirmando o E10 que “o cão por norma só trabalha até os 8/9 anos e precisa de pelo menos 1 ou 2 anos para se preparar”.

Ao nível logístico, 15 dos entrevistados apresentaram limitações com 18 unidades de registo de texto. As ponderações logísticas foram subdivididas entre as considerações para forças projetadas e em território nacional. Para forças projetadas foram apresentadas limitações por 13 entrevistados em 13 evidências de texto. Alguns exemplos dessas mesmas limitações são as levantadas pelo E2, que refere que “No Role 2 pode ser equacionado a colocação de um enfermeiro veterinário ou um médico veterinário. Junto da força, deve ser equacionado a formação de socorristas com K-9 TCCC, devendo o próprio condutor também ter estas formações” ou as considerações sugeridas pelo E3, quando refere que “A componente logística tem um peso muito relevante especialmente no momento de projeção, a componente sanitária e de infraestruturas pode ser mais exigente e de mais difícil concretização”. Quanto às limitações logísticas em território nacional, o E9 ressalva que “A necessidade de instalações e viaturas próprias para o transporte da cinotecnia limitam o emprego operacional (...) de forma geral o apoio logístico e sanitário não é tão grande como

dá a entender, mas carece de alguns cuidados e atenções específicos”, ainda que sejam considerações que também possam existir em situação de projeção.

Como qualquer meio de combate, a cinotecnia acarreta custos sendo estes são apresentados como limitações por 5 entrevistados. Os 5 entrevistados referenciaram que os custos de aquisição seriam um problema, referindo o E14 que “Encontrar cães com qualidade genética para operar nas mais diversas tarefas e especialidades pode ser um processo dispendioso a curto prazo. (...) a qualidade do cão não é gratuita”. Quanto aos custos de manutenção, apenas 3 entrevistados os consideram uma limitação, sendo os custos dos “fatores associados ao apoio logístico de sustentação destas equipas” mencionados pelo E16.

### **Capacidade atual<sup>23</sup>**

A 3ª pergunta do guião de entrevista incidia sobre a capacidade operacional existente no EP e um total de 12 dos entrevistados abordaram esta questão por intermédio de 56 unidades de registo. Na categorização da mesma encontra-se o CMSM, o RL2, o RPara, Odor Humano, Força, Explosivos e Estupefacientes.

Nas respostas dadas, 7 dos entrevistados identificaram a segurança de pontos sensíveis como capacidade dos cães do CMSM, designadamente, o E1, segundo o qual “Os cães de Santa Margarida são para segurança de um ponto fixo, nomeadamente para os paióis nacionais” e o E15, que atribui a missão da seção cinotécnica como de “controlo de pontos sensíveis”. O RPara foi indicado em 8 entrevistas, por intermédio de 10 evidências, como um pelotão cinotécnico com capacidade de deteção de explosivos, busca e salvamento e uso da força por intermédio de binómios de patrulha, binómios de deteção de odor humano e de deteção de explosivos. Tal como refere o E1, “O RPara tem cães de força e cães de deteção de explosivos. Neste momento têm 12 cães, 11 deles para uso da força sendo que apenas possuem 3 tratadores/treinadores (...)” e confirma o E21, “Neste momento temos 18 cães, 6 deles já abatidos por excesso de idade. 2 binómios prontos de intervenção tática mais um binómio de busca de odor humano. Todos os cães são Pastores Belgas Malinois e Pastores Alemães”. O RL2, em 7 entrevistas, obteve 10 unidades de registo, sendo caracterizado como uma unidade com capacidades de deteção de estupefacientes, deteção de explosivos, uso da força (com utilização em várias vertentes como Patrulhas, Controlo de Tumultos, Combate em Áreas Edificadas, etc.) e busca em grandes áreas. Neste momento, o RL2 conta com 3 sargentos, 6 praças e 13 canídeos dos quais 3 estão para abate ao serviço por excesso

---

<sup>23</sup> Resumo das respostas no Anexo F.

de idade, tendo um total de 10 binómios constituídos. A nível de infraestruturas, o RL2 conta com 23 canis, sendo 1 de maternidade e 2 de recobro, como referido pelo E4, “possui 13 Canídeos e a capacidade de alojamento é de: 23 Canis, 1 Maternidade e 2 de Recobro”.

Nas especialidades que os binómios podem assumir, o binómio de guarda obteve 18 unidades de registo feitas por 9 entrevistados, o binómio de deteção de explosivos obteve 10 unidades de registo feitas por 7 entrevistados e os binómios de deteção de odor humano obteve 8 unidades de registo feitas por 7 entrevistados.

### **Mais-valia<sup>24</sup>**

Quando interrogados relativamente às mais-valias que justificassem o emprego dos binómios em operações, surgiram respostas que apontavam, essencialmente, em três vertentes: logística, retorno operacional e vida humana. De forma geral, 18 entrevistados abordaram este tópico, referindo o mesmo por 34 vezes. Tal como refere o E12, “As mais valias da cinotecnia estão identificadas através das capacidades operacionais que conseguem executar”, ou pelo E4, “A fácil adaptação a quase todas as missões operacionais torna a utilização dos canídeos uma mais-valia por estes serem armas não letais e, com o devido treino, bastante fiáveis e eficazes de custo não muito significativo”.

Aspetos logísticos foram referidos em 11 evidências por 9 entrevistados com opiniões diversas, mas convergentes e que se complementam entre elas. Como referido pelo E12, “O investimento em recursos humanos e financeiros tem de ser visto da ótica da sua utilização, se a sua utilização for considerável os custos podem até ser consideravelmente menores”. Quanto a uma eventual projeção, segundo E13, esta “tem os custos de 01 transportadora tática, 01 saca de ração por mês, apoio veterinário que se consegue por meio de acordos diretos nos locais como os franceses fazem ou com forças amigas”.

O retorno operacional foi mencionado em 23 unidades de registo, por 14 entrevistados e, neste âmbito, o E13 relatou que durante uma “busca de explosivos escondidos a céu aberto de baixo de uma cadeira num anfiteatro, são necessários 8 militares para uma busca minuciosa que demora entre 45min a 1hora. A minha cadela encontrou e indicou esse mesmo explosivo em 8segundos”. O E17 mencionou que “nos baixos escalões o cão retira muitas incertezas”, opinião que é concordante com a do E19, segundo o qual “Os binómios existem e são empregues essencialmente para mitigar o risco das operações, complementando toda a equipa”. O E5 ressalva que “Tem de existir uma manifestação de

---

<sup>24</sup> Resumo das respostas no Anexo G.

necessidade por parte do Exército. Os cães de Santa Margarida nascem desta realidade. O cão não aparece para substituir o homem, mas sim para exponenciar as capacidades”, o que, na prática, significa que se existir essa necessidade, a balança do custo-benefício rapidamente fica desequilibrada a pender para a existência da cinotecnia.

A vida humana foi mencionada por 3 dos entrevistados em 4 unidades de registo, que referiram que não se preparam os cães para morrerem, contudo, no momento da decisão, é preferível a morte do cão à morte de um militar humano, sendo este um mal menor. Tal como é referido pelo E9, a implementação da cinotecnia “Depende sempre do valor que quisermos atribuir à vida humana e não é por acaso que as forças armadas mais avançadas e mais bem preparadas do mundo utilizam cães na condução das suas operações”.

### **Modelo<sup>25</sup>**

Quando questionados sobre qual o melhor modelo de implementação da cinotecnia para que esta ficasse disponível a todos os BI, 20 entrevistados responderam, num total de 48 evidências. Essencialmente, existem 2 ideias predominantes, ambas com a mesma orientação de centralização de capacidades, uma com a ambição a nível Exército e outra com ambição de nível nacional, mais concretamente, FFAA e FS. O E14 considera que “A Centralização de todas as especialidades cinotécnicas das FAA e Forças de Segurança, assentaria na criação de um espaço comum, como por exemplo um Centro de Treino Cinotécnico Nacional”. No mesmo sentido, o E20 diz que “podiam até incluir todos os binómios das FAA numa escola única, responsável por formação e certificação dos binómios, modelo que permitia otimizar os recursos existentes”. Uma unidade desta tipologia tem vários encargos, nomeadamente de aquisição, formação e operacional e no decorrer das entrevistas foi deixado claro que estas responsabilidades devem ser divididas e não atribuir tudo à mesma entidade. Para efeitos de análise, distingue-se entre um modelo central e um modelo descentralizado para uma apreciação das responsabilidades daquele sistema específico.

O modelo central foi mencionado por 20 entrevistados por 34 unidades de registo, tal como é apresentado pelo E16, “Considero um modelo que privilegie a centralização num centro de excelência Cinotecnico a nível do EP”. No que concerne a organização interna do módulo, a ideia preeminente é de que deve ser dividida por módulos. De acordo com o E5, “O modelo devia incidir sobre uma Unidade central chefiada por militares de Veterinária.

---

<sup>25</sup> Resumo das respostas no Anexo H.

Deveria ser organizado por módulos consoante as especialidades dos cães”, opinião que é partilhada pelo E9, segundo o qual, “O ideal seria uma escola que forme de forma uniforme todos os militares e cães, dividida por especialidades e com militares técnicos dos QP com função de treinador”. Neste modelo, a aquisição foi mencionada como responsabilidade da unidade central, por 12 entrevistados num número igual de evidências e, tal como é dito por E1, esta unidade “teria nela concentrada toda a aquisição e formação dos cães”, opinião confirmada pelo E17, que visualiza esta unidade como “escola, com a aquisição e formação centralizada”. O encargo operacional foi considerado uma responsabilidade inerente a este modelo central apenas por 4 dos entrevistados, entre os quais o E14, que refere que “Após este ponto, os batalhões que necessitassem de integrar binómios nas suas missões nacionais ou internacionais, recebiam binómios proficientes, orgânicos do centro”. Contudo, o E14 admite que esta pode não ser a única opção, acrescentando que “dada a especificidade de certas especialidades, alguns Batalhões ou Forças poderiam nomear militares seus para receber formação de Condutor Cinotécnico” no centro, regressando posteriormente à unidade de origem. A formação foi mencionada num total de 20 vezes com 31 unidades de registo como responsabilidade deste modelo central e, tal como é apresentado por E8, “Este centro teria apenas cães, treinadores, apoio veterinário e alguns tratadores sendo que este centro não tem nenhum emprego operacional, mas apenas de formação e certificação”. No mesmo sentido, E5 considera que “Este módulo tinha como responsabilidades e finalidades centralizar a instrução, o processo de aquisição, certificação”.

O modelo não centralizado foi mencionado por 13 entrevistados em 29 evidências e, de forma geral, defendem que as atribuições deste modelo incidem apenas no encargo operacional, que se traduz no simples processo descrito pelo E4, segundo o qual “Os militares que forem nomeados para essa área, frequentarão a formação inicial nessa unidade formativa e, obtendo aproveitamento, seguirão com um canídeo para a sua unidade de origem”. Assim, estes entendem que a formação e aquisição devem ser inteiramente da responsabilidade da unidade central, referido o E11 que “Uma situação mais flexível seria ter uma unidade central responsável pela formação e as subunidades responsáveis pelo treino operacional e integração dos binómios na força”. O desenvolvimento do encargo operacional em subunidade foi referido por 16 entrevistados, que consideram de máxima importância o condutor ser profundo conhecedor das TTP, tal como refere o E2, segundo o qual “o binómio não está lá para alterar a dinâmica da força, mas sim para complementar a mesma, sendo esta a principal razão para o condutor do cão militar ter que ser um profundo conhecedor das TTP’s da unidade apoiada” e confirma o E20, referindo que “Os condutores dos binómios

têm de ser militares dos Batalhões, o conhecimento das TTP das forças é fundamental porque o cão está a trabalhar para complementar e exponenciar o potencial da força”.

### **Doutrina<sup>26</sup>**

A entrevista encontrava-se dividida em três momentos, um primeiro de recolha de dados sociodemográficos, seguido da procura de respostas na forma de emprego e possibilidades de operacionalização da valência de cinotecnia e, por fim, um momento de análise aos VD, de forma individual.

A doutrina foi referida por 19 dos entrevistados com 20 unidades de registo ao tópico, na qual as opiniões incidiam sobre três medidas: revisão da PDE, criação de uma publicação técnica e criação de uma publicação administrativa. Quanto à revisão da PDE, a mesma foi referida por 11 entrevistados em 12 evidências diferentes. De forma geral, o que se pretende com esta revisão é uma repartição da mesma na doutrina de emprego de cada tipologia de batalhão. Esta ideia é premente nos diversos entrevistados, como é exemplo o E16, que refere que “O PDE existente não responde às necessidades efetivas do emprego em Operações, esses aspetos devem ser vertidos em PDE dos Batalhões de Infantaria”, acrescentando que “A atual PDE Cães Militares está em processo de revisão e resultará numa PTE com questões mais técnicas no âmbito específico da cinotécnica”. O entrevistado E17 considera que “Na PDE dos diferentes batalhões deveria ser acrescentado um subcapítulo que abordasse o emprego de binómios junto com aquela tipologia de batalhões e com as viaturas que operam”, assim como o E19, que sublinha que “A PDE e os referenciais de curso existentes são recentes e encontram-se atualizados, pode ser discutido se o conteúdo presente na PDE não deveria estar vertido na PDE de cada Batalhão num subcapítulo”.

A criação de uma publicação técnica foi referenciada por 16 entrevistados, num número igual de menções. O E20 diz-nos que “Seria ainda importante a existência de um manual técnico para o treino do cão, algo que contenha todo o processo de formação e eventualmente procedimentos específicos de atuação ainda que as TTP possam ser da força com a qual os binómios vão operar”, opinião partilhada por E5, que acrescenta que “Também seria necessário criar uma publicação Técnica, muitas das coisas presentes na PDE deviam estar vertidas nesta publicação técnica”, considerando que existem elementos que deveriam ser transferidos da PDE. Sendo a doutrina o emprego de meios e forças nas operações, o E8 considera que “Uma PDE de cães não deveria existir, mas sim uma publicação técnica ou

---

<sup>26</sup> Resumo das respostas no Anexo I.

administrativa. A parte doutrinária deveria estar incluída na doutrina da condução de operações das diversas tipologias de batalhões”.

A criação de uma publicação administrativa foi referenciada por 3 entrevistados, que enaltecem a importância de certas condições estarem regulamentadas e devidamente enquadradas, entre os quais o E20, que nos diz que “Deve ainda existir uma publicação administrativa que indique com clareza informações como o conteúdo dos kits de primeiros socorros, as condições que um canil deve ter, os cuidados a ter com o cão, etc.”.

### **Organização<sup>27</sup>**

Quando abordada a organização desta valência, evidenciou-se uma duplicação de ideias, atento o facto de a mesma já ter sido abordada na questão nº 5 concernente ao modelo a implementar. Existiu, porém, uma maior especificidade naquela que seria a organização da mesma. Do total da amostra, 18 entrevistados responderam a esta questão com 21 unidades de registo, dividindo as opiniões entre uma organização modular, com os diferentes módulos definidos por especialidades e uma organização dividida por estado de prontidão, isto é, à medida que se avança na formação, muda-se de módulo no qual se está inserido.

Dos entrevistados, 5 deles mencionaram a organização por especialidades, sendo que outros 5 mencionaram a organização que separa a componente de formação base com a formação avançada e/ou treino operacional.

Referente à divisão por especialidades, o E20 diz-nos que “Este centro teria obviamente um comando único e depois uma organização modular, dividida eventualmente por equipas/binómios na qual constavam os instrutores e formadores que ficariam em permanência no centro”, acrescentando que “Os condutores/operadores do cão que vêm receber formação base não estariam inseridos no QO: vinham em diligência ao centro, formavam-se, mas continuavam a pertencer administrativamente às unidades de origem”, opinião que é partilhada por E9, quando refere que “Esta escola deveria ser dividida por módulos, cada módulo se iria dividir por especialidades do cão, sendo que os diferentes treinadores e tratadores estariam colocados no módulo respetivo”. Já o E14 apresenta “as subunidades divididas em Batalhão de Formação Cinotécnico; Batalhão Operacional Cinotécnico; Direção de Ensino, Módulo de Apoio Sanitário”, indo ao encontro do parecer do E19, que defende “Um comando único, com uma divisão por módulos consoante o momento onde o mesmo se insere, formação inicial, formação avançada ou processo de

---

<sup>27</sup> Resumo das respostas no Anexo J.

certificação como se fosse um módulo de formação, um módulo de especialidade e um módulo de avaliação e certificação”.

### **Pessoal<sup>28</sup>**

A materialização da organização incide sobre a necessidade de recursos humanos que preencham e cumpram com a finalidade da unidade. Quando interrogados sobre este assunto, 16 entrevistados responderam à mesma num total de 25 evidências alusivas à temática. Qualquer unidade carece de oficiais, sargentos e praças e foi dessa forma que foram categorizadas as respostas, assim como uma breve análise das tarefas a desempenhar por parte de cada uma das funções.

A classe de oficiais obteve 11 unidades de registo, por parte de 10 entrevistados que apresentam o oficial nesta unidade como elemento de liderança e elemento de ligação com a respetiva dependência da unidade, entre os quais o E5, referindo que “O Comando deveria estar ao encargo de Veterinários, eventualmente com um apoio de um oficial das armas que consiga fazer a ligação com as necessidades operacionais dos regimentos e que se focasse na gestão técnica do centro”.

A classe de sargentos foi referenciada em 12 entrevistas em 14 evidências, com funções essencialmente de tratador (6 unidades de registo) e treinador (7 evidências) com apenas 1 referência de condutor. O E11 diz-nos que “São necessários treinadores e formadores altamente especializados e com experiência, sargentos essencialmente” apreciação também feita por E4, que prevê a existência de “Sargentos QP (autoridade técnica) formados nas valências que tenham relevância para a unidade em questão”. O E14 ressalva, em relação aos treinadores, que “não precisam de ser militares com cursos de tropas especiais, precisam sim de ser especialistas em construção de comportamento canino”.

Com igual importância, os praças foram evidenciados em 12 entrevistas em 13 unidades de registo, tendo sido apresentados como treinadores apenas 1 vez, e, na maioria das vezes, como tratadores e condutores, com a diferença de que os praças orgânicos do centro seriam direcionados mais para o papel de tratador e os praças oriundos dos diversos batalhões, para a função de condutor. E10 referencia os “praças da escola para auxiliar no tratamento dos cães e praças operadores dos diferentes batalhões”, em concordância com o E9, segundo o qual “os operadores são praças enviados pelos diversos Batalhões que são formados apenas como operador”.

---

<sup>28</sup> Resumo das respostas no Anexo K.

## **Treino<sup>29</sup>**

O treino constitui-se como ferramenta essencial para a aplicação da doutrina, tal como vertido na pergunta nº 9 e tendo sido mencionado em 31 evidências em 19 entrevistas. As respostas dividiram-se pelas necessidades de treino tanto na eventual unidade central, como nas subunidades.

De forma genérica, as necessidades de treino são apresentadas como diárias, diversificadas e regulares. Como explana o E14, “O treino deve ser diário e diversificado. O treino de *endurance* deve ser diário ou pelo menos 3 vezes por semana para criar robustez física e resistência” e o E20, “O cão idealmente deveria treinar de forma diária com a obediência como base, condicionamento físico dentro dos requisitos da missão do cão e treino específico para a sua especialidade”.

As necessidades de treino na unidade central incidem mais na formação inicial e na formação dos recursos humanos, nomeadamente dos condutores. E19 refere que “O treino básico e avançado seria todo dado no centro de formação, dando-se uma iniciação ao treino operacional através da formação dos condutores/tratadores em TCCC K9”. A iniciação ao treino operacional é também referida pelo E2, que declara que “é preciso ter sempre o treino de sociabilização e obediência e dessensibilização de fatores de distração”. A necessidade da rotina do treino fica bem delineada pelo E21, quando refere que “O cão parado é contraproducente” ou pelo E4, que afirma que “é obrigatório que o canídeo saia todos os dias e receba a sua profilaxia diariamente”.

O treino nas subunidades é muito mais orientado para a componente operacional e para o binómio e não tanto para aspetos individuais do cão e do condutor, tal como fica vinca o E18, quando refere “por seguinte o treino com a força de modo que o cão se familiarize com a atuação da força”, bem como o E2, mencionando que “deve ser também treinada toda a integração do binómio na força a apoiar” ou o E5, segundo o qual “A terceira e última fase, a consolidação seria exclusiva para treino operacional em contexto real assim como a realização de exercícios”. O entrevistado E8 ressalva que “Os exercícios servem para validar treino. Os binómios têm de treinar com a restante força onde vão ser inseridos” e enaltece a necessidade imperiosa do treino ser realizado à priori da condução de exercícios.

---

<sup>29</sup> Resumo das respostas no Anexo L.

## **Materiais<sup>30</sup>**

As necessidades de material para a operacionalização desta valência foram mencionadas por 16 entrevistados e com 33 unidades de registro. Foram destacadas três categorias principais nos materiais: proteção, mobilidade e treino. O entrevistado E19 referiu que “Existe uma lista de material exaustiva vertida na PDE que deveria ser revista e atualizada, pela existência de nova tecnologia que garante a potencialização do combate com o cão, diminuindo a possibilidade de efeitos colaterais no seu emprego”.

Como material de proteção, 11 dos entrevistados destacaram essencialmente os coletes táticos, as botas, proteção auricular e de visão, assim como os capacetes balísticos. É exemplo o E17, que refere que “A proteção do cão exige que haja coletes balísticos, botas próprias, óculos apropriados, capacetes balísticos com ou sem proteção auricular. Para infiltração aérea tem de ter proteção auricular” e, no fundo, “Tudo o que possa preservar os órgãos vitais do cão”.

Quanto aos materiais de treino, foram evidenciados 16 vezes por 14 entrevistados e de tudo o que foi referido, para além do material mais óbvio para a operacionalização desta valência, foram mencionados como necessários kits de explosivos, kits de droga, passadeira para condicionamento físico e fatos de descondicionamento, como apresentado por E20 que elenca “material para o treino específico como os kits de explosivos ou drogas, para o treino dos cães de deteção. Para o condicionamento físico uma passadeira é uma boa ferramenta para colmatar as ausências de treinadores ou as limitações de tempo”, acrescentando ainda que “um fato de descondicionamento seria algo de menos vulgar de se ter, mas com uma elevada importância pois evita que o cão fique estimulado apenas com o fato de mordida”.

A mobilidade é apresentada como limitação na cinotecnia e, para a poder suprimir, 8 entrevistados destacam a necessidade de adquirir viaturas próprias para o transporte dos canídeos, assim como caixas transportadoras adequadas. O E1 refere que “As viaturas também são importantes para o transporte do cão, faz diferença o cão ser transportado em atrelado ou numa transportadora dentro de uma outra viatura não própria para o transporte do pessoal”.

---

<sup>30</sup> Resumo das respostas no Anexo M.

## **Liderança<sup>31</sup>**

A liderança foi mencionada por 16 dos entrevistados em 23 evidências e abordou fundamentalmente três elementos: a atribuição da chefia das unidades cinotécnica, a formação dos seus comandantes e a necessidade de formação dos elementos de chefia das subunidades de infantaria que iriam operar com os binómios.

Em relação aos comandantes das unidades cinotécnicas, 10 dos entrevistados mencionaram em 14 unidades de registo que os mesmos devem encontrar-se habilitados com os cursos de formação base exigidos aos tratadores, condutores e treinadores, é exemplo o E19, que refere que “Todos os graduados que iriam servir nesta unidade deveriam ter a formação toda base como tratadores, treinadores e condutores de cão, assim como a formação em TCCC k9”. O E4 refere que “Mesmo o comandante de Módulo (um Oficial QP) não necessita de ter todas as formações ao dispor das FA e Forças de Segurança. É do meu entender que o comandante deve ter o curso geral Cinotécnico do Exército”, atribuindo a formação mais completa e técnica às funções de treinador, exercidas pela classe de sargentos, assim, “os graduados (Sargento dos Quadros Permanentes (QP)) devem ser os peritos técnicos no treino, manutenção do trabalho e chefes de missão. Isto implica que tenham uma formação bastante mais alargada”.

Em relação ao comando de uma unidade cinotécnica, no entender dos entrevistados, esta função não deveria ser restrita a um posto ou arma, tal como refere E2, “O comando não deve estar limitado a um posto, sendo uma função maioritariamente técnica, mantendo a unidade de comando, deve ser analisada a hipótese destas unidades serem comandadas por oficiais e sargentos garantindo que não se mexe com a hierarquia”.

As questões relacionadas com os comandantes de unidades de infantaria que, eventualmente, iriam empregar equipas cinotécnicas estiveram presentes em 10 entrevistas e a ideia mais preeminente é de que existe uma falta de cultura colossal no emprego destas equipas, bem como um tremendo desconhecimento das potencialidades desta valência e por essas razões, deveria de existir um trabalho de sensibilização e de promoção desta tipologia de unidades. Assim, o E2 defende a “Sensibilização permanente para as capacidades e limitações desta tipologia de força, com vista a servir de apoio no processo de tomada de decisão e assim empregar de forma eficiente os meios ao seu dispor”, assim como o E16 entende que “Uma palestra de emprego de unidades K9 espelhando as potencialidades e

---

<sup>31</sup> Resumo das respostas no Anexo N.

limitações será o mínimo para transmissão de conhecimento. Outra modalidade poderá ser a introdução nas matérias táticas nos cursos de promoção e progressão”.

### **Interoperabilidade<sup>32</sup>**

A interoperabilidade foi abordada em 10 entrevistas e analisou-se, essencialmente, de dois prismas: interno e externo.

No prisma interno, abordado em 5 entrevistas, foi analisada a forma como as equipas cinotécnicas iriam operar com as subunidades em 1º escalão. Foi destacada a necessidade de realizar um treino conjunto com as forças, assim como a familiarização do cão com o remanescente da força, para que este sinta que toda a força faz parte da matilha. Neste sentido, E19 referiu que “dentro das nossas forças seria necessário realizar algum trabalho de familiarização antes de conseguirmos empregar com eficiência os binómios”.

O prisma externo foi abordado em 8 entrevistas e incidiu sobre a forma como as nossas equipas conseguiriam operar com outras forças ou as considerações que era necessário existir para que as nossas forças, com binómios integrados, continuassem interoperáveis com as demais forças. Não foram identificadas medidas significativas que necessitem de ser implementadas, pois a presença das equipas exponencia a capacidade humana, mas não altera TTP's da unidade. Muito daquilo que é a nossa doutrina e procedimentos já possuem por base os conhecimentos e procedimento utilizados a nível internacional, o que facilita a interoperabilidade com outras forças, tal como é explanado pelo E4, segundo o qual “As medidas a serem tomadas baseiam-se muito em seguir os padrões NATO, assim como é feito em quase todas as áreas certificadas das Forças Armadas. Esse é o procedimento normal e já não é novidade para as nossas Forças Armadas”. A necessidade de treinos conjuntos é destacada pelo E3, que refere que “Atingido este intento, as medidas passaram pela interação com forças congéneres, nomeadamente com a participação em exercícios conjuntos/combinados”. Portugal não se encontra isolado nesta temática pois, como descrito pelo E16, “Atualmente o EP participa num Grupo de Trabalho NATO no âmbito da Cinotecnia, sendo o representante um Oficial veterinário do EP.”.

---

<sup>32</sup> Resumo das respostas no Anexo O.

### **Infraestruturas<sup>33</sup>**

Para a operacionalização de qualquer capacidade ou valência são necessárias infraestruturas e quando questionados sobre esta temática, todos os 21 entrevistados responderam e, por intermédio de 27 evidências, fizeram um levantamento das necessidades. De forma genérica, foi frisado que as instalações atuais não dão resposta às necessidades e mesmo que o espaço fosse aproveitado, muitas das instalações específicas – como os canis –, foram mal desenhadas, sendo necessário realizar muitas adaptações. E9 entende que são necessários “Bons canis, com projetos de raiz bem elaborados em coordenação dos veterinários e especialistas da área”.

Para o território nacional, os 21 entrevistados referenciaram as necessidades (de infraestruturas) em 24 unidades de registo dividindo entre as necessidades para a unidade central e subunidades. Os requisitos da unidade central foram mencionados por 14 entrevistados em 16 unidades de registo e incidiram essencialmente na existência de canis com condições específicas, pistas de obstáculos e estruturas de apoio sanitário e administrativo. Tal como referenciado pelo E4, os canis devem ter “uma boa orientação solar, pontos de água, ligeira inclinação do pavimento e escoamento de águas, ninho, pavimento que não possibilite escorregar e não abrasivo, gradeamento com medidas adequadas, pontos de luz, telheiro em painel sanduíche com inclinação para escoamento”. Acrescentando que, segundo o mesmo autor, a “proteção solar e paredes pintadas com tinta resistente, facilmente lavável, não absorvente e antifúngica”. Outras estruturas são, por exemplo, as indicadas pelo E18, designadamente, “salas administrativas, enfermaria, zona de banhos, WC, arrecadação de material cinotécnico e canil de recobro e áreas de trabalho (parques) exterior e interior”. Nas demais unidades que empreguem a cinotecnia, são necessárias praticamente todas as infraestruturas referidas anteriormente, mas numa escala muito menor, como indicado pelo E5 que refere que “implica que os regimentos têm de ter o mínimo de infraestruturas para terem os cães, como por exemplo, 4 canis e uma sala pequena para armazenamento de ração ou outro material”. Estas necessidades foram evidenciadas por 8 participantes num número igual de evidências. As necessidades em forças projetadas foram apenas abordadas pelo E17, que refere que são praticamente os mesmos requisitos adaptados à realidade tática das operações, referindo ainda que existem “contentores próprios para a projeção”.

---

<sup>33</sup> Resumo das respostas no Anexo P

### **Entrave<sup>34</sup>**

Após todos os vetores serem analisados, foi pedido que fosse selecionado o maior entrave à operacionalização desta valência. 20 dos entrevistados destacaram um entrave, sendo que as respostas ao mesmo incidiram, essencialmente, em 2 tópicos: o *mindset* e os recursos humanos. O *mindset* não se constitui como VD, no entanto, foi mencionado em 13 unidades de registo como o maior entrave. Os recursos humanos podem ser associados ao vetor Pessoal, que foi referenciado por 9 unidades de registo. O Material foi referenciado com 3 evidências, as implicações logísticas com 2 evidências e os vetores de Liderança e Infraestruturas foram ambos mencionados 1 vez. O E14 refere que “O maior obstáculo da mudança seria a mudança de mentalidades, conseguir unir os três ramos sob a mesma alçada e de forma uniforme”, acrescentando que “Esta tipologia de unidade teria de funcionar um pouco como o HFAr, uma unidade destinada a apoiar as FFAA como um todo e não um ramo específico”. A falta de conhecimento das verdadeiras capacidades é, muitas vezes, apontada como o entrave, tal como diz o E17 “É essencialmente um problema geracional e de falta de uso, sendo que os órgãos de decisão não reconhecem esta necessidade nem consideram a cinotecnia como solução. Ainda que os relatórios de missão apresentem problemas que seriam resolvidos pelo emprego da cinotecnia”, acrescentando ainda que a postura “deve incidir numa postura de prevenção e não reação, não devemos esperar um assalto aos paióis para a criação de uma secção cinotécnica assim como não devemos aguardar por mortes para se operar com a cinotecnia junto das subunidades”.

### **3.2 Discussão de Resultados**

Em relação à pergunta nº 1 – **Em que medida considera vantajoso o emprego da cinotecnia como unidade de manobra, junto aos batalhões de infantaria a desempenhar as ações ditas regulares da Infantaria?** –, as respostas indicam que o emprego da cinotecnia como unidade de manobra junto aos BI é amplamente considerado vantajoso.

Fazendo uso das suas capacidades sensoriais, como o olfato, a visão e audição, que são muito superiores às dos humanos, o cão consegue garantir o alerta oportuno e deteção eficaz e antecipada de ameaças. O cão é visto como um recurso muito valioso no campo de batalha, capaz de exponenciar as capacidades humanas e ampliar as capacidades operacionais das forças, podendo desempenhar as mais diversas funções, como defesa de

---

<sup>34</sup> Resumo das respostas no Anexo Q

pontos sensíveis, patrulhamento, detecção de explosivos e busca e salvamento. A presença de equipas cinotécnicas promove a segurança, aumenta a eficiência das operações, mitiga riscos, reduz baixas e oferece opções táticas adicionais aos comandantes.

Destaca-se, também, o sentido de lealdade do cão, a sua capacidade de motivar e fortalecer a coesão da unidade e de dissuadir as forças inimigas. O binómio (cão-militar) é descrito como unidade equivalente a vários Homens, em termos de cobertura de terreno. Ressalva-se que não se pretende substituir os atiradores por binómios, mas reconhece-se que, com o uso dos cães, é possível economizar as forças em certas tarefas. As respostas também sugerem que o emprego da cinotecnia não se cinge apenas à infantaria, mas também pode ter aplicabilidade em outras tipologias de forças, como as forças especiais e polícia militar.

A flexibilidade dos cães em desempenhar diferentes funções é destacada inúmeras vezes, assim como a sua capacidade de ser treinado para operar à distância, de receber ordens via rádio e de atuar em diferentes contextos operacionais.

Em conclusão, a cinotecnia é vista como uma capacidade que pode fortalecer as operações militares, oferecendo maior capacidade sensorial, dissuasão, flexibilidade, detecção de ameaças e cobertura de terreno, potenciando as capacidades operacionais das forças.

Em relação à pergunta nº 2 – **Que limitações considera que existem na utilização de binómios nas operações?** –, as respostas incidiram em cinco principais áreas: limitações fisiológicas, logísticas, operacionais, de infraestruturas e necessidades de treino e formação.

Relativamente às limitações físicas do cão, o tempo de emprego do cão em operações é, geralmente, limitado aos 30 a 45 minutos e é exigido um período de descanso equivalente, sendo que a fadiga, a doença ou lesões podem condicionar muito o seu desempenho. O cão não possui a capacidade de dosear o esforço de forma intuitiva, o que pode levar a uma exaustão muito precoce e, por essa razão, o cão só deve operar apenas em pontos e situações críticas. As condições atmosféricas extremas, como calor, frio, chuva e vento excessivo, também afetam a capacidade de execução do cão. Também a idade e o tempo de formação do cão são fatores a serem considerados, uma vez que sua janela de emprego é curta e limitada, com um tempo útil de empregabilidade do cão a rondar os 8 anos.

Ao nível de logística e sustentação, a utilização de binómios requer um apoio logístico dedicado, incluindo transporte adequado, alimentação e cuidados veterinários. A necessidade de fornecimento de ração, de hidratação constante e de obtenção de outros materiais necessários para o binómio podem representar um desafio logístico.

As necessidades de treino e formação de forma contínua também são uma limitação, pois tanto o cão como o operador requerem treino diário e formação em diversas áreas. A socialização do cão com a unidade em que opera é essencial, assim como o treino conjunto com outras equipas. A falta de treino adequado e de experiência das forças a operar com binómios pode ser uma limitação ao potencial máximo que os binómios podem oferecer.

Quanto ao nível tático e operacional, o constante movimento pode afetar a performance do binómio, exigindo uma proteção adequada do mesmo, assim como o seu correto transporte. A empregabilidade do cão não é ilimitada, ainda que se constitua como uma ferramenta altamente versátil, por exemplo, a capacidade de deteção de odores do cão está restrita apenas à deteção de odores conhecidos, o que limita a esta capacidade em situações operacionais complexas. A mobilidade tática do binómio também pode ser limitada devido à falta de preparação nas viaturas para o transporte do cão.

Em teatros operacionais, são necessárias infraestruturas específicas, como canis e instalações de apoio, assim como, algumas adaptações logísticas e sanitárias, de modo a garantir o funcionamento eficiente do binómio em TO.

Em resumo, as limitações na utilização de binómios nas operações militares incluem restrições físicas do cão, desafios logísticos, necessidade de treino contínuo, tempo de emprego limitado, considerações táticas e operacionais e a necessidade de infraestruturas específicas.

Quanto à questão nº 3 – **Qual a capacidade operacional dos binómios do Exército Português?** –, podemos concluir que existem diferentes unidades cinotécnicas com missões distintas, cada uma com as suas valências específicas. As capacidades operacionais dos binómios são abrangentes e incluem binómios de deteção de estupefacientes, deteção de explosivos, deteção de odor humano, binómios de guarda e patrulha, entre outros. Com esse leque de especialidades, os binómios conseguem desempenhar tarefas como a de segurança de pontos sensíveis, *route clearance*, busca e salvamento, manutenção da ordem pública, apoio aos baixos escalões na condução de assaltos e unidades de operações especiais.

A capacidade operacional não deve ser limitada apenas pelo número de binómios existentes, pois também é influenciada pela disponibilidade e condições dos tratadores, treinadores e operadores. O número total de binómios e a capacidade de alojamento variam entre as unidades cinotécnicas, sendo que apenas no CMSM a cinotecnia se encontra com os quadros preenchidos. Nas demais unidades, o efetivo é muito inferior ao previsto no QO. A capacidade operacional dos binómios é adaptada às necessidades diárias e, tendo em conta

que o emprego dos mesmos em operações é diminuto ou quase inexistente, a capacidade atual encontra-se limitada.

Em suma, a capacidade operacional dos binómios no EP é diversificada e abrange uma ampla gama de missões, desde a deteção de substâncias ilícitas até a segurança de pontos sensíveis e à busca e salvamento. No entanto, a disponibilidade de recursos humanos qualificados com competências de tratador, treinador e operador é muito reduzida.

Relativamente à questão nº 4 – **Tendo em conta todas as dificuldades logísticas que a implementação desta valência acarreta que mais valias a cinotecnia traz que justifiquem todo este investimento de recursos, humanos e económicos?** –, foi referida a grande flexibilidade da cinotecnia, sendo apontada como uma constante no campo de batalha ao longo dos últimos 2000 anos, adaptando-se sempre às mudanças no espectro do conflito.

Como mais valias dos meios cinotécnicos, foram referenciados a sua grande capacidade operacional, mais concretamente na sua capacidade de deteção de explosivos, estupefacientes e forças opositoras, além de desempenharem funções de busca e salvamento, patrulha, limpeza de compartimentos ou trincheiras, controlo de tumultos, entre outras, podendo ser utilizados de forma versátil e eficiente em diferentes missões operacionais. O aumento do poder de dissuasão também é apontado como uma grande mais-valia, sendo que a presença de cães aumenta o poder de dissuasão e oferece um meio de força não letal, contribuindo para a segurança física de infraestruturas críticas ou para a proteção das forças em operações. Embora existam algumas dificuldades/considerações logísticas, como a aquisição de cães com qualidade, o treino metódico, o apoio sanitário específico ou a necessidade de aquisição de infraestruturas específicas, essas dificuldades podem ser contornadas com adaptações e conhecimento cinotécnico.

A temática dos custos é altamente enganadora pois, apesar de exigir investimento inicial, a cinotecnia pode oferecer vantagens lucrativas com o custo de manutenção muito reduzido quando comparado com os gastos aplicados em militares humanos ou tecnologia. O treino adequado dos cães torna-os confiáveis e eficazes, reduzindo assim a necessidade de recursos humanos adicionais.

O emprego de cães em operações militares pode proporcionar um retorno operacional significativo, devendo considerar-se o valor da vida humana, pois muitas vezes o cão desempenha a função que teria de ser desempenhada por um militar humano e, desta forma, conseguimos salvaguardar a vida humana em detrimento do risco para a vida do cão.

A cinotecnia traz uma variedade de vantagens operacionais e, apesar das dificuldades logísticas inerentes a esta tipologia de unidade, os benefícios superam os desafios, justificando o investimento de recursos humanos e económicos.

No que toca às respostas à questão nº 5 – **Que modelo considera que é o mais apropriado para disponibilizar a cinotecnia como uma valência disponível para todos os Batalhões?** –, a criação de uma unidade central foi a posição quase unanimemente adotada. Esta unidade funcionaria como uma escola ou CEC, podendo ser inclusivamente partilhada pelos três ramos das FFAA e responsável pela aquisição, formação e certificação dos binómios. Nesse modelo, os operadores seriam os militares dos diferentes batalhões, que já possuem conhecimento das TTP's das unidades, que seriam enviados para receber formação e realizar a sua adaptação ao cão. Após a formação e respetiva certificação, os binómios regressariam às suas unidades de origem. A centralização permitiria uniformizar os procedimentos, partilhar conhecimentos e garantir eficiência logística, sendo que os binómios retornariam periodicamente para recertificação e reciclagem. No entanto, é importante considerar que este modelo apresenta vantagens e desafios e a escolha final dependerá do nível de ambição pretendida, a nível de exército.

Ao analisar a pergunta nº 6 – **Na definição de conjuntos de regras e princípios que norteiam as ações das forças, quais são as necessidades doutrinárias para a implementação de uma força de cinotecnia no EP? O PDE existente é suficiente? Seriam necessárias publicações técnicas?** –, concluímos que, relativamente à revisão e atualização da documentação existentes, os entrevistados mencionaram a necessidade de rever os referenciais desatualizados e a própria PDE relacionada com os cães militares. Destacaram ainda a importância de melhorar a explicação prática e o conteúdo do apoio veterinário, bem como de verter os procedimentos técnicos numa publicação técnica específica.

A criação de publicações técnicas e administrativas foi sugerida diversas vezes para abordar detalhadamente os procedimentos de treino, preparação e utilização dos binómios cinotécnicos. Além disso, propôs-se o desenvolvimento de uma Publicação Administrativa para estabelecer requisitos de infraestrutura, materiais e cuidados com os cães.

Relativamente à incorporação da doutrina nos escalões inferiores, destacou-se a importância da mesma para fornecer doutrina e orientações claras a estes escalões, por meio de publicações técnicas ou até de subcapítulos nas PDEs dos batalhões. Com essa revisão, estaria assegurada a uniformidade operacional e limitada a discricionariedade individual dos operadores em relação aos requisitos operacionais. Foi ainda comentado que poderia ser

aposta a integração de conhecimento civil, pois o mesmo é bastante avançado em determinadas áreas, permitindo uma contribuição mais ampla para o desenvolvimento da doutrina cinotécnica.

Em resumo, as ideias predominantes destacam a necessidade de revisão e atualização da documentação existente, criação de publicações técnicas e administrativas, incorporação da doutrina nos escalões inferiores, adaptação contínua da doutrina e integração de conhecimento civil para melhorar a formação e o emprego efetivo das forças de cinotecnia no EP.

Em resposta à questão nº 7 – **Relativamente ao quadro orgânico, consegue indicar de que forma deveria estar o QO estruturado de forma que a valência pudesse ser empregue de forma sustentada?** –, os entrevistados referem que o quadro orgânico deve ser adaptado de acordo com o nível de ambição e as necessidades operacionais, considerando sempre o escalão que pretendemos apoiar.

Um possível modelo de quadro orgânico seria a criação de um módulo com um comandante oficial, sargentos formados nas diferentes especialidades como treinadores e praças, atuando como tratadores e assistentes para auxiliarem na manutenção logística do canil. É importante ter tratadores e treinadores dedicados para cada cão, podendo também existir tratadores adicionais para auxiliar nos trabalhos técnicos.

Foi também sugerida a criação de núcleos cinotécnicos em cada brigada, independentes da escola de formação geral ou até de um eventual CEC, compartilhado pelos três ramos das Forças Armadas.

Em resumo, as respostas indicam a necessidade de estruturar o quadro orgânico, de forma a atender às necessidades operacionais, com a definição de comandos, unidades de formação, divisões por especialidades, garantindo tratadores e treinadores dedicados, além de considerar a viabilidade orçamentária e o apoio das unidades em diferentes escalões.

No âmbito da pergunta nº 8 – **Sustentado no QO sugerido, quais são as necessidades de RH necessários para a operacionalização da valência?** –, foi referido que seria necessário pelo menos um tratador por cada cão, podendo cada tratador/treinador ter à sua responsabilidade até 2 cães. Foi ainda mencionado que são necessários praças como tratadores, sargentos como treinadores e formadores e, pelo menos, um oficial para comandar o pelotão, sendo essencial o comprometimento e a experiência técnica dos militares envolvidos na cinotecnia para a obtenção de bons resultados.

O comando da unidade deveria ser exercido por veterinários, com sargentos como chefes de módulos, sendo que as equipas K-9 seriam compostas por praças oriundos dos diferentes BI, que desempenhariam a função de condutores.

Para alimentar um eventual corpo de treinadores e formadores altamente especializados, seriam necessários, essencialmente, sargentos. Os praças da unidade atuariam apenas como tratadores e dando apoio logístico.

Em resumo, as necessidades de recursos humanos incluem tratadores, treinadores, formadores, instrutores e oficiais especializados na cinotecnia, bem como praças como condutores dos binómios. A formação e a experiência técnica são valorizadas para garantir a eficácia e a sustentabilidade da valência cinotécnica.

Relativamente à questão nº 9 – **A doutrina constitui-se como ferramenta essencial, porém, é necessário também a aplicação da mesma de forma continuada e com o objetivo de aprimorar as forças assim como as manter num estado de prontidão permanente. Quais são as necessidades de treino que uma força destas exige?** –, foi referido que o treino deve ser diário, envolvendo sessões de treino de obediência, treino específico para a especialidade do cão e treino de condicionamento físico. O treino de obediência é a base fundamental e deve ser realizado de forma regular e consistente, importando variar o treino para o cão, proporcionando estímulos externos e familiarizando-o com diferentes ambientes e situações. Já o treino específico deve ser adaptado às necessidades da valência cinotécnica e incluir exercícios que validem o treino em conjunto com a restante força, ou seja, integrado com as forças de manobra da unidade apoiada, visando a eficiência na adaptação das táticas. São importantes o intercâmbio e a formação contínua com outras forças para atualizar e modernizar os conhecimentos.

A formação dos binómios deve ser dividida em fases de preparação, formação e consolidação, incluindo cursos específicos para os operadores. A formação deve incluir aspetos de bem-estar animal, como caminhadas, corridas, higiene diária e verificação do estado clínico do cão. O treino do cão deve ser orientado para o desenvolvimento da capacidade do cão em tomar decisões táticas no momento, em vez de apenas responder a comandos pré-estabelecidos, sendo que a duração e a intensidade do treino podem variar de acordo com as necessidades específicas da equipa cinotécnica e o grau de preparação já alcançado.

Em suma, as necessidades de treino para uma força cinotécnica incluem treino diário, diversificado e contínuo, com ênfase na obediência, treino específico para a especialidade

do cão, condicionamento físico adequado e integração com a força que será apoiada. Além disso, é importante garantir o bem-estar físico e mental do cão, assim como a formação dos tratadores/condutores.

Quanto à pergunta nº 10 – **Assim como o combatente apeado ou montado carece de material específico para o desempenho das suas funções, também as unidades de cinotecnia carecem desta especificidade na sua preparação. Que material considera importante para uma operacionalização desta unidade?** –, as respostas indicam que os materiais considerados importantes para a operacionalização de uma unidade cinotécnica incluem passadeiras para o condicionamento físico dos cães, trelas, coleiras, coletes e peitorais balísticos, óculos de proteção para os cães, viaturas especializadas para o seu transporte, equipamento de treino específico (como fatos e mangas de mordida), material de primeiros socorros, instrumentos de trabalho (como churros, Kongs, clickers), objetos de recompensa, materiais de higiene (escovas, pentes), equipamentos de proteção individual para os cães (proteção ocular e auditiva), equipamentos de captura e transmissão de vídeo, entre outros.

Destaca-se a necessidade de materiais específicos para o treino de deteção de explosivos ou drogas, bem como a importância de garantir a qualidade mínima dos materiais adquiridos. Além disso, menciona-se a importância de viaturas adequadas para o transporte dos cães e a preservação dos seus órgãos vitais, por meio de coletes balísticos, proteção ocular e auditiva, capacetes, entre outros.

É enfatizada a importância do material de primeiros socorros, tanto nas instalações do centro como nos kits transportados pelos condutores. Também é mencionado o papel importante das passadeiras, como uma ferramenta eficiente para o condicionamento físico dos cães, e dos fatos de descondicionamento, para evitar que fiquem estimulados apenas com o fato de mordida.

Em resumo, os materiais necessários para uma operacionalização eficaz de uma unidade cinotécnica incluem equipamentos de treino, equipamentos de proteção individual, instrumentos de trabalho, materiais de primeiros socorros, viaturas adequadas, objetos de recompensa e equipamentos específicos para deteção, entre outros.

No que concerne à questão nº 11 – **Todas as unidades do EP carecem e possuem um elemento de chefia e comando, nesta tipologia de unidades, qual seria a necessidade e nível de preparação dos comandantes para que os mesmos pudessem responder de forma eficiente às solicitações, desafios e missões confiadas às unidades de cinotecnia?** –, os entrevistados realçaram a necessidade de inserção de temas táticos relacionados com a

cinotecnia e inserir considerações táticas sobre a presença de unidades de cinotecnia, tanto nas nossas forças como na força opositora, o que garantiria uma melhor compreensão das possibilidades e limitações dos cães por parte dos comandantes.

Destaca-se ainda a importância de ter comandantes com conhecimento técnico e formação especializada em cinotecnia. Esses comandantes devem possuir cursos específicos, incluindo o de treinador de cães militares, para conseguirem orientar o treino dos binómios e tomar decisões adequadas ao cumprimento da missão.

Existe ainda a necessidade de consciencializar e divulgar internamente as capacidades e limitações da cinotecnia de forma que os comandantes das subunidades compreendam as vantagens operacionais que os binómios podem trazer e serem sensibilizados sobre o seu emprego operacional.

Sugere-se a presença de um militar do módulo com experiência no emprego da cinotecnia para atuar como conselheiro técnico, auxiliando a cadeia de comando na melhor utilização dessa capacidade, conforme as necessidades levantadas pela unidade.

Em resumo, as ideias predominantes indicam a importância de comandantes de unidades de cinotecnia possuírem conhecimento técnico, formação especializada, sensibilização sobre as capacidades dos binómios e inserção da cinotecnia em planeamento tático. Além disso, destaca-se a necessidade da existência de um militar do módulo como conselheiro técnico à cadeia de comando, assim como a realização de atividades de divulgação e educação sobre a cinotecnia dentro das unidades militares.

Relativamente à pergunta nº 12 – **Face à conjuntura internacional na qual Portugal se insere, assim como os seus acordos e alianças, que cuidados ou medidas devem ser tomados de forma a garantir a interoperabilidade com outras forças NATO?** –, os entrevistados entendem que tem de se procurar a sinergia nas forças aliadas, estabelecer critérios comuns para a seleção, treino, formação e emprego tático dos binómios, de modo a garantir que a missão seja cumprida da mesma forma, independentemente da nacionalidade do binómio. É fundamental adotar os padrões da OTAN, assim como é feito em outras áreas certificadas das FFAA. O envio de formadores para cursos da OTAN é recomendado também, para a obtenção de credenciação.

A interoperabilidade interna nas nossas forças é aplicável relativamente à integração de equipas k9 em companhias, sejam elas nacionais ou internacionais. Embora as equipas K9 sejam indivisíveis, é importante que a equipa como um todo seja integrável em qualquer companhia, mantendo a sua forma de operar, com flexibilidade para se adaptar a diferentes situações.

É também importante garantir o acompanhamento e implementação da doutrina OTAN, bem como participar em exercícios e cursos com parceiros da Organização, de modo a manter o conhecimento atualizado e a troca de opiniões, sendo que a maioria dos exércitos já opera com binómios, o que facilita a cultura de utilização conjunta da cinotecnia.

Em resumo, as ideias predominantes dos entrevistados evidenciam a importância da sinergia com as forças aliadas, de seguir os padrões da OTAN, de integrar equipas em companhias e de manter o contacto próximo e participar em exercícios e cursos da OTAN, para garantir a interoperabilidade com outras forças. Além disso, destaca-se a necessidade de acompanhar a doutrina OTAN, fomentar o treino conjunto e aproveitar as experiências de outras forças para adaptar e aprimorar as práticas cinotécnicas.

Quanto à pergunta nº 13 – **Como qualquer outra unidade, existe a necessidade de infraestruturas que suportem a valência. Neste campo, qual a necessidade a nível de edifícios para a edificação desta força?** – os entrevistados referem as necessidades de infraestrutura para a edificação da força cinotécnica de forma abrangente. São mencionados diversos elementos que devem ser considerados, como canis, enfermarias, pistas de obstáculos, gabinetes administrativos e salas de instrução. Além disso, são destacadas algumas características específicas que devem ser observadas nas construções, como chão antiderrapante e não abrasivo nos canis, orientação solar adequada, boa ventilação e proteção solar nos parques de trabalho, entre outros. É enfatizada a importância de projetar e construir as infraestruturas de acordo com as necessidades específicas da unidade cinotécnica, levando em conta o número de cães a serem acomodados, a possibilidade de ampliação futura, o sigilo das técnicas aplicadas, as condições de treino em diferentes climas e as capacidades de tratamento e cuidados veterinários. Em resumo, os principais elementos mencionados incluem canis adequados, áreas de treinamento, salas administrativas, enfermarias e instalações para acomodação e bem-estar dos cães.

Por fim, à questão nº 14 – **Face a tudo o que foi apresentado, qual considera ser o vetor ou os vetores que se constituíram como maiores entraves à implementação da valência cinotécnica na Infantaria?** –, foi mencionada como maior dificuldade a aquisição dos cães, devido à falta de sensibilidade e compreensão em relação ao uso e capacidade da cinotecnia. O alto custo dos cães, que ronda os 3.500 €, afasta e aumenta significativamente o custo inicial dessa valência.

Existe a necessidade de buscar um entendimento geral entre as FFAA e as Forças de Segurança, a fim de unir esforços e centralizar a implementação da cinotecnia. Caso o EP

seja o único responsável, a maior dificuldade encontrada seria a obtenção de recursos humanos com habilidades técnicas em número suficiente para treinar e preparar os cães.

O maior desafio é mudar a mentalidade e consciencializar sobre a urgência e o retorno operacional da cinotecnia. Atualmente, não são atribuídos recursos humanos, financeiros ou temporais para operacionalizar essa valência. É necessário apresentar provas inequívocas da importância e relevância dos cães de serviço, destacando as suas potencialidades, por meio de sensibilização, demonstrações e palestras.

A construção de instalações adequadas e fornecimento de treino para os quadros é uma dificuldade destacada. Além dos custos de construção, surgem também gastos com materiais de trabalho, aquisição de cães, rações e cuidados veterinários.

A falta de conhecimento e tradição sobre a cinotecnia por parte dos órgãos decisores é um obstáculo importante a destacar, pois não é reconhecida como solução para problemas operacionais, embora os relatórios de missão apontem os seus benefícios. É necessário adotar uma postura preventiva em relação à cinotecnia, reconhecendo o seu potencial antes que surjam situações críticas.

Em suma, os principais vetores que se constituíram como entraves à implementação da valência cinotécnica na Infantaria são as infraestruturas e o pessoal. Superar esses desafios requer sensibilização, demonstração de retorno operacional, investimento financeiro, formação de pessoal e liderança comprometida.

## CONCLUSÕES

As conclusões da investigação vão explicar as semelhanças e diferenças entre a revisão bibliográfica e as respostas dos entrevistados ao guião. Para organização da informação e encadeamento serão respondidas as PD individualmente e *a posteriori* a PP.

Ao invés de um resultado matemático no qual tudo é pragmático e a sua análise é de fácil compreensão, o resultado deste trabalho mostrou que existe mais do que uma solução para a problemática em questão e existe mais do que uma forma de responder à necessidade operacional que dita a imperiosidade de conduzir operações junto da Infantaria.

### **Resposta às Perguntas Derivadas**

No que concerne a PD1 – **Quais as missões atribuídas às equipas cinotécnicas no Exército Português e qual a sua capacidade de resposta?** temos de dividir a resposta em dois momentos distintos, iniciando por abordar as missões que são atribuídas para depois analisar a sua capacidade verdadeira.

As equipas cinotécnicas no Exército Português podem ter atribuídas diversas missões, inseridas em duas categorias principais de canídeos: CG e CPM. O CG utilizado em cenários de violência que vão desde a guerra subversiva até a guerra total, enquanto o CPM opera em níveis de violência entre a paz estável e a paz instável. No EP temos diversos binómios previstos em QO, nomeadamente: binómio explorador: utilizado em reconhecimentos de área, de zona e de itinerários, golpes de mão ou emboscadas, na neutralização de ameaças ou ataque de inimigos, na proteção da força e na deteção da presença de atividade inimiga; binómio de guarda: utilizado como elemento dissuasor, em pontos fixos ou de vigilância móvel; o binómio de sentinela: similar ao cão de guarda, mas com possibilidade de operar sozinho; o binómio de deteção: especializado na marcação de uma tipologia específica de substâncias, como estupefacientes, explosivos, armamento ou minas podendo ser usado em diversas missões de reconhecimento ou checkpoints; binómio de busca e salvamento: que pode atuar em grandes áreas ou em escombros, pode ser utilizado para missões de busca e ataque, na perseguição de indivíduos ou pode ser utilizado em missões de apoio civil (Exército Português, 2012; Oliveira, 2016) .

Para além das referidas, existem outras especializações como o binómio de demonstração de capacidades, utilizado em ações de divulgação e promoção das FFAA ou o binómio de cinoterapia, preparado para dar apoio no tratamento de pessoas com deficiência

ou alterações de funções psíquicas ou motoras. Todas estas tipologias apenas existem no espectro doutrinário. Após a análise das entrevistas chegamos à conclusão de que são apenas usados os binómios de guarda, binómios de exploração e binómios de deteção de estupefacientes e odor humano.

A capacidade de resposta das equipas cinotécnicas no EP variam de acordo com a unidade. O RL2 apresenta uma capacidade atual a rondar os 50% comparando com os números previstos em QO. Mesmo que os números de canídeos e militares possam não refletir a capacidade, neste momento o módulo cinotécnico conta com 10 binómios prontos, dos 18 previstos em QO.

O RPara prevê a existência de 13 binómios tendo neste momento apenas 3 binómios prontos, 2 binómios de patrulha e 1 binómio de deteção de odor humano, o que perfaz uma capacidade de resposta de cerca de 25%. A nível de infraestruturas carecem de atualização, no entanto, a principal falta do pelotão cinotécnico reside na falta de recursos humanos pois têm cães suficientes para a constituição de 12 binómios. A seção cinotécnica do CMSM encontra-se a 100% com os 3 binómios constituídos, no entanto, sem capacidade de expansão.

Podemos afirmar que no conjunto de todas as unidades cinotécnicas no EP, temos cerca de 62% da capacidade prevista em QO. Na eventualidade de se conseguir incrementar este valor para os 100%, o EP teria capacidade de apoiar os dois BI paraquedista, guarnecer os paióis nacionais assim como apoiar o GPE no cumprimento das suas missões.

Quando abordamos a PD2 – **De que forma a infantaria precisa de treinar e empregar equipas cinotécnicas?** chegamos à conclusão de que a Infantaria precisa de treinar e empregar os binómios cinotécnicos de acordo com as diferentes funções que os binómios desempenham e delimitado com a tipologia da força e natureza da missão. O treino e preparação serão sempre um processo moroso e complexo, independentemente do tipo de binómio ou da tipologia da força, ideia que vai ao encontro do conceito previsto no (Headquarters Department of the Army, 2005; OTAN, 2018b).

Até atingirmos o estado final desejado que se apresenta como uma força de infantaria a operar com os binómios, terão de ser ultrapassadas as seguintes fases: aquisição e formação base do cão; formação avançada do cão e formação base do condutor; adaptação e criação do binómio; certificação do binómio; adaptação à força com a qual vai operar. Todo este processo existe partindo de um pressuposto de que já existe uma estrutura de formação e

certificação montada, assim como condições de infraestruturas tanto na unidade de formação como nas subunidades de infantaria.

A tipologia de binómio preparada e empregue deve nascer da necessidade operacional da força e da sua capacidade de empregar o binómio nas operações. Para além de garantir as condições necessárias para o seu emprego as diferentes unidades precisam de compreender que o cão exige uma dinâmica continua e constante de forma a poder garantir retorno operacional e eficiência no cumprimento da sua missão tal como nos diz Altamura (2015).

O emprego específico dos binómios pode ser muito variado, com mais empregabilidade nas forças ligeiras e médias, enfatizando nas tropas especiais<sup>35</sup>, o binómio pode ser empregue em qualquer tipologia de operação e desempenhar praticamente qualquer tarefa. A diversidade e flexibilidade de emprego do cão são bem definidas por vários autores (Headquarters Department of the Army, 2011; Miller et al., 2018).

Analisando a PD3 – **Quais são os maiores desafios na implementação da valência cinotécnica na Infantaria?** chegamos à conclusão de que os principais desafios residem na falta de cultura na utilização, na postura adotada, na falta de recursos humanos e na necessidade da criação de infraestruturas que podem incrementar os custos de implementação e obscurecer as mais valias trazidas à força.

A ausência de compreensão e consciencialização sobre as capacidades da cinotecnia com as suas mais-valias e limitações é sem dúvida o primeiro obstáculo que esta implementação enfrenta. Convencer alguém sobre um determinado assunto nem sempre é tarefa fácil. Se quem tentarmos convencer não tiver qualquer conhecimento sobre o assunto torna-se inúmeras vezes mais desafiante. No caso específico do EP, os órgãos decisores não estão familiarizados com os benefícios operacionais, nem com o retorno operacional que os cães podem proporcionar. Todas as valências do EP nascem de necessidades e na verdade a cinotecnia não é identificada como necessidade, o que não significa que a mesma não seja precisa. Esta necessidade e o retorno operacional são explanados por (Miller et al., 2018) de forma inequívoca.

A implementação de uma nova valência como a cinotecnia encontra muita resistência no seio da organização militar, exige mudanças nas estruturas organizacionais, nas rotinas e

---

<sup>35</sup> Comandos e Paraquedistas.

nos procedimentos e toda a mudança pode enfrentar uma forte oposição por parte daqueles que estão rotinados e adaptados aos métodos tradicionais.

A formação dos recursos humanos especializados é imprescindível para operar a valência cinotécnica e a falta de tratadores, treinadores, formadores ou instrutores, pode ser um desafio significativo. Mesmo que superada essa dificuldade inicial, o investimento no treino contínuo, especialmente de tempo dedicado aos cães, é também ele um desafio, fruto da escassez de militares que servem nas fileiras e pelo próprio sistema rotativo de funções. É verdadeiramente desafiante conseguir manter pessoal qualificado nas unidades cinotécnicas. A importância dos recursos humanos qualificados é uma ideia constantemente defendida por Castro et al. (2021).

A necessidade de infraestruturas adequadas, como canis e instalações de apoio é um desafio para a fase inicial, dissipado assim que implementado. O planeamento logístico e as considerações que os cães exigem como o transporte adequado, a alimentação e cuidados veterinários para os cães, podem representar desafios em termos de recursos financeiros. O Headquarters Department of the Army (2005) também defende esta teoria.

A parte documental de todos os VD seria aquela que mais facilmente seria concretizada. Mesmo que isso possa envolver a criação de publicações técnicas e administrativas específicas, assim como a incorporação de TTP's nos escalões inferiores, é algo que só exige tempo dedicado a estes tópicos.

Ao dissecar a PD4 – **Quais são as mais valias dos binómios de cinotécnica que justifiquem os desafios logísticos que a sua implementação traz?** chegamos à conclusão de que o retorno operacional é muito significativo e que, a partir do momento que fosse identificada a necessidade operacional, por parte dos órgãos de decisão, os desafios logísticos ficariam rapidamente para segundo plano e considerados ultrapassáveis.

Há mais de 2000 anos que o cão é usado para todo o tipo de conflitos bélicos, com características muito diferentes entre si, mas com uma constante, o emprego útil do cão, informação que vai ao encontro de Sloane (1955). No espetro de conflito atual não é diferente e as mais valias que a cinotecnia traz para os conflitos modernos são imensas e, mesmo sem ser possível indicar as características dos conflitos futuros, diz-nos a história que o cão se vai adaptar e oferecer soluções táticas aos comandantes do futuro. Os binómios são versáteis e eficientes, podendo desempenhar uma variedade de funções operacionais, como deteção de explosivos, estupefacientes, inimigos, busca e salvamento, ações de patrulha, limpeza de compartimentos ou trincheiras e controlo de tumultos. Esta

versatilidade, também ela característica da Infantaria, faz com que esta valência justifique o investimento e os desafios logísticos enfrentados. A natureza dos conflitos tem ficado cada vez mais complexa e, muitas vezes, a mera presença de uma força é o suficiente para evitar o conflito pelo que a presença de cães aumenta este poder de dissuasão e oferece um meio de força não letal ao comandante. Para além disso, os binómios contribuem para a segurança física de infraestruturas críticas e proteção das forças em operações.

Muitas vezes, a tecnologia é apresentada como solução para os problemas táticos mas, para a deteção de explosivos, por exemplo, os binómios têm uma eficácia superior na deteção de engenhos improvisados, quando comparados com a utilização de tecnologia e aparelhos destinados à procura dessas ameaças, conseguindo detetar esses dispositivos de forma mais rápida, eficiente e com menos risco para a vida humana, tendo em conta que o cão consegue operar à distância do seu condutor. Esta visão é apresentada também por Powell (2009).

A economia de forças é um princípio importante quando consideramos o emprego da cinotecnia, pois um único binómio pode desempenhar tarefas que normalmente exigiriam a ação de uma secção inteira. Com a capacidade de "replicar" o trabalho de várias pessoas em determinadas tarefas, a utilização dos binómios permite maximizar a capacidade de combate das unidades de Infantaria. Embora a implementação inicial dos binómios de cinotecnia exija investimento, a manutenção tem um custo reduzido, em comparação com militares humanos ou tecnologia avançada. Os cães treinados adequadamente tornam-se confiáveis e eficazes, reduzindo a necessidade de recursos humanos adicionais. Isso pode resultar em economia de recursos financeiros a longo prazo.

A utilização de cães em operações militares permite salvaguardar a vida humana. Muitas vezes, os cães desempenham funções que, de outra forma, seriam realizadas por militares humanos, reduzindo assim o risco para a vida desses militares, tornando assim pertinente considerar o valor da vida humana como um fator importante ao avaliar os benefícios da cinotecnia.

Apesar dos desafios logísticos específicos, como a aquisição de cães de qualidade, o treino meticuloso e o apoio sanitário específico, as mais-valias oferecidas pelos binómios de cinotecnia superam esses desafios. A cinotecnia traz vantagens operacionais significativas e justifica o investimento de recursos humanos e económicos, especialmente quando aplicada em forças de Infantaria, forças mais expostas a ameaças diretas.

## **Resposta à Pergunta de Partida**

Após a condução de toda a investigação, ao analisar a PP: **Qual o modelo ideal para a implementação da valência de cinotécnica na Infantaria?**, chegamos à conclusão de que o modelo ideal para a implementação da valência de cinotecnia na Infantaria seria a centralização das capacidades numa unidade central, que na prática operava como uma escola ou um CEC. Nesse modelo, os condutores dos CM seriam militares orgânicos dos diferentes batalhões que seriam enviados para receber formação e realizar a adaptação ao cão nessa unidade central, restringindo o encargo operacional às diferentes subunidades de Infantaria. A unidade central poderia estar sob a égide do Exército, de outro Ramo ou do EMGFA, para todas as FFAA.

Essa unidade central seria comandada por oficiais que poderiam ser veterinários, auxiliados por oficiais subalternos das armas, e seria responsável pela aquisição, formação e certificação dos binómios. A centralização permitiria uniformizar os procedimentos, partilhar conhecimentos e garantir eficiência logística. Após a formação e certificação, os binómios regressariam às suas unidades de origem. A unidade central deveria estar organizada por módulos, conforme as especialidades dos cães.

Superar todos estes desafios requer um esforço contínuo de sensibilização, investimento em recursos humanos, financeiros e treino adequado, para além de uma série de considerações logísticas que têm de ser assumidas.

## **Limitações da Investigação**

A investigação mostrou-se demasiado ambiciosa para aquelas que são as limitações inerentes à realização de um TIA. Cada VD carece de um maior aprofundamento de forma a conseguir aproximar-se de uma proposta concreta.

Também teria sido proveitoso para a investigação poder contar com contributos da Guarda Nacional Republicana e com forças de outras nacionalidades, contributo esse que não se realizou por limitações administrativas.

A restrição da cinotecnia para unidades de Infantaria é uma limitação do estudo, pois ainda que tenham sido referidas outras tarefas que tradicionalmente não são desempenhadas por forças de Infantaria, o foco do trabalho incidiu nas operações realizadas pela Infantaria.

## **Investigações Futuras**

Temas pertinentes de estudo atinentes a esta temática seriam o estudo do retorno operacional concreto e quantificado da cinotecnia, dividido por especialidades assumidas pelos binómios.

Outro campo de estudo seria relacionado com o apoio logístico, na procura de soluções de otimizar o encargo sanitário e logístico que estas forças possuem, tanto em território nacional como em situação de projeção em TO.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Altamura, F. (2015). New Digs and More for Soldier Dogs. *Amy AL&T Magazine*, September, 148–153.
- Andrade, J. C. R., Santos, R.J. R. P., & Correia, J. M. P. C. (Coord.) (2019). *Contributos para o Planeamento Estratégico Militar: Metodologias e Ferramentas de Apoio (Vol. III)*. Coleção “ARES”, 31. Lisboa. Instituto Universitário Militar
- Bryman, A. (2012). *Social Research Methods*. (4.th ed.). Oxford: Oxford University Press.
- Carvalho, J.A. (jornalista). (2019). “Cães de Guerra do Exército Português”, Reportagem TVI. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=N78GADfCBsI> visto em 11 de fevereiro de 2023
- Castro, A. C. V., Araújo, Â., Fonseca, A., & Olsson, I. A. (2021). Improving dog training methods: Efficacy and efficiency of reward and mixed training methods. *PLoS ONE*, 16(2 February), 1–10. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0247321>
- Chesney, W., & Layden, J. (2020). *No ordinary dog: my partner from the SEAL Teams to the Bin Laden raid* (First edition.). St. Martin's Press.
- Correia, M. P. e Mateus, V. (jornalistas). (2017). Fala Portugal. Reportagem Especial “Cães de Guerra”, RECORD TV, Bruno Silva (Edição), Mónica Machado (Produção) disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=0Pt8QGIo7Gs> visto em 10 de fevereiro de 2023
- Cunha, J. M. M. (2013). *Novos treinos de equipas cinotécnicas: vantagens e inconvenientes*. Academia Militar.
- Exército Português. (2011). *PDE 3-07-14 Manual de combate em áreas edificadas*. Ministério da Defesa Nacional.
- Exército Português. (2012). *PDE 3-00 Operações*. Lisboa: Ministério da Defesa Nacional
- Exército Português. (2015). *Quadro Orgânico 09.07.06 Grupo de Polícia do Exército (GPE)* (p. 30). Ministério da Defesa Nacional.
- Exército Português. (2016). *Quadro Orgânico 09.02.11 Batalhão Operacional Aeroterrestre (BOAT)*. Ministério da Defesa Nacional.
- Exército Português. (2019). *Referencial de Curso - Paraquedista - Praças*. Ministério da Defesa Nacional.
- Exército Português. (2020a). *PDE 0-20-18 Cães militares*. Ministério da Defesa Nacional.
- Exército Português. (2020b). *PDE 0-32-00 Lições aprendidas*. Ministério da Defesa Nacional.

- Nacional.
- Exército Português. (2020c). *Quadro Orgânico 07.02.23 Campo Militar de Santa Margarida (CMSM)* (p. 21). Ministério da Defesa Nacional.
- Exército Português. (2020d). *Referencial de Curso - Tratador/Condutor de Cães Militares*. Ministério da Defesa Nacional.
- Exército Português. (2022). <https://www.exercito.pt/pt/quem-somos/estrutura>
- Harré, R. (2009). *Pavlov's Dogs and Schrodinger's Cat: Scenes from the living laboratory*. Oxford: Oxford University Press
- Headquarters Department of Army (2005). *Field Manual No. 3-19.17 Military Working Dogs*, Washington DC.
- Headquarters Department of the Army. (2008). *Field Manual No. 0-07 Stability operations* (Issue October, pp. 13–25). <https://doi.org/10.4324/9780203887233.pt1>
- Headquarters Department of the Army. (2011). *ATTP 3-39.34 Military Working Dogs* (Vol. 34, Issue June 2010).
- Marconi, M. d., & Lakatos, E. M. (2003). *Fundamentos de Metodologia Científica - 5ª Edição*. São Paulo: Editora Atlas S.A.
- Miller, L., Pacheco, G. J., Janak, J. C., Grimm, R. C., Dierschke, N. A., Baker, J., & Orman, J. A. (2018). Causes of Death in Military Working Dogs during Operation Iraqi Freedom and Operation Enduring Freedom, 2001.2013. *Military Medicine*, 183(9), E467–E474. <https://doi.org/10.1093/milmed/usx235>
- Ministry of Defence. (2015). *Hero hounds: The training behind military working dogs* [Video]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=jddy8Ym28ck>
- Moura, R. F. (2010). *Doutrina Militar Conjunta: Contributos para a conceção, ratificação, aprovação, difusão e implementação. Articulação com o ensino militar conjunto*. (Trabalho de Investigação Individual do Curso de Promoção a Oficial General 2009/2010), Instituto de Estudos Superiores Militares, Pedrouços.
- Oliveira, J. E. M. (2016). *Os Recursos Cinotécnicos e a sua Necessidade no Exército Os Recursos Cinotécnicos e a sua Necessidade no Exército Português*. Academia Militar.
- Oliveira, R. (2021). *O Sistema de Forças 2014 e o atual ambiente estratégico*. Instituto Universitário Militar.
- OTAN. (2009). *AJP 3.2 Allied Joint Doctrine for Land Operations*. Nato Standardization Office (NSO).
- OTAN. (2014). AAP-06; *NATO Glossary of Terms and Definitions*. In *Allied Joint*

- Publication.* Nato Standardization Office (NSO).  
<http://nso.nato.int/nso/nsdd/APdetails.html?APNo=1861&LA=EN>
- OTAN. (2018a). *Military Working Dog ( MWD ) Capabilities* (Issue May, p. 48). Nato Standardization Office (NSO).
- OTAN. (2018b). *STANAG 2623 Military Working Dog (MWD) Capabilities* (Vol. 4360). Nato Standardization Office.
- Powell, M. W. (2009). *PROGRAM Canine Supply for Physical Security: an Analysis of the Royal Australian Air Force Military Working Dog Program* (Issue March). Naval Postgraduate School.
- Schäfer, W., & Hankel, J. (2020). Energy consumption of young military working dogs in pre-training in Germany. *Animals*, 10(10), 1–10. <https://doi.org/10.3390/ani10101753>
- Sloane, C.F. (1955). Dogs in War, Police Work and on Patrol. *Journal of Criminal Law & Criminology*, 46, 385.
- Smithsonian Channel. (2015). *Remarkable: This SEAL Dog Prevented a Deadly Disaster* [Video]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=Ig4ZSdRsreg>
- The FieldCraft Survival Channel. (2020). *The Raid That Killed Bin Laden - Interview With K9 Handler Will Chesney on "Operation Neptune Spear"* [Video]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=Dmos-iKOoL4>
- Vieira, C. M. V. (2020). *A importância da Cinotecnia para o Combate em Áreas Urbanizadas no século XXI. Caso de Estudo: Exército Português em comparação com outras Organizações.* [Academia Militar]. <https://academiamilitar.pt/curso-de-ciencias-militares-na-especialidade-de-cavalaria.html>

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – GUIÃO DE ENTREVISTAS

#### GUIÃO DE ENTREVISTAS

- a) Cinotecnia como elemento de manobra na Infantaria
1. Em que medida considera vantajoso o emprego da cinotecnia como unidade de manobra, junto aos batalhões de infantaria a desempenhar as ações ditas “regulares” da Infantaria?
  2. Que limitações considera que existem na utilização de binómios nas operações?
  3. Qual a capacidade operacional dos binómios existentes no Exército Português?
  4. Tendo em conta todas as dificuldades logísticas que a implementação desta valência acarreta que mais valias a cinotecnia traz que justifiquem todo este investimento de recursos, humanos e económicos?
  5. Que modelo considera que é o mais apropriado para disponibilizar a cinotecnia como uma valência disponível para todos os Batalhões?
- b) Vetores de desenvolvimento
6. Na definição de conjuntos de regras e princípios que norteiam as ações das forças, quais são as necessidades doutrinárias para a implementação de uma força de cinotecnia no Exército Português? O PDE existente é suficiente? Seriam necessárias publicações técnicas?
  7. Relativamente ao quadro orgânico, consegue indicar de que forma deveria estar o quadro orgânico estruturado de forma que a valência pudesse ser empregue de forma sustentada?
  8. Sustentado no quadro orgânico sugerido, quais são as necessidades de recursos humanos necessários para a operacionalização da valência?
  9. A doutrina constitui-se como ferramenta essencial, porém, é necessário também a aplicação da mesma de forma continuada e com o objetivo de aprimorar as forças assim como as manter num estado de prontidão permanente. Quais são as necessidades de treino que uma força destas exige?
  10. Assim como o combatente apeado ou montado carece de material específico para o desempenho das suas funções, também as unidades de cinotecnia carecem desta

especificidade na sua preparação. Que material considera importante para uma operacionalização desta unidade?

11. Todas as unidades do Exército Português carecem e possuem um elemento de chefia e comando, nesta tipologia de unidades, qual seria a necessidade e nível de preparação dos comandantes para que os mesmos pudessem responder de forma eficiente às solicitações, desafios e missões confiadas às unidades de cinotecnia?
12. Face à conjuntura internacional na qual Portugal se insere, assim como os seus acordos e alianças, que cuidados ou medidas devem ser tomados de forma a garantir a interoperabilidade com outras forças OTAN?
13. Como qualquer outra unidade, existe a necessidade de infraestruturas que suportem a valência. Neste campo, qual a necessidade a nível de edifícios para a edificação desta força?
14. Face a tudo o que foi apresentado, qual considera ser o vetor ou os vetores que se constituíram como maiores entraves à implementação da valência cinotécnica na Infantaria?

Fonte: Elaboração Própria

## APÊNDICE B - CATEGORIAS DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Cinotecnia na Infantaria	Vantagens	Psicológicas	Nossas Forças
			Inimigo
		Operacional	Patrulhas
			Intervenção Tática
			Deteção de Explosivos
			Defesa de Pontos Sensíveis
		Fisiologia	Visão
			Olfato
			Mordida
			Audição
	Agilidade		
	Custo	Manutenção	
		Aquisição	
	Modelo	Central	Encargo Operacional
			Formação
Aquisição			

		Não-Central	Aquisição	
			Encargo Operacional	
			Formação	
	Limitações	Fisiológicas		Tempo Útil
				Cio
		Operacional		Tempo de emprego
				Cultura
		Logística		Território Nacional
				Força Projetada
		Custo		Manutenção
				Aquisição
	Custo-benefício		Vida Humana	
			Logística	
			Retorno Operacional	
	Capacidade Existente		Campo Militar de Santa Margarida	
			Regimento de Lanceiros	
			Regimento de Paraquedistas	
			Guarda	
			Estupefacientes	
Odor Humano				
Explosivos				

Fonte: Elaboração Própria

### APÊNDICE C - CATEGORIAS DE ANÁLISE DE ENTREVISTAS (CONTINUAÇÃO)

Vetores de Desenvolvimento	Doutrina	Revisão da PDE		
		Publicação Técnica		
		Publicação Administrativa		
	Organização	Especialidades		
		Formação/Operacional		
	Pessoal	Oficiais		Tratadores
				Treinadores

			Condutores
		Sargentos	Tratadores
			Treinadores
			Condutores
		Praças	Tratadores
			Treinadores
	Condutores		
	Treino	Centro Cinotécnico	Binómio
			Cão
			Condutor
		Subunidades	Binómio
			Cão
			Condutor
	Infraestruturas	Território Nacional	Unidade Central
			Unidades dispersas
		Território Estrangeiro	
		Interoperabilidade	Externa
	Interna		
	Liderança	Comandantes de Infantaria	
		Unidade Cinotécnica	
	Material	Mobilidade	
		Proteção	
		Treino	
	Entrave	Infraestruturas	
Liderança			
Logística			
Material			
<i>Mindset</i>			
Recursos Humanos			
Treino			

Fonte: Elaboração Própria

## APÊNDICE D – RESUMO DAS RESPOSTAS À PERGUNTA Nº1

	<b>Em que medida considera vantajoso o emprego da cinotecnia como unidade de manobra, junto aos batalhões de infantaria a desempenhar as ações ditas “regulares” da Infantaria?</b>
E1	"A cinotecnia acrescenta essencialmente potencial de combate, além do efeito moral que o cão tem nos militares e na força que acompanha, as capacidades sensoriais do cão permitem garantir um alerta oportuno. Os cães quando preparados e treinados em condições são um recurso valioso no campo de batalha."
E2	"(...) de analisar os sentidos do cão, especialmente o olfato, a visão e a audição pois os cães são superiores em todos os aspetos. Apesar do cão não substituir homens pode exponenciar as capacidades existentes (...) em defesa de pontos sensíveis ou em patrulhamentos um cão consegue dar um alerta oportuno muito mais eficaz do que qualquer outro ser humano (...) Na entrada em edifícios pode ser uma mais valia na deteção rápida de explosivos nos pontos de entrada, na eliminação de uma ameaça a força não letal é uma vantagem no desenrolar das atuais operações de combate, no reconhecimento a um alvo, quando equipados com meios IVR, conseguem ser os olhos e ouvidos do comandante"
E3	"Sim bastante vantajoso, não só pela segurança que promove em áreas onde o Batalhão esteja presente assim como na condução de operações salvaguardando que um cão ou um binómio não fará tudo, não substitui o militar, mas tem a capacidade de exponenciar a capacidade humana. Numa patrulha por exemplo o cão consegue detetar movimento muito antes de qualquer humano, em grandes altos o cão consegue dar o alerta oportuno antes da ameaça ser detetada por qualquer ser humano. O cão oferece uma série de capacidades sensoriais e fisiológicas que ultrapassam em grande medida as capacidades humanas"
E4	"Os Canídeos, pelas suas características morfológicas, complementam e potenciam o seu Binómio em prol da missão a desenvolver. O olfato e a audição são, em muito, superiores ao do ser humano. A visão, apesar de não ser superior à humana, tem a característica de detetar melhor as formas e movimentos que a nossa, especialmente durante o período noturno. (...) O canídeo, sendo uma arma não letal extremamente eficaz, também reduz as possíveis baixas, proporcionando um efeito positivo na moral das NT e um efeito dissuasor nas forças opositoras. (...)"
E5	"Para operar junto das forças regulares o Cão de força (Patrol Dog) nas operações ofensivas pode ter alguma aplicabilidade (...). Nas defensivas pode ser usado para defesa de pontos sensíveis ou cão de sentinela, no ultramar por exemplo era a grande mais-valia. (...) O Cão de deteção de explosivos (Patrol Explosive Detector Dogs), tem muita aplicabilidade pois qualquer BI tem de ter competência para executar route clearance, defesa de pontos sensíveis, pontes, pontos de estrangulamentos, etc. (...) Nas tropas especiais o Cão de força é utilizado em praticamente todas as tarefas assim como o Cão de busca e salvamento, deteção de odor humano pode ser usado no search and attack, usado no ultramar – tracking/counter tracking, poderá ser utilizado como ferramenta de perseguição a um HVT ou força em fuga – sendo que tem como principal objetivo a captura."
E6	"A presença de equipas cinotécnicas constitui-se sempre como uma mais-valia (...) o well fare que o cão traz é incalculável, experienciado em 1ª mão durante a missão do Afeganistão. Pelo menos 2,3 valências o cão consegue dominar. O cão consegue garantir um alerta para uma possível emboscada, o cão através das suas capacidades sensoriais, vibrações no solo, odores ou som, na guerra colonial o cão realizou este tipo de tarefas inúmeras vezes (...)"

E7	"O cão funciona muito como elemento dissuasor, tem uma disponibilidade total para o trabalho, desde que não tenha nenhuma lesão. As capacidades sensoriais são uma mais-valia nomeadamente as capacidades olfativas e de visão. "
E8	"A cinotecnia é um enabler, um potenciador de capacidades essencialmente com a redução de risco com binómios de deteção, com cães de intervenção para a entrada de edifícios ou como elemento dissuasor (...) Não é necessário um uso da cinotecnia de forma exclusiva na Infantaria, tem outros tipos de aplicabilidade a outras tipologias de forças tais como existem atualmente na polícia do Exército (...) O cão que tenha a valência de deteção de odor humano, pode ter também em acumulação a capacidade da mordida e dessa forma, em caso de emboscada por exemplo, o cão consegue detetar não apenas a ameaça, mas também atacá-la. (...)a aplicabilidade nas forças ligeiras é grande, nas médias pode ter alguma aplicabilidade e nas pesadas apenas para situações muito pontuais e específicas como checkpoints. Noutro tipo de capacidade, como na PE e nas equipas EOD a cinotecnia também tem grande empregabilidade. "
E9	"As capacidades sensoriais dos cães são muito superiores, não apenas a audição, mas a própria visão é muito superior e não que substitua os militares, mas efetivamente conseguem desempenhar as funções de forma otimizada, um binómio consegue garantir o emprego de uma força de 10 homens (...) seja em patrulhas apeadas ou até na entrada em edifícios que pode evitar a perda de vidas humanas e mitigar o risco. O cão de deteção também tem uma empregabilidade grande junto das forças de manobra, mais na vertente dos explosivos, mas também na procura de odor humano que pode ser particularmente útil em missões de busca e ataque. "
E10	"A lealdade do cão, quando bem treinado e preparado é indiscutível, nada o faz vacilar ou hesitar no momento do cão se entregar e sacrificar no teatro de Operações. A nível de capacidades sensoriais o cão é mais intenso e minucioso, tem os sentidos mais apurados e consegue detetar e identificar pormenores que para o ser humano é impossível. De forma geral, na condução das operações, o cão consegue fazer uma leitura antecipada de tudo o que acontece, seja na reação a emboscadas, na busca de odor humano, na entrada em edifícios, na deteção de explosivos entre outros o que permite um maior tempo de decisão para os militares que tomam essas decisões. "
E11	"No âmbito militar a maior parte dos binómios são de dupla valência ou nalguns casos até tripla valência. Os cães conseguem desempenhar tarefas que o ser humano não consegue, fazendo uso das suas capacidades sensoriais, podendo em algumas situações ser uma equivalência da atuação de 4 ou 5 homens. Na mitigação do risco o cão tem um papel importantíssimo porque reduz a exposição dos homens em situações críticas. Na deteção ou procura de ameaça e armadilhas os binómios são uma grande mais-valia, com uma capacidade de cobrir terreno muito superior à capacidade humana conseguindo cobrir uma área que demoraria imenso tempo a ser coberta por meios humanos. Também na procura do odor humano os cães podem ter um papel muito relevante. "
E12	"Se olharmos para a cinotécnica como uma unidade de manobra idêntica a um pelotão ou secção as vantagens seriam muito poucas, no entanto, caso estas sejam empregues em reforço de unidades de manobra as vantagens poderão ser expressivas dependendo do tipo de missão a desempenhar. Decorrente das tarefas efetuadas por binómios cinotécnicos o seu emprego em operações militares será sempre caracterizado como um aumento das capacidades operacionais de qualquer força"
E13	"O cão contribui significativamente para as operações militares, providenciando uma maior capacidade sensorial, olfativa, auditiva e visual. Por seu lado, estas são ainda mais reforçadas pelas capacidades de agilidade, velocidade, resistência e resiliência perante as adversidades que caracterizam o cão militar. Os cães militares funcionam como meio privilegiado de deteção e dissuasão, detendo alguns exemplares a capacidade de ser empregues como força não letal. O cão militar representa uma ferramenta versátil e adaptável para combater ameaças assimétricas num ambiente de forças operacionais. Perante um vasto leque de especialidades inerentes aos cães militares. "

E14	<p>"O cão integrado numa equipa funciona como elemento motivador e de ligação, reforça os laços e a coesão de uma unidade. O cão fazendo uso das suas capacidades sensoriais pode, através de uma simples brisa ou vibração do terreno, despertar a sua atenção e garantir o alerta oportuno mesmo quando não está "a trabalhar". Pode ser usado no âmbito da força, na execução de assaltos, entradas de edifícios, casa matas ou até para limpeza de trincheiras que reaparecem com o conflito da Ucrânia e até pode ter uma "dupla" finalidade, atacar a ameaça e impedir a morte de militares (...) o que se pretende com a atuação do cão é surpreender o inimigo que não está à espera de uma ameaça daquela tipologia e aproveitar a janela de tempo criada pelo cão para fazermos fogo ajustado sobre a ameaça. Também numa progressão o cão pode apresentar mais-valias, seja na sinalização de campos de minas, sinalização de armadilhas ou de campos de explosivos. O cão pode assumir mais do que uma valência, pode ser um cão de uso da força e de deteção de explosivos por exemplo (...) preparar o cão para operar a receber ordens via rádio, através de ordens não verbais, por tato e por coleira eletrónica (...) A importância do seu trabalho escrutina-se aquando do seu emprego, e no limite se houver necessidade de escolha, a vida humana tem sempre de prevalecer."</p>
E15	<p>"Potencialização dos sentidos do cão, que superam a capacidade do ser humano na possível deteção de inimigos. O fator psicológico e dissuasor que o binómio causa em qualquer possível prevaricador. O uso da força menos letal na captura de high value target (HVT) e perseguição de inimigos após o contacto. Limpeza de edifícios, segurança de áreas e pontos sensíveis, route clearance e deteção de droga e explosivos."</p>
E16	<p>"O emprego de equipas Cinotécnicas (K9) não se constitui per si uma unidade de manobra, mas sim constitui-se uma capacidade que é dada de reforço ou em apoio a uma unidade de Manobra. A vantagem da integração de equipas cinotécnicas em unidades de manobra tais com batalhões de infantaria no cumprimento de tarefas táticas é considerável (...)"</p>
E17	<p>"Nas operações de combate, o cão pode oferecer outro tipo de soluções, fazendo uso das suas capacidades fisiológicas e através do seu treino específico, o cão e o binómio podem assumir-se como elemento diferenciador na condução das operações, mitigando o risco e oferecendo outras opções ao comandante da força. (...) O cão de força pode ser usado como uma ferramenta valiosa para a limpeza de compartimentos ou trincheiras sendo o seu principal elemento diferenciador a janela de tempo criada pelo cão para ser possível realizar fogo ajustado sob o inimigo. Um cão de deteção de explosivos consegue identificar campos de minas, armadilhas ou IED. Um cão preparado para a deteção de odor humano pode auxiliar de forma muito relevante operações de busca e ataque. O cão não precisa de se limitar a uma especialidade apenas podendo assumir uma dupla valência, assumindo uma ou várias das tarefas anteriormente mencionadas ou até a função de cão de sentinela. O emprego do cão não se limita a funções de combate, podendo assumir a especialidade de cinoterapia (...) Em TO as nossas FND também beneficiariam se fossem acompanhadas por forças cinotécnicas, não só por atuarem como elemento dissuasor, mas também como aumento ao PRC e mitigação de risco. A cinotecnia é uma necessidade operacional já entendida por parte de outros países aliados. (...)As forças com menos encargo operacional podem, no entanto, ser empregues em operações CIMIC, operações na qual o cão já pode desempenhar uma função mais ativa nomeadamente na função de busca e salvamento. (...) A nível de custos de manutenção o cão também se apresenta como um recurso muito económico pois não recebe salário. A grande maioria do encargo financeiro que o cão apresenta reside na sua aquisição. "</p>

E19	"um potenciador de capacidades e um redutor de risco. Os binómios não substituem o trabalho e emprego de uma seção de atiradores, mas conseguem potenciá-lo para um nível de proficiência não atingível com apenas o uso de recursos humanos (...) o cão consegue detetar odores muito antes de qualquer ser humano e com muito mais eficácia. (...) é capaz de detetar movimento a longas distâncias, em decibéis inalcançáveis pelo ouvido humano (...) Em pontos fixos ou pontos sensíveis os cães também poderão funcionar como autênticos radares conseguindo detetar a presença de movimento a longas distâncias (...)"
E20	"Os cães da FAP são essencialmente vocacionados para a segurança de área, no entanto há muitas coisas transversáveis do cão. O cão funciona como potenciador de capacidades e tem um forte elemento dissuasor. Para as operações de Infantaria o cão será sempre uma mais-valia, especialmente usando cães de intervenção tática e cães de deteção de explosivos ou IED. Os cães podem assumir esta dupla-valência ou no limite o mesmo operador ter os dois cães com as duas tipologias. "
E21	"Os cães apresentam diversas vantagens, especialmente no combate em ambiente urbano na entrada e limpeza de edifícios. Não apenas nesta tipologia de ambientes, mas na reação a emboscadas o cão consegue identificar imediatamente a origem do disparo ou até em operações de busca e ataque, a deteção do odor humano consegue procurar ameaças. (...)"

Fonte: Elaboração Própria

## APÊNDICE E – RESUMO DAS RESPOSTAS À PERGUNTA Nº2

	<b>Que limitações considera que existem na utilização de binómios nas operações?</b>
E1	"(...) o cão exige hidratação constante. O tempo de emprego do cão também é limitado (...) Quando inserido num ambiente específico como um ponto fixo onde tem acesso a água ou comida este tempo de atuação pode ser incrementado. "
E2	"(...) Apoio logístico, estamos a falar de 15/18Kg de ração por mês (no máximo), mesmo em BI de tropas especiais estamos a falar de 72h de autonomia, ou seja, 1,5Kg de ração para os 3 dias com um extra de 4,5L de água, ou seja, 6Kg de peso para o condutor."
E3	"(...) O tempo de emprego do binómio em operações é limitado exigindo um tempo de descanso para conseguir voltar a operar com a eficiência necessária. (...)"
E4	"(...) Refiro-me a canis de campanha, transportadoras, viaturas adaptadas com jaula e refrigeração, ração em DOS e material de treino. (...) A constante formação em diversas áreas cinotécnicas é fundamental para que o condutor corresponda às necessidades das missões, assim como o regular treino conjunto das equipas cinotécnicas e as Companhias de Atiradores(...)"
E5	"Necessidade de apoio logístico dedicado, tempo de empregabilidade é limitado, empregue entre 30 e 45 min, é necessária socialização com a unidade onde está a operar, treino tem de ser diário (...)"

E6	<p>"A nível sanitário, à semelhança dos militares humanos, é necessário ter algumas preocupações, não de forma extraordinária, mas preocupações a ter como a presença de militares com a formação de TC3-K9. Apesar do cão ter mais capacidade física que o ser humano, não sabe dosear o esforço por isso, sempre que opera está a 100%. Se nós conseguirmos dosear o esforço do cão, ele consegue demonstrar que tem mais resistência que o ser humano. A nível logístico, o cão só precisa de comer 1 vez por dia e consegue no limite passar 2 dias sem comer e conseguir operar. O canil tático tem 120Kg, 1Kg de comida por dia, ou seja, para um empenhamento de 180 dias estamos a falar de 300Kg. (...) Os cães demoram cerca de 1 semana a ambientarem-se a nível de sistema respiratório. No Afeganistão por exemplo, já existiam todas as condições de infraestruturas criadas pelos americanos. (...)"</p>
E7	<p>"O cão exige que exista um operador em permanência, não tem autonomia para atuar sozinho. O clima onde o cão está a operar pode condicionar a atuação do cão assim como o ambiente a nível de espaço físico que caso tenha muitas distrações pode condicionar o trabalho. O cio também pode condicionar o emprego do cão, nomeadamente se forem fêmeas ou machos a operar com fêmeas. Se o cão estiver bem treinado, não se deve distrair com as distrações, deve estar focado no trabalho."</p>
E8	<p>"(...) Em Teatro de Operações é necessário assegurar a existência de canis, apoio médico (pessoal de saúde, medicamentoso), bem como, o reabastecimento. O tempo de empregabilidade do cão também é uma limitação (...) Em operações apeadas é preciso considerar também todo o peso extra a ser transportado pelo tratador e unidade que integra por um período de 72 horas (500g de ração e 1,5L de água por dia o que se traduz em 6Kg extra para o condutor apenas em água e ração assim como algum material extra que deve ser levado como as diferentes trelas, o recipiente para a água entre outros o que se traduz em perto de 8Kg). (...) A necessidade de socialização com a restante força também se pode constituir como limitação porque o cão pode tornar-se ultradefensivo caso o condutor seja ferido. "</p>
E9	<p>"O tempo no cenário é limitado a atuação do binómio é curta e deve ser empregue apenas em pontos críticos e situações críticas (...) A necessidade de instalações e viaturas próprias para o transporte da cinotecnia limitam o emprego operacional em território estrangeiro. De forma geral o apoio logístico e sanitário não é tão grande como dá a entender numa fase inicial, mas carece de alguns cuidados e atenções específicos."</p>
E10	<p>"A nível logístico ele precisa de infraestruturas mínimas e apoio veterinário. A nível operacional e de tempo de emprego a janela de tempo também não enorme, o cão por norma só trabalha até os 8/9 anos e precisa de pelo menos 1 ou 2 anos para se preparar, na operação propriamente dita o cão opera por norma em 30min e depois precisa de descansar um tempo semelhante. A socialização com a restante força também é importante. As cadelas por norma têm uma relação mais forte e vincada com o seu operador, no entanto, o cio pode condicionar outros cães e até a própria cadela. "</p>
E11	<p>"O tempo útil de trabalho do cão é uma limitação, (...) O tempo de formação do cão também é um processo moroso (...) O tempo de formação dos próprios militares também é um processo moroso e trabalhar com este tipo de unidades exige para além de formação base, muita experiência. Em situações de projeção também tem um grande encargo logístico."</p>

E12	"(...)Poderão ser equacionadas limitações porque o conhecimento para trabalhar com estes binómios ainda não é frequente e as primeiras questões serão: como vou transportar, como vou alimentar, como fica alojado entre outras. A realidade é que quando começa a haver treino vão sendo criadas as condições básicas para poder acrescentar a valência a força em questão."
E13	"Físicas: Fadiga, doença, ou lesão podem levar a performance subótima Ambientais: Clima e distrações (animais, pessoas, comida) podem ter impacto na performance. Culturais: Os teatros operacionais podem ser culturalmente sensíveis aos cães. Empregabilidade: O cão militar só detetará odores conhecidos. Táticos: Fatores operacionais (elevada atividade cinética) podem ter impacto na performance do cão militar, exigindo proteção adequada para a equipa Condutor/Cão."
E14	"O cão tem limitações físicas obviamente, a janela de emprego do mesmo é reduzida, muito causada pelo facto do cão não saber intuitivamente dosear o esforço (...) o próprio cão "Ativa-se", entrando manifestando indicadores de comportamento que acionem o estado de alerta de uma Força, quando deteta algum odor. Mesmo em ambiente de descontração, se o cão encontra alegria nas tarefas que executa, ele próprio consegue "ativar-se" sozinho. Um cão, desde que conserve as suas almofadas plantares, tem capacidade de fazer 100Km por dia se for preciso. É mais veloz e resistente do que o ser humano, contudo, se operar com esse desgaste em cima pode perder eficácia"
E15	"Para além da logística acrescida, as condições atmosféricas como o calor extremo, o frio extremo, chuva e vento excessivo condicionam a capacidade dos cães. O calor, tal como nos humanos afetam a resistência do animal. O frio, chuva e vento dificultam em muito a capacidade de o cão fazer a busca de odores e, no caso do vento excessivo limita a capacidade auditiva do cão."
E16	"As maiores limitações resultam da falta de treino de integração de equipas K9 e fatores associados ao apoio logístico de sustentação destas equipas. "
E17	"A mobilidade tática é a primeira limitação, nomeadamente nas viaturas que não estão preparadas para o transporte do cão (...) A sustentação num TO também é desafiante, sendo necessário realizar algumas adaptações como a criação de infraestruturas de apoio, assim como uma célula de veterinária que acompanhe a força. Em termos fisiológicos os cães têm as suas limitações, ainda que mais resistentes que o homem, não conseguem dosear o esforço e acabam por se desgastar muito rapidamente."
E18	"Se os binómios serão utilizados nas operações então não existem limitações no seu emprego."
E19	"(...) O cão exige um acompanhamento veterinário, ainda que em grande parte possa ser suprimido pela formação do seu condutor, em certo ponto terá de existir um cuidado mais minucioso que poderá ser garantido pelo veterinário, ou em certos casos, pelo tratador"

E20	"Do ponto de vista logístico, existem alguns desafios como a ração, constante necessidade de hidratação e algum do material ou infraestruturas que têm de acompanhar uma força de cinotecnia. Do ponto de vista sanitário, o maior desafio é garantir que os operadores têm o curso de TCCC-K9, garantir os kits de primeiros socorros e medicamentos e apoio veterinário em território nacional e em forças projetadas. A nível operacional o cão deve ser empregue nos momentos críticos e não trabalhar de forma continuada devendo existir sempre um contacto permanente entre o operador Cinotecnico e o Cmdt da força. (...) O processo de socialização do cão com o remanescente da força é também ele importante porque o cão tem de assumir toda a unidade como a sua matilha e no caso do seu operador ser abatido, um outro membro da força tem de o controlar."
E21	"O tempo de empregabilidade do cão é limitado, dificilmente superior a 40min. O clima pode fazer muita diferença também, climas muito húmidos podem atrasar muito a regeneração de feridas. O piso (chão) onde vai decorrer a ação também pode condicionar o desempenho do cão na missão, pois um corte nas almofadas pode comprometer o resto da missão para o cão. "

Fonte: Elaboração Própria

## APÊNDICE F – RESUMOS DAS RESPOSTAS À PERGUNTA Nº3

	<b>Qual a Capacidade Operacional dos binómios existentes no Exército Português?</b>
E1	"No RPara temos cães de força e cães de deteção de explosivos. Neste momento temos 12 cães, 11 deles para uso da força sendo que apenas possuem 3 tratadores/treinadores e temos 2 binómios de guarda prontos."
E2	"(...) Em QO pode ser levantado, inserido no RAME, o módulo de busca e salvamento terrestre que pode contar com a presença de Binómios de busca e salvamento de pessoas desaparecidas. "
E4	"O RL2 possui as valências: Deteção de Estupefacientes; Deteção de Explosivos; Uso da Força (com utilização em várias vertentes como Patrulhas, Controlo de Tumultos, Combate em Áreas Edificadas, etc.); Busca em Grandes Áreas. Da última informação recebida possui 13 Canídeos e a capacidade de alojamento é de: 23 Canis, 1 Maternidade, 2 de Recobro."
E5	"Cães dos Lanceiros têm cães de força, deteção de droga e deteção de explosivos. Cães de força e cães de explosivos no RPara. Cães de Santa Margarida para defesa de pontos sensíveis. Frisar que o RL2 é uma Força de Apoio Geral, daí que deverá estar mais capacitada para apoio às unidades ditas regulares em todas as valências K9."
E8	"Não podemos confundir Capacidade Operacional com sistema de forças, o sistema de forças é na prática a capacidade operacional ideal. Não devemos limitar a capacidade operacional ao número de binómios existente no EP, pois podem existir tratadores/treinadores/operadores que não estejam em condições de operacionalizar os seus cães. "

E12	"Neste momento a capacidade Operacional dos binómios está vocacionada sobretudo na ótica do cão de guerra, ou seja, com animais treinados especificamente para operações de caracter hostil. Podendo ser utilizados para tarefas de segurança ou de ataque, existindo ainda uma pequena parte treinada para a detenção, nomeadamente, de explosivos. Decorrente das necessidades do dia a dia ou de tarefas específicas como o caso da Polícia do Exército podem alguns animais estarem treinados para a detenção de outras substâncias ou para apresentarem comportamentos menos agressivos quando empregues junto de multidões."
E15	"Tendo o EP 3 unidades cinotécnicas com missões muito distintas, a capacidade operacional dos binómios é bastante vasta, na medida em que os binómios têm formação e capacidade de realizar busca de estupefacientes e explosivos, segurança de pontos sensíveis, uso da força, route clearance e busca de odor humano."
E16	"No Pelotão Cinotécnico/BOATA/RPARA da BrigRR: Patrulha, Guarda, apoio a escalões de assalto e unidades de Operações especiais e Precursores Aeroterrestres. No GPE do RL2; Deteção de Droga e Manutenção de ordem publica. Esporadicamente tem sido treinado canídeos com a capacidade de busca e salvamento no PelCino/BOAT. No CMSM para guarda de instalações (paíóis)."
E19	"(...)A nível pessoal, podemos deparar-nos com um efetivo muito baixo no que diz respeito a operadores k9, seria necessário combater estas falhas para podermos oferecer a qualidade em quantidades necessárias. Podemos concluir que há uma enorme lacuna, tanto a nível de infraestruturas, tanto material e a nível pessoal."
E21	"Neste momento temos 18 cães, 6 deles já abatidos por excesso de idade. 2 binómios prontos de intervenção tática mais um binómio de busca de odor humano. Todos os cães são malinois belga e Alemães"

Fonte: Elaboração Própria

## APÊNDICE G – RESUMO DAS RESPOSTAS À PERGUNTA Nº4

	<b>Tendo em conta todas as dificuldades logísticas que a implementação desta valência acarreta que mais valias a cinotecnia traz que justifiquem todo este investimento de recursos, humanos e económicos?</b>
E1	"O espectro do conflito foi constantemente alterando nos últimos 2000 anos e mesmo com uma tipologia de conflito drasticamente diferente, o cão sempre foi uma constante no campo de batalha (...) O investimento pode não ser tão grande quanto ao início pode parecer."
E2	"Aumento do poder de dissuasão; Possibilidade de recurso a um meio de força não letal; Aumento da segurança física a infraestruturas críticas; Aumento da proteção da força em operações, seja pela deteção de explosivos, deteção de forças opositoras, segurança a pontos físicos críticos ou, quando combinado com meios IVR ser um elemento de reconhecimento; Manutenção da operacionalidade dos meios humanos através da deteção de estupefacientes."

E3	" (...) sem nunca esquecer a nossa realidade e singularidade, olhar para o nosso território e para a nossa realidade, e perceber de que forma a cinotecnia pode ser empregue pelos nossos militares que anteriormente já deram provas da mais-valia do emprego dos cães nos tempos da guerra do ultramar."
E4	"A logística não é grande, mas sim específica. Desde que feitas as devidas adaptações, a logística torna-se relativamente simples e facilmente contornável. Ainda assim, exigirá algum investimento inicial como qualquer outra nova implementação, mas as vantagens poderão ser bastante lucrativas. A falta de efetivos de que o Exército tem vindo a sofrer poderá ser, de algum modo, aliviado com a formação de Binómios nas Unidades. A fácil adaptação a quase todas as missões operacionais torna a utilização dos canídeos uma mais-valia por estes serem armas não letais e, com o devido treino, bastante fiáveis e eficazes de custo não muito significativo."
E5	"Tem de existir uma manifestação de necessidade por parte do Exército. Os cães de Santa Margarida nascem desta realidade. O cão não aparece para substituir o homem, mas sim para exponenciar as capacidades. O K9 constitui-se como mais uma ferramenta de trabalho, nomeadamente uma arma não letal. ANPVS-21 custa 21mil, um bom cão anda perto dos 5mil. Os cães têm 2 custos, os custos de manutenção e custos de aquisição. As mais valias do cão são imensas nomeadamente a mitigar riscos e potenciar e exponenciar o potencial humano enquanto os custos são mais residuais do que se possa pensar. "
E6	"As mais valias são muito superiores às dificuldades apresentadas, por exemplo, num alto de segurança 2 ou 3 equipas cinotécnicas conseguem garantir uma segurança que homens apeados nunca iriam conseguir nem com o dobro do efetivo. Na preparação de uma zona de embarque improvisada por exemplo, os cães conseguem com uma proficiência muito elevada identificar se existe alguma ameaça naquela zona. (...)
E7	"A cinotecnia traz sempre mais valias, o custo é muitas vezes sobrestimado e o que o cão consegue oferecer é distinto e muitíssimo difícil de medir ou avaliar. "
E8	"Se não justificasse o exército não tinha, no entanto, não está bem explorado neste momento. "
E9	"Depende sempre do valor que quisermos atribuir à vida humana e não é por acaso que as forças armadas mais avançadas e mais bem preparadas do mundo utilizam cães na condução das suas operações, não tendo a mesma dimensão porque também não temos a mesma escala devíamos procurar o que outras forças têm e para o que é que utilizam os cães e "replicar" à nossa escala considerando sempre as nossas capacidades económicas e humanas. "
E10	"Sim, a cinotecnia é uma mais-valia grande para qualquer força, no entanto, os recursos humanos qualificados são de muito difícil aquisição. "
E11	"No caso da PSP os cães de deteção justificam o investimento dado o seu grande emprego, no âmbito da força tem um uso muito mais limitado. No entanto, fazendo o transfer para a realidade do exército e analisando as capacidades do cão, desde que bem treinado e bem empregue podem garantir um retorno operacional muito relevante. "

E12	<p>"Quando fazemos a implementação de uma valência não podemos estar preocupados com as dificuldades sejam elas logísticas, administrativas ou funcionais (... (As mais valias da cinotécnica estão identificadas através das capacidades operacionais que conseguem executar. O investimento em recursos humanos e financeiros tem de ser visto da ótica da sua utilização, se a sua utilização for considerável os custos podem até ser consideravelmente menores, pois com a utilização de uma Secção Cinotécnica num Batalhão em operações podemos diminuir o pessoal empenhado em missões de segurança, por exemplo. Na realidade do existente atualmente, os custos associados são os necessários para se conseguir manter a valência, nomeadamente na capacidade de formação de novos quadros, manutenção do conhecimento existente e participação em exercícios Nacionais e Internacionais de forma a continuar a desenvolver conhecimento. "</p>
E13	<p>"(...) no meu entender não existem dificuldades logísticas na implementação de equipas cinotécnicas, existe é a falta de conhecimento da capacidade existente. (Exemplos reais: busca de explosivos escondidos a céu aberto de baixo de uma cadeira num anfiteatro, são necessários 8 militares para fazerem uma busca minuciosa que demora cerca de 45min a 1 h. A minha cadela Nyké encontrou e indicou esse mesmo explosivo em 8segundos.) a projeção de um binómio tem os custos de 01 transportadora tática, 01 saca de ração por mês, apoio veterinário que se consegue por meio de acordos diretos nos locais como os franceses fazem ou com forças que amigas que tenham por exemplo ou até mesmo a projeção de um médico veterinário. No meu ver não existem dificuldades logísticas, existem é resistências que não querem simplesmente utilizar a capacidade cinotécnica em FND's."</p>
E14	<p>"Encontrar cães com qualidade genética para operar nas mais diversas tarefas e especialidades pode ser um processo dispendioso a curto prazo. O próprio treino tem de ser feito de forma metódica e sempre com o remanescente da força de forma a garantir uma boa socialização da parte do cão com a força"</p>
E16	<p>"Todas as vantagens inerentes ao emprego da capacidade Cinotécnica em Operações."</p>
E17	<p>"Existe retorno operacional na utilização do cão, no entanto, para compararmos com os custos que o mesmo acarreta e conseguirmos comparar o custo-benefício, teria de ser determinado o valor da vida humana. Ainda que fosse possível ignorar todo o espetro moral inerente à vida de um homem, os custos de aquisição e manutenção de um militar são mais dispendiosos do que os de um cão. (...) A nível de planeamento nos baixos escalões o cão retira muitas incertezas e quando comparado com o custo de outra tecnologia que é adquirida para desempenhar as funções que poderiam ser desempenhadas pelo cão, chegamos à conclusão de que o investimento realizado no cão não é assim tão grande. (...) perder um cão é muito diferente de perder uma vida humana (...)"</p>

E18	"O emprego das equipas cinotécnicas do ponto de vista operacional podemos cingir em três áreas de operação: A prevenção (patrulha vulgar - Security); A repressão (uma resposta rápida a um incidente); Operações planeadas (buscas). A atuação dos cães previne o uso da força, o cão tem a dupla função de proteção da força (meio coercivo) e proteção psicológica. Podemos evidenciar as vantagens no emprego dos cães como: Efeito dissuasor do suspeito em caso de tentativa de fuga; (...) Não é considerado como força letal; é rápido, confunde e intimida; para certos indivíduos a utilização do cão cria medo de forma inconsciente; A capacidade olfativa. A implementação desta valência não pode ser só vista na ótica do investimento em recursos humanos e económicos, mas também como uma capacidade que a força tem ao seu dispor para o cumprimento da missão, sem esta premissa o estudo fica parcial."
E19	"É difícil comparar o investimento a ser feito com o outro lado da balança pois nele encontram-se vidas humanas (...) pode ser um elemento crucial no que toca ao Combate em Áreas Confinadas (...) O investimento também pode ser subjetivo e quando comparado com os custos de aquisição de um militar podemos chegar à conclusão de que os custos são muito semelhantes. Os custos de manutenção por sua vez, são muito mais económicos do que os custos de manutenção de um militar"
E20	"Justifica sempre, o problema logístico é facilmente contornável e não desvia das necessidades normais dos militares. Para além de água potável, comida, um espaço para descansar e apoio a nível de medicamentos e 1ºs socorros o cão não precisa de muito mais."
E21	"Para o emprego atual, não justifica o investimento de todos os recursos, no entanto se o emprego operacional fosse correto ou pelo menos mais significativo o investimento já faria todo o sentido. Caso tenha aplicabilidade e não apenas para a existência, o investimento passa a fazer sentido."

Fonte: Elaboração Própria

## APÊNDICE H – RESUMO DAS RESPOSTAS À PERGUNTA Nº5

	<b>Que modelo considera que é o mais apropriado para disponibilizar a cinotecnica como uma valência disponível para todos os Batalhões?</b>
E1	"(...) era necessário manter uma escola central, uma unidade como é neste momento o PelCino no RPara que teria nela concentrada toda a aquisição e formação dos cães sendo que depois os militares dos diversos batalhões vinham à escola receber formação e realizar a sua adaptação com os cães. Uma vez concluída os binómios regressariam à unidade de origem."
E2	"o Exército deve ter por base a formação de militares dos BI como condutores cinotécnico, aproveitando assim o conhecimento das TTP's das unidades onde se encontram inseridos e não à unidade central. Se os operadores pertencerem organicamente à unidade central tornava-se necessária, na minha ótica um maior dispêndio de tempo na formação enquanto binómio acrescido da adaptação às TTP das forças. Deve-se ter em conta que o binómio não está lá para alterar a dinâmica da força, mas sim para complementar a mesma, sendo esta a principal razão para o condutor do cão militar ter de ser um profundo conhecedor das TTP's da unidade apoiada"

E3	<p>"(...) O ideal realista seria a formação de um Centro de Excelência Cinotecnico, responsável pela formação e certificação de todos os binómios. Responsável pela aquisição toda de cães e material, com um corpo de formadores e técnicos presentes em permanência no Centro (outros a convocar), responsáveis por treinar e preparar os cães, os condutores e os binómios. Os tratadores dos cães eram oriundos das diferentes especializações, enviando as unidades originárias- os seus militares para se formarem como condutores/ tratadores que depois regressavam à unidade de origem como binómios. "</p>
E4	<p>"O primeiro passo será a criação de uma Unidade reguladora com a responsabilidade doutrinária, formativa e avaliação periódica que possa dar apoio aos módulos cinotécnico de todas as Unidades do Exército que necessitem de tal valência. (...) Com esta Unidade Reguladora, centralizam-se vários procedimentos como aquisição, gestão, formação e uniformização de procedimentos que irá retirar muita carga às pequenas unidades deixando o foco das mesmas mais voltado para o contexto operacional."</p>
E5	<p>"O modelo devia incidir sobre uma Unidade central chefiada por militares de Veterinários (os mesmos dão continuidade, carreira de especialidade). Deveria ser organizado por módulos consoante as especialidades dos cães (...) Este módulo tinha como responsabilidades e finalidades centralizar a instrução, o processo de aquisição, certificação, etc. Os operadores seriam fornecidos pelos BI que enviavam os seus militares conhecedores das TTP internas para receberem uma formação de operador, após esta formação, regressam à unidade com o cão o que implica que os regimentos têm de ter o mínimo de infraestruturas para terem os cães, como por exemplo, 4 canis e uma sala pequena para armazenamento de ração ou outro material. (...)"</p>
E6	<p>"Face à realidade do exército e inexistência de infraestruturas a centralização constitui-se como a melhor opção. A criação de uma escola central era importante (...) deve ser dada preferência a este tipo de formação ao invés de formar binómios "rápidos" no qual o operador apenas recebia a formação específica e não fazia o trabalho e evolução toda com o cão. Este centro deveria possuir todos os binómios já constituídos, dividido em módulos Cinotecnico, diferenciados entre módulos de formação e módulos operacionais. "</p>
E7	<p>"No caso do Exército, o ideal seria centralizar tudo não só por uma questão de uniformização de treino e formação, mas também para garantir uma maior eficiência logística. Criando uma unidade central que funcionasse como escola, estaríamos a garantir que todos os cães estavam devidamente treinados e preparados para serem entregues a operadores que deveriam passar por um processo de validação de treino e formação individual para garantir que estes possuem capacidades de conduzir e operar o cão. Periodicamente deveria ser feita uma reciclagem e um regresso à escola (...)"</p>
E8	<p>"O modelo com menos custos, que apresenta algumas vantagens organizacionais, consiste num modelo central, com o próprio comando com ou sem EM consoante o escalão, e com as diferentes especialidades divididas em módulos (...) Pode estar ligado/chefiado por Veterinários, no entanto não seria o ideal. A localização geográfica específica deveria ser estudada e analisada, no entanto deveria estar toda no mesmo sítio. Não precisava de estar sob a égide do RPara podendo ser uma Forças de Apoio Geral sendo, para tal, necessário acautelar as necessidades operacionais das diversas tipologias de Forças"</p>
E9	<p>"O ideal seria uma escola que forme de forma uniforme todos os militares e cães, divida por especialidades e com militares técnicos dos QP com função de treinador sendo que os operadores são praças enviados pelos diversos Batalhões que são formados apenas como operador. (...)"</p>

E10	"É mais vantajoso a nível operacional e de partilha conhecimentos se a cinotecnia estiver toda centralizada (...). O ideal seria um sistema misto, uma escola central responsável por formar os binómios, mas depois seguem para as diferentes unidades e servem nas diferentes unidades sendo obrigado a regressarem à escola para serem novamente certificados e avaliados. "
E11	"Uma das opções era ter uma unidade central, que treinava, certificava e aprontava os binómios e que empregava para os diferentes batalhões correndo o risco de os militares não serem conhecedores dos procedimentos das unidades que iriam apoiar. Uma situação mais flexível seria ter uma unidade central responsável pela formação e as subunidades responsáveis pelo treino operacional e integração dos binómios na força. (...)"
E12	"(...). Em primeiro lugar penso que o ideal é que cada Batalhão tenha quadro orgânico específico para esta capacidade, de seguida todos os militares para ocuparem esse lugar devem fazer a respetiva formação na Unidade de formação para o efeito à semelhança de outros cursos já existentes. Quanto à distribuição de animais esta deve ser feita sempre da mesma forma, por exemplo, o militar quando inicia funções e após a sua formação recebe o animal já treinado e com as características pretendidas para o desempenho da sua função, quando o militar necessitar de outro animal dever ser sempre levantado no local de formação."
E13	"O ideal seria ter uma companhia na qual existisse um pelotão Cinotécnico com 03 secções tal como está no QO do BOAT e um pelotão com uma secção de formação que não existe neste momento. Os militares do Pelotão Cinotécnico (PelCino) tem prestado o serviço na parte operacional e de formação ao mesmo tempo. "
E14	"A Centralização de todas as especialidades cinotécnicas das FAA e Forças de Segurança, assentar-se-ia na criação de um espaço comum, como por exemplo um Centro de Treino Cinotécnico Nacional (...) A credibilidade de uma especialidade passa pela estruturação de uma cadeia de comando específica e especializada para este efeito, pois é necessário estabelecer uma estrutura de Formação, Treino, Supervisão e Avaliação/ Certificação. Após este ponto, os batalhões que necessitassem de integrar binómios nas suas missões nacionais ou internacionais, recebiam binómios proficientes, orgânicos do centro, ou dada a especificidade de certas especialidades, alguns Batalhões ou Forças, poderiam nomear militares seus para receber formação de Condutor Cinotécnico de um cão com treino especializado já efetuado, em uma ou duas valências e regressar à unidade de origem como binómio, com formação certificada, ficando apenas pendente a certificação operacional. "
E15	"No que toca à formação, todos os operadores têm a mesma base e todas as unidades adaptam o modelo à sua missão em específico. Assim sendo, cada um dos batalhões teria de adaptar um modelo específico à sua missão."
E16	"Considero um modelo que privilegie a centralização num centro de excelência Cinotecnico a nível do EP."
E17	"O modelo ideal passaria pela criação de um centro de excelência Cinotecnico das Forças Armadas que funcionaria como escola, com a aquisição e formação centralizada. Para além deste centro, cada batalhão de tropas especiais (paraquedistas, comandos ou operações especiais) deveria ter o seu núcleo Cinotecnico diretamente dependente e em apoio ao batalhão. Para além destes núcleos deveria de existir ainda um núcleo na BrigMec e um núcleo na BrigInt que permitisse empregar os binómios ao serviço dos diversos batalhões e grupos da Brigada. A mobilidade tática ficaria ao encargo de cada brigada assim como o treino operacional. O centro de excelência ficaria como entidade responsável pela formação, preparação e certificação dos binómios. "
E19	"O ideal seria criar um Centro de Excelência Cinotécnica, responsável por todo o processo de aquisição, formação e certificação dos binómios. Este centro com um núcleo duro de formadores, preparava os condutores (militares oriundos dos diversos batalhões de infantaria) para operar com o cão tornando-se assim o binómio constituído. Quando

	certificados, os condutores regressavam às unidades de origem como binómios certificados. "
E20	"Dada a realidade de todos os ramos das Forças Armadas podiam até incluir todos os binómios das FAA numa escola única, responsável por formação e certificação dos binómios, (...), treino específico seria realizado à posteriori sendo que os militares dos diferentes batalhões e diferentes ramos seriam enviados à escola central onde seriam formados e certificados e após esta formação base só necessitavam de regressar periodicamente para uma "reciclagem". (...) a formação geral do cão é muito idêntica, depois é necessário apenas "afinar" o cão consoante os requisitos operacionais das diferentes tipologias de forças. Os condutores dos binómios têm de ser militares dos Batalhões, o conhecimento das TTP das forças é fundamental (...) Os binómios têm de estar fisicamente, centralizados, permitia impedir a multiplicação de construção de infraestruturas e otimizava o tratamento dos cães. "
E21	"Deveríamos ter a formação toda centralizada, isto promove a partilha de experiências e conhecimentos assim como o treino com outros binómios. Cada batalhão caso quisesse ter cinotecnia a operar junto dos seus batalhões enviava os militares para receber a formação e só depois levava o cão para o treino com o restante batalhão. "

Fonte: Elaboração Própria

## APÊNDICE I – RESUMO DAS RESPOSTAS À PERGUNTA Nº6

	<b>Na definição de conjuntos de regras e princípios que norteiam as ações das forças, quais são as necessidades doutrinárias para a implementação de uma força de cinotecnia no EP? O PDE existente é suficiente? Seriam necessárias publicações técnicas?</b>
E1	"A nível de documentação seria necessário rever os referenciais que estão desatualizados, não só os referenciais, mas também a revisão da PDE. O apoio veterinário tem de ser mais bem explicado e com maior conteúdo. Os procedimentos técnicos também deveriam estar vertidos numa publicação técnica. "
E2	"Para além da PDE é preciso criar doutrina aos baixos escalões, uma publicação técnica. Para além disto é necessário criar algo similar ao que o EUA tem identificado como handbook para o Cão Militar, ou seja, como é preparado, treinado, tratado e operado. Para além disto é preciso um auxiliar para o decisor tático, uma "brochura" que consiga descrever as capacidades e limitações do binómio."
E3	"A publicação doutrinária carecia de uma revisão, que foi realizada. Alterar o foco para princípios de emprego e não procedimentos técnicos, esses devem estar vertidos numa publicação técnica. Fundamental é aplicar o que se encontra vertido na PDE"
E4	"(...) As metodologias de treino na área cinotécnica atualizam-se muito regularmente com o avanço das várias instituições militares e civis. Desta forma, a PDE deverá ser permissiva à adaptação, mas garantindo que todos os métodos novos sejam testados e consolidados, pela entidade responsável, antes da aplicação a todas as unidades"

E5	"Deveria ser criada uma Publicações Administrativa que contenha os levantamentos de infraestruturas e materiais que deviam estar presentes não só na Unidade Central Cinotecnia como nas pequenas instalações presentes em cada regimento. Também seria necessário criar uma publicação Técnica, muitas das coisas presentes na PDE deviam estar vertidas nesta publicação técnica (...)"
E6	"Não a nível doutrinário, mas sim a nível técnico, os manuais poderiam ter muito mais contributos do conhecimento civil que em certas áreas é mais avançado. "
E7	"As publicações técnicas são muito importantes, padronizar os procedimentos e uniformizar a formação e a melhor forma de o fazer é através de referenciais e manuais, ter todos os procedimentos discriminados."
E8	"Sendo a doutrina o emprego de meios e forças nas operações. Uma PDE de cães não deveria existir, mas sim uma publicação técnica ou administrativa. A parte doutrinária deveria estar incluída na doutrina da condução de operações das diversas tipologias de batalhões. "
E9	"A criação de um manual de formação seria algo indispensável. A doutrina deve contemplar as funções do cão, as competências do mesmo, as capacidades e as limitações. Deixar alguma abertura para o discernimento individual e experiência dos militares. Criação de Publicações Administrativas são importantes para discriminar tudo o que as infraestruturas devem ter assim como os materiais que todas as unidades devem ter. "
E10	"A nível de documentação é preciso que existam referenciais de curso e manuais técnicos para garantir a formação e uniforme operacionalização dos binómios assim como limita a discricionariedade individual do operador em relação aos requisitos operacionais"
E11	"A doutrina já existe e está bem consolidada. "
E12	"Para implementar uma Força cinotécnica no EP, certamente será necessário a realização de estudos e criação de doutrina para emprego da mesma. No entanto, se a ideia é dotar Unidades do EP com forças cinotécnicas, aí existe um longo caminho a percorrer com a criação de conhecimento, para isso o PDE Cães Militares é a base de trabalho e o conhecimento adquirido deve ser vertido em documentos tipo NEP ou publicações técnicas."
E13	"O PDE é apenas uma das linhas orientadoras, existe também o STANAG no qual o PDE se apoia. Para além disso existe também os referenciais de cursos da especialidade. Mas o problema mantém se na inexistência de elementos certificados que façam uma certificação a cada especialidade anualmente. Não temos a nível do exército entidades que façam uma avaliação credível da capacidade dos Binómios Cinotécnicos."
E15	"A nível doutrinário, é necessário estabelecer as Rules of Engagement (ROE) que estabeleçam as modalidades de ação para o uso da força adaptado às situações onde se verifique escalada da força. O PDE é apenas uma base de apoio ao treino e cuidado dos cães (...) não especifica nada sobre uso da força, cuidados a ter, modo de emprego dos binómios etc. É importante que se elaborem técnicas e procedimentos no uso da força em geral (...)"
E16	"O PDE existente não responde às necessidades efetivas do emprego em Operações, esses aspetos devem ser vertidos em PDE dos Batalhões de Infantaria. A atual PDE "Cães Militares" está em processo de revisão e resultará numa PTE com questões mais técnicas no âmbito específico da cinotécnica. "
E17	"Na PDE dos diferentes batalhões deveria ser acrescentado um subcapítulo que abordasse o emprego de binómios junto com aquela tipologia de batalhões e com as viaturas que operam. Para além desta revisão, é preciso um manual técnico que explique a preparação e utilização do binómio ao nível do condutor. "

E19	"A PDE e os referenciais de curso existentes são recentes e encontram-se atualizados, pode ser discutido se o conteúdo presente na PDE não deveria estar vertido na PDE de cada Batalhão num subcapítulo. Está a ser criado um manual técnico de emprego do binómio nas operações e também um manual de formação que assuma a função de "bíblia" para todos os operadores k9"
E20	"PDE está muito vocacionada para o emprego de cães Militares e não para os cães de polícia militar, era preciso rever esta publicação para garantir que a publicação se tornava mais generalista (...) Seria ainda importante a existência de um manual técnico para o treino do cão, algo que contenha todo o processo de formação e eventualmente procedimentos específicos de atuação (...) Deve ainda existir uma publicação administrativa que indique com clareza informações como o conteúdo dos kits de primeiros socorros, as condições que um canil deve ter, os cuidados a ter com o cão, etc. "
E21	"A nível doutrinário a PDE pode ser suficiente, no entanto, existe uma grande deficiência de procedimentos táticos e técnicos que seria necessário criar e uniformizar os procedimentos. "

Fonte: Elaboração Própria

## APÊNDICE J – RESUMO DAS RESPOSTAS À PERGUNTA Nº7

	<b>Relativamente ao quadro orgânico, consegue indicar de que forma deveria estar o QO estruturado de forma que a valência pudesse ser empregue de forma sustentada?</b>
E2	"O quadro orgânico vai sempre depender do nível de ambição que se queira, ou seja, avaliar que escalão queremos apoiar e a partir daí construir um quadro orgânico."
E3	"O QO não precisa de ser muito extenso, uma atualização ao atual Pelotão poderia ser suficiente. A atualização passaria por congregar a capacidade operacional (neste caso para condutores PQ) com as restantes necessidades do Centro (formação e gestão cinotécnica), garantindo uma organização consequente para a cinotecnia no Exército, sem provocar aumento no efetivo aprovado. "
E4	"Deve ser um Módulo com um Comandante, Oficial QP e por Sargentos QP (autoridade técnica) formados nas valências que tenham relevância para a unidade em questão. Também deverá ser constituída por Praças na qualidade de condutores dos Binómios. A estrutura não deve ser vista como um Pel tradicional de atiradores, mas sim como uma boa parcela de Sargentos igual ou superior que as Praças. O RCE seria bem aplicável a estes militares."
E6	"Para apoiar um Batalhão devemos considerar 4-6 binómios, 2 equipas para 2 dos pelotões que operam nas tarefas críticas e outros 2 binómios para contingências. (...) "
E7	"De forma ideal, cada elemento deve tratar, treinar e operar o seu cão, no entanto de forma a conseguir economizar os recursos humanos, é possível ter tratadores no modulo central que auxiliem os trabalhos técnicos do centro, salvaguardando sempre a existência de um treinador que trabalha e treina os cães (...) "

E8	"(...) Depois de se definir a tipologia de cães que se pretende, aí sim, deveríamos pensar no QO sendo que ainda é limitado pelo "Para que?" e "Para quem?" associado ao orçamento disponível. As valências não podem aparecer por capricho ou vontade, mas sim por necessidade operacional. (...) Para ser definido o nº de cães existentes que seriam necessários temos de compreender a ambição nacional que neste momento é de projetar 3 batalhões em simultâneo, por isso, no mínimo teriam de existir 9 equipas, 3 equipas para cada batalhão (...)"
E9	"Esta escola deveria ser dividida por módulos, sendo que cada módulo se iria dividir por especialidades do cão, sendo que os diferentes treinadores e tratadores estariam colocados no módulo respetivo. "
E10	"Um comando da escola/centro e depois dividir por módulos que basicamente são divisões por especialidade. "
E11	"No caso da criação desta escola central a mesma deveria dividir-se entre formação e componente operacional"
E12	"Para um melhor emprego desta capacidade as Unidades escalado Batalhão, deveriam ter na sua estrutura pelo menos um efetivo de escalão Secção, estando organicamente colocado junto do apoio de combate, podendo depois ser atribuído de reforço ou empenhado como um todo em certas tarefas próprias das Unidades."
E13	"Comando de um Capitão, dois pelotões sendo que um deles estaria vocacionado apenas e só para a formação, cada pelotão composto por 2 seções cinotécnicas"
E14	"Ao criar-se um QO deveria considerar-se uma unidade de comando escalão, Regimento, com o respetivo Estado Maior, e com as subunidades divididas em Batalhão de Formação Cinotécnico; Batalhão Operacional Cinotécnico Direção de Ensino, Módulo de Apoio Sanitário (UnSaude II e Clínica de Canídeos com capacidades de diagnóstico e tratamento avançados) Avaliação e Certificação da Qualidade (...)"
E15	"(...) Tendo como exemplo o QO da secção cinotécnica do CMSM (0/1/3), é necessário que haja mais um graduado para combater lacunas no treino e ter sempre um treinador presente no treino dos tratadores. No entanto, é importante que em todas as unidades, cada cão tenha um tratador atribuído de forma que o treino seja o mais consistente possível e para que a ligação entre os dois seja sempre muito forte, potenciando assim as capacidades do binómio."
E16	"Os Batalhões de Infantaria não necessitam de ter a valência em QO, mas sim prever o seu emprego recebendo em apoio ou reforço equipas K9"
E17	"Como definido no modelo, cada Brigada teria o seu núcleo com exceção da BRR que constituiria um núcleo em cada batalhão de tropas especiais. A escola de formação geral, o centro de excelência Cinotecnico, seria comum para os três ramos e responsável pela aquisição de cães, material e equipamento. "
E19	"Um comando único, com uma divisão por módulos consoante o momento onde o mesmo se insere, formação inicial, formação avançada ou processo de certificação como se fosse um módulo de formação, um módulo de especialidade e um módulo de avaliação e certificação"
E20	"Este centro teria obviamente um comando único e depois uma organização modular, dividida eventualmente por equipas/binómios na qual constavam os instrutores e formadores que ficariam em permanência no centro. Os condutores/operadores do cão que vêm receber formação base não estariam inseridos no QO, vinham em diligência ao centro, formavam-se, mas continuavam a pertencer administrativamente às unidades de origem. "

E21	"Se descermos ao nível de UEC, deveríamos ter no mínimo 3 binómios sendo que num mundo ideal poderíamos eventualmente alargar este número para 6 binómios, ou seja, 2 por pelotão. Para além dos binómios propriamente ditos, era proveitoso existir um apoio veterinário permanente. "
-----	---

Fonte: Elaboração Própria

## APÊNDICE K – RESUMO DAS RESPOSTAS À PERGUNTA Nº8

	<b>Sustentado no QO sugerido, quais são as necessidades de RH necessários para a operacionalização da valência?</b>
E1	"Tem de existir pelo menos 1 tratador por cada cão, podendo cada tratador/treinador estar responsável por 2 cães. Caso os tratadores sejam unicamente responsáveis por tratar os cães podem ter mais cães."
E3	"A nível de recursos humanos são necessários praças na função de tratadores, sargentos enquanto treinadores e formadores e pelo menos um oficial que comande o Pelotão. "
E4	"Por ser uma área bastante técnica, estou certo de que deve existir um comprometimento dos militares que nela se insiram, já que é preciso muita experiência técnica para alcançar bons resultados. (...)"
E5	"O Comando deveria estar ao encargo de Veterinários (...) Cada módulo chefiado por um Sargento técnico que fazia parte do corpo de formadores. Formadores compostos por Sargentos com a função de treinar e certificar os cães. As equipas K-9 seriam compostas por praças que assumiam também a função de tratadores (...)"
E8	"Seriam precisos Oficiais e Sargentos dos QP colocados neste centro com a função essencialmente de treinar e preparar os cães. Seriam ainda precisos alguns praças com a função de tratador. "
E9	"A nível da organização seria necessário um comando da unidade, sargentos que assegurassem as funções de instrutores e treinadores e praças como tratadores e auxiliares na manutenção das instalações físicas e no tratamento dos cães. Os operadores dos binómios seriam praças dos diversos batalhões."
E10	"Seriam necessários oficiais para comandar esta unidade, sargentos dos QP para treinar e certificar os cães e depois praças da escola para auxiliar no tratamento dos cães e praças operadores dos diferentes batalhões. De forma geral, todos os militares que trabalham com cães devem passar por testes psicotécnicos de forma a garantir uma vocação mínima para o trabalho. "
E11	"São necessários treinadores e formadores altamente especializados e com experiência, sargentos essencialmente. Os praças seriam apenas os condutores dos cães. "
E12	"As necessidades de pessoal são exatamente as mesmas que existem para as restantes valências de apoio de combate existentes num Batalhão de Infantaria. Contudo face aos reduzidos efetivos existentes atualmente esta situação poderá ser equacionada, pois facilmente é confrontada com as restantes capacidades do apoio de combate e só em situações muito particulares a cinotécnica pode ser diferenciadora."
E13	"A necessidade de RH reside na falta de Oficiais (inexistentes) e nos Sargentos que neste momento é apenas 01. (...)"

E14	"Para a operacionalização desta escola eram necessários especialistas/formadores sargentos e praças com experiência e formação em cinotecnia, não precisam de ser militares com cursos de tropas especiais, precisam sim de ser especialistas em construção de comportamento canino. Os tratadores devem ser idealmente os condutores do cão."
E15	"Existência de graduados em que pelo menos um tenha o curso de auxiliar de veterinário e o Canine Tactical Combat Casualty Care para todos os operadores. É importante também que os tratadores fiquem o máximo de tempo possível na instituição de forma que a ligação do binómio seja sempre o mais forte possível. Este é um ponto que nem sempre é fácil de manter devido à falta de atratividade, não da área cinotécnica, mas da instituição. A cinotecnia deveria de fazer parte do regime de contrato especial (RCE) para que durante a sua carreira, os cães tivessem apenas um tratador ou o mínimo de tratadores possíveis."
E16	"Tendo em conta os Batalhões de Infantaria existentes, considero que 20 binómios seriam suficientes para garantir a capacidade, não estando nestes números as necessidades de formação. Tendo em conta que o ciclo de vida operacional dos canídeos termina por volta dos 7 ou 8 anos de idade, a aquisição de canídeos deveria acompanhar as necessidades elencadas em termos de RH."
E17	"O núcleo de formação seria alimentado por formadores, técnicos especialistas que ficariam em permanência no centro, os operadores dos cães seriam militares orgânicos das unidades de origem que apenas recebiam a formação enquanto condutor. "
E19	"Seriam necessários oficiais que comandassem este centro, sargentos como técnicos, formadores e treinadores de cães e praças como tratadores e treinadores também. "
E20	"Os operadores e tratadores podem ser militares em RC, no entanto, os treinadores e instrutores da cinotecnia convinha serem dos QP e todos devem ter cão atribuído, desde o comandante da força ao soldado mais moderno. Em áreas mais sensíveis como os cães de deteção de explosivos, os operadores devem ser sargentos dos QP dada a formação e experiência necessária para operar estes cães. O nº de cães e consequente nº de tratadores, treinadores e operadores depende do nível de ambição que se pretenda. "
E21	"A nível de pessoal, o maior destaque é para a inclusão de um elemento enfermeiro de veterinária em permanência. "

Fonte: Elaboração Própria

## APÊNDICE L – RESUMO DAS RESPOSTAS À PERGUNTA Nº9

	<b>A doutrina constitui-se como ferramenta essencial, porém, é necessário também a aplicação da mesma de forma continuada e com o objetivo de aprimorar as forças assim como as manter num estado de prontidão permanente. Quais são as necessidades de treino que uma força destas exige?</b>
E1	O treino deve ser diário, por norma os cães treinam 2 vezes por dia, de manhã e ao fim do dia, não só obediência, mas também treino específico.

E2	"(...) é preciso ter sempre o treino de sociabilização e obediência e dessensibilização de fatores de distração e em cima disto, os treinos específicos. O treino deve ser diário (...) O cão consegue detetar cerca de 12 substâncias. Deve ainda existir treino de condicionamento físico, não só ao cão, mas também ao condutor. Além disto, deve ser também treinada toda a integração do binómio na força a apoiar (...)"
E3	"A formação/treino do binómio tem de ser feita de forma diária, (...) Para os tratadores (...) deve garantir pelo menos a proficiência na condução do cão, bases de treino de condicionamento físico e obediência e primeiros socorros (TC3-K9). "
E4	"Quanto ao bem-estar animal, é obrigatório que o canídeo saia todos os dias e receba a sua profilaxia diariamente. Preferencialmente com o seu binómio, mas garantido a sua ausência pelo Tratador Dia. Os treinos de obediência e específico são diários e contínuos, em pequenos, mas intensos períodos durante o dia. (...)"
E5	"Começando do 0, o processo de preparação do binómio seria dividido em três fases. Numa primeira fase a preparação, com a adaptação do QO, a seleção dos graduados, a aquisição de materiais e cães e recrutamento dos tratadores sendo que este processo demoraria cerca de 2 meses. Nos três meses subsequentes teria lugar a fase de formação com o curso de operador e tratador a decorrer. A terceira e última fase, a consolidação seria exclusiva para treino operacional em contexto real assim como a realização de exercícios. "
E6	"O cão exige um treino diário, é difícil entrar em especificações, mas existem certos princípios que devem ser respeitados. Os treinos de obediência são sempre os primeiros, os treinos na fase de formação têm obrigatoriamente de ser mais intensos e regulares sendo que nos treinos de manutenção ganhamos outra flexibilidade. O treino deve ser variado para o cão. "
E7	"O treino não precisa de treinar muito, precisa de treinar bem, se estivermos constantemente a treinar e estimular o cão podemos correr o risco de estragar o cão. (...)"
E8	"Os exercícios servem para validar treino, os binómios têm de treinar com a restante força onde vão ser inseridos. Os operadores seriam obrigatoriamente alvo de um curso específico de operador e seriam validados e certificados antes de regressarem às unidades de origem com o cão. O treino deve ser diário, o específico não precisa de ser diário, mas todos os dias os cães devem sair do canil. "
E9	"O cão precisa diariamente de bem-estar físico, caminhadas, corridas, higiene diária e verificação sumária do estado clínico do cão. O treino de obediência é a base de qualquer cão sendo que deve também existir um treino específico. A nível de militares que servem na unidade todos devem ter a formação base e como complementar a isto, módulos a nível de higiene, primeiros socorros e outros. (...)"
E10	"A nível de treino a exigência é diária, não precisa de ser muito intensa nem prolongada, mas constante. A base é a obediência e tem de ser a primeira a ser trabalhada. Por parte dos treinadores tem de existir um conhecimento técnico profundo para garantir que o treino e preparação são bem feitos. É importante a sensibilização a diferentes ambientes dos cães como a praia, estímulos "estranhos" como disparos e outras coisas. Treino de condicionamento físico é importante e deveria estar presente de forma geral 2 vezes por semana. "
E11	"(...) é preciso construir os alicerces, o condicionamento físico, o bem-estar fisiológico, a obediência e o próprio descanso é fundamental. Para além de todo este trabalho acessório que o cão tem e deve fazer, tem de trabalhar a sua especificidade e sua valência específica."

E12	"As necessidades de treino são também elas idênticas ao treino realizado por unidades de manobra (...) com a pequena diferença que para além do treino individual e coletivo, deve também dedicar algum treino específico para que o animal melhore as suas capacidades e competências já adquiridas. "
E13	"O treino é essencial em qualquer especialidade, e a cinotecnia não é diferente das outras áreas. Exige treino específico para as áreas que lhe são destinadas, exige treino em conjunto com os batalhões e formações para melhorar as capacidades existentes."
E14	"O treino deve ser diário e diversificado, o treino de endurance deve ser diário ou pelo menos 3 vezes por semana para criar robustez física e endurance. O treino da disciplina/obediência é um trabalho que tem de ser feito diariamente, não tem de ser muito longo, mas tem de ter uma tarefa realizada todos os dias, o treino específico também deve ser diário. Os Ambientes e contextos de treino deverão ser diversificados a fim facilitar a generalização dos comportamentos apreendidos por parte do cão. Cada homem de forma ideal deveria ter até 02 cães. É Importante que o trabalho seja constante e dinâmico, para garantir a eficácia do cão e não deixar que se torne preguiçoso. "
E15	"Cross training, treinos integrando as forças de manobra da unidade que apoiamos para haver eficiência na adaptação das TTP's. Formação contínua e intercambio com outras forças paramilitares (PSP e GNR) (...)"
E16	"Toda a tipologia de treino específico da equipa K9 e tarefas críticas de atiradores (Infantaria9 e ainda um plano de treino de integração e atuação conjunta com as unidades táticas. "
E17	"(...) O estado final desejado de um cão é que o próprio não se limite a dar uma resposta pré-estabelecida, mas sim que consiga tomar decisões táticas no momento. "
E18	"(...) Neste caso serão necessários dos tipos de treino: o do binómio e por seguinte o treino com a força de modo que o cão se familiarize com a atuação da força"
E19	""O treino deve ser dividido entre básico, avançado e operacional. O treino básico e avançado seria todo dado no centro de formação, dando-se uma inicialização ao treino operacional através da formação dos condutores/tratadores em TCCC K9. Dando continuação ao treino operacional nas suas respetivas unidades, consoante o emprego que pretendem retirar do elemento cinotécnico. Após a certificação é necessário continuar a preparar e treinar o cão, função do condutor do cão que tem de saber realizar esse treino de potencialização da capacidade do cão. ""
E20	"O cão idealmente deveria treinar de forma diária com a obediência como base, condicionamento físico dentro dos requisitos da missão do cão e treino específico para a sua especialidade. Caso o treinador não tenha possibilidade de treinar o cão durante um período mais prolongado deve ser outro militar a manter o cão ativo. Os estímulos externos devem existir, habituar o cão a operar com disparos, com multidões, em ambiente diferentes, etc."
E21	"O cão parado é contraproducente, o treino de obediência deve ser diário e esta é a base de toda a formação. Para além desta tipologia de treino, é necessário treino específico para o cão, para a sua função seja busca de odor humano ou intervenção tática. Bem como é necessário o treino o treino diário do binómio com os restantes elementos da equipa, do pelotão ou da força que o binómio irá integrar, para criar rotinas entre o cão e os restantes elementos de uma equipa tática e assim numa ação o cão já não irá estranhar os elementos da equipa, tal como os elementos da equipa irão estar mais à vontade com o cão no meio deles."

Fonte: Elaboração Própria

## APÊNDICE M – RESUMO DAS RESPOSTAS À PERGUNTA Nº10

	<b>Assim como o combatente apeado ou montado carece de material específico para o desempenho das suas funções, também as unidades de cinotecnia carecem desta especificidade na sua preparação. Que material considera importante para uma operacionalização desta unidade?</b>
E1	"As passadeiras podem ser uma ferramenta importante e eficiente para o condicionamento físico do cão. (...)As viaturas também são importantes para o transporte do cão, faz diferença o cão ser transportado em atrelado ou numa transportadora dentro de uma outra viatura não própria para o transporte do pessoal."
E2	"Para além do material de confinamento e transporte do cão, todo o material de treino necessário á função que o mesmo vai desempenhar. (...) "
E3	"A nível de materiais é importante que exista um bom kit de 1ºs socorros disponíveis de forma transportável e fixa no Centro, coleiras, trelas, coletes, congos, brinquedos, fatos de mordida, pentes e escovas, etc. A nível de viaturas os cães carecem de viaturas próprias para o seu transporte. "
E4	"(...) Viaturas equipadas com refrigeração na caixa e adaptação para as transportadoras (...)"
E5	"O PDE tem descrito todos os materiais. Material de Mordida – Fatos, Mangas, etc.; Material de combate para o Operador - ajustado ao K9 e aos constrangimentos inerentes pela utilização de um cão; Material de combate para o K9 – óculos, protetores auditivos, proteção balística."
E6	"(...) transportadoras, atrelados, mangas de mordida, fatos de mordida, bolas, obstáculos, trelas, corpetes, viaturas e atrelados para transporte, etc. (...)"
E7	"Todas as unidades de cinotecnia devem ter trelas, coletes, escovas, congos, churros, fatos de mordida, etc. (...)"
E8	"(...) há a destacar o material para o treino dos binómios dependendo da tipologia dos mesmos, (...)"
E9	"Equipamento Tático tais como trelas, coletes, entre outros... Jaulas de transporte, viaturas próprias para o transporte dos cães. Fatos de ataque, tigelas, etc. (...)"
E10	"(...) A nível de materiais é importante que exista um bom kit de 1ºs socorros disponíveis de forma transportável e fixa no centro, coleiras, trelas, coletes, congos, brinquedos, fatos de mordida, pentes e escovas, clickers,"
E11	"Para além de todo o material obrigatório que este tipo de valência exige, as viaturas para transporte dos cães são importantíssimas, para garantir que o cão chega com o máximo de potencial quando é empregue. (...)"
E12	"(...) Importante é ter sempre material de proteção de zonas sensíveis como é o caso dos olhos, membros e tronco. Para além destes é fundamental que este disponha de um arnés para facilitar o controlo por parte do seu tratador/condutor quando necessário, sendo também importante por parte do tratador dispor de algum material específico para o animal tanto ao nível da alimentação como dos primeiros socorros. "

E13	"Cada área exige os seus materiais específicos. Neste momento o PelCino está equipado com o essencial para dar uma boa formação e para acompanhar a nível operacional os batalhões paraquedistas. "
E14	"Todos os cães deveriam ter o seu equipamento individual, nomeadamente 3 trelas, uma de 1,2m com o propósito de condução do cão, outra de 2,10m que permite dar oportunidade ao cão de decidir num raio de ação limitado e uma terceira trela de 10m mais usada para a deteção. Para além das trelas, deve ter pelo menos uma coleira de cabedal, uma coleira de nylon, destinada aos cães que asseguram dupla valência na capacidade de emprego e uma coleira estranguladora, sendo que o cão pode ser preparado para a coleira definir o trabalho que o cão irá realizar, ou seja na prática funciona como a ignição, assim que o cão colocar a coleira ativa o tipo de tarefas que vai executar para uma função/valência específica. 01 Açaime de Cabedal e 01 Açaime Metálico estes artigos devem ser considerados de uso regular, pois diversas intervenções e adaptações terão de ser efetuadas com este equipamento, e o cão terá de estar habituado a usá-lo. A compra de uma passadeira para o condicionamento físico permite desenvolver a endurance do cão num ambiente controlado que protege mais as almofadas e permite regular e mensurar melhor o esforço do cão, sendo que permite ainda ensinar o cão a respirar pelo nariz que apresenta depois vantagens no doseamento do esforço. Para além deste material devem existir ainda coleiras eletrónicas para conseguir dar ordens ao cão à distância, brinquedos, instrumentos de trabalho como churros, Kong's, clickers, etc. (...) Para além disto tudo, transportadoras e viaturas próprias para o transporte dos cães também são de elevada importância. "
E15	"Transportadoras; Estrangulador; Peitoral/ Peitoral Tático Trelas de vários tamanhos; Material de Mordida (Cunha, Almofada, Manga de ataque, Fato de Ataque) Bastão / Chicote; Objeto de recompensa (Tirante, Kong); Clickers; Pista de Obstáculos / Agility; Consolas de Deteção de odor; Material Veterinário"
E16	"Equipamentos de proteção individual específico para os canídeos (proteção ocular e auditiva); Coletes/coleira táticos; IFAK para canídeos; Equipamento de transporte; equipamento de captura e transmissão de vídeo. "
E17	"Para suprimir a mobilidade tática é preciso que se consiga acondicionar com segurança a projeção de um cão, para o teatro e durante as operações no TO. A proteção do cão exige que haja coletes balísticos, botas próprias, óculos apropriados, capacetes balísticos com ou sem proteção auricular, para infiltração aérea tem de ter proteção auricular. Tudo o que possa preservar os órgãos vitais do cão, arnês tático (fast rope, paraquedas, transposição de obstáculos, transporte de material), eventualmente arnês anti corte, numa intervenção mais policial, colete balístico. Para além de tudo o que já foi mencionado seria importante ter trelas com sistemas de libertação rápida, trelas de encolher, trelas curtas."
E19	"Existe uma lista de material exaustiva vertida na PDE que deveria ser revista e atualizada, pela existência de nova tecnologia que garante a potencialização do combate com o cão, diminuindo a possibilidade de efeitos colaterais no seu emprego."
E20	"Deve ser adquirido material para o treino específico como os kits de explosivos ou drogas, para o treino dos cães de deteção. Para o condicionamento físico uma passadeira é uma boa ferramenta (...), um fato de descondicionamento seria algo de menos vulgar de se ter, mas com uma elevada importância (...) É necessário ter algum cuidado com o material que é adquirido, garantir que existe uma qualidade mínima. "
E21	"Para além de tudo aquilo que é básico e lógico para o treino dos cães, os fatos de mordida num rácio de 1:6 eram muito importantes. Tal como os kits médicos para o cão."

Fonte: Elaboração Própria

## APÊNDICE N – RESUMO DAS RESPOSTAS À PERGUNTA Nº11

	<p><b>Todas as unidades do EP carecem e possuem um elemento de chefia e comando, nesta tipologia de unidades, qual seria a necessidade e nível de preparação dos comandantes para que os mesmos pudessem responder de forma eficiente às solicitações, desafios e missões confiadas às unidades de cinotecnia?</b></p>
E1	"(...) era proveitoso que fosse logo inserido em temas táticos de baixos escalões considerações táticas que incluíssem a existência de cinotecnia, seja na nossa força ou na força opositora."
E2	"(...) O comando não deve estar apenas limitado ou fechado a um determinado posto, sendo uma função maioritariamente técnica, e mantendo a unidade de comando, deve ser analisada a hipótese destas unidades serem comandadas por oficiais e sargentos garantindo apenas que não se mexe com a hierarquia e ordem natural do Exército. Dada a especificidade da unidade, podemos ter um sistema semelhante ao da FOE, onde um capitão pode comandar uma Task Unit com um efetivo semelhante ao de Seção nos BI normais. "
E3	"Possivelmente incluir alguns aspetos relacionados com a cinotecnia em planeamento tático dos baixos escalões ou inserir binómios na realização de treinos e exercícios. (...) Realizar algum trabalho de “promoção” do Centro e da própria capacidade cinotecnia (...)"
E4	"(...) Deve existir, sim, um comandante de Módulo com experiência cinotécnica que seja a conselheiro técnico que possa ajudar a cadeia de Comando (...) Além dos cursos gerais, estes devem ter curso de figurância, deteção de odores, busca em grandes áreas, uso da força, auxiliar de veterinária e outros que se mostrem produtivos para o estabelecido na missão"
E5	"(...) A chefia técnica na cinotecnia é fundamental. Não possuir conhecimento técnico, possuir formações ou habilitações diferenciadoras retira o apoio que deve ser dado aos subordinados durante o período de aquisição de competências. (...)"
E6	"Todos os graduados que servem na unidade cinotecnia têm de ter formação na área da cinotecnia (...) Nos baixos escalões e fora do centro Cinotecnico, os comandantes só têm de saber como devem empregar as unidades Cinotécnicas. "
E7	"A maior parte das chefias não estão familiarizadas com a realidade da cinotecnia nem com as suas potencialidades (...)"
E8	"A baixos escalões o nível de planeamento tático é muito residual, taticamente é praticamente sempre igual(...) O Cmdt de Pel deve ser sempre brifado sobre as potencialidades, regras e limitações do cão (...)"
E9	"Podemos apresentar as mais valias que o cão apresenta no campo de batalha, mas só em cenários reais é que os comandantes ganham confiança efetiva na capacidade da cinotecnia. Todos os comandantes desta unidade devem possuir a formação toda de base"
E10	"Todos os comandantes de unidades de cinotecnia têm obrigatoriamente de ter as formações base (...)"

E12	"Dependendo da ambição pretendia em cada Unidade o Posto e Categoria podem variar, no entanto, de forma a poderem apoiar na decisão e emprego da valência cinotécnica (...)."
E13	"Neste momento não existe oficial com conhecimento suficiente para aconselhar de forma fidedigna na área operacional da cinotecnia. Para garantir esse elo entre a chefia do estado maior deveria de haver pelo menos um Of com os dois cursos principais, de Treinador de cães Militares e o de Instrutor Cinotécnico (...)"
E14	"Existe uma falta de cultura no uso e no emprego da cinotecnia, os Cmdt das subunidades não têm noção das capacidades da cinotecnia e nas mais valias que pode trazer, é necessário algum trabalho de divulgação interna da valência da cinotecnia. (...)"
E15	"Sensibilização permanente para as capacidades e limitações desta tipologia de força, com vista a servir de apoio no processo de tomada de decisão e assim empregar de forma eficiente os meios ao seu dispor."
E16	"Uma palestra de emprego de unidades K9 espelhando as potencialidades e limitações será o mínimo para transmissão de conhecimento. Outra modalidade poderá ser a introdução nas matérias táticas nos cursos de promoção e progressão."
E17	"Os Cmdt de subunidades não sentem a necessidade, no entanto, se analisarmos os relatórios de missão, as dificuldades são suprimidas com o uso dos cães. Seria necessário realizar um trabalho de adaptação com as forças para que as mesmas compreendessem as mais valias de operar com os binómios. "
E19	"Todos os graduados que iriam servir nesta unidade deveriam ter a formação toda base como tratadores, treinadores e condutores de cão, assim como a formação em TCCC k9. As subunidades que fossem complementadas com este binómio teriam de realizar uma completa diversidade de “drills” para ambientar todos os operadores ao cão, fazer com que ele os conheça, confie neles e esteja á vontade aquando da sua integração. Criando estes laços, o cão terá menos risco de tomar um comportamento menos próprio para com os elementos aliados. "
E21	"Os sargentos da companhia têm plena noção do que é necessário e das potencialidades do cão, no entanto, fora do ambiente da companhia não existe noção das capacidades dos binómios nem oficiais no PelCino. Seria necessário ter um oficial em permanência no PelCino, com a formação indicada."

Fonte: Elaboração Própria

## APÊNDICE O – RESUMO DAS RESPOSTAS À PERGUNTA Nº12

	<b>Face à conjuntura internacional na qual Portugal se insere, assim como os seus acordos e alianças, que cuidados ou medidas devem ser tomados de forma a garantir a interoperabilidade com outras forças NATO?</b>
E2	"Acima de tudo deve haver uma sinergia nas forças aliadas (...). Na prática eu, elemento decisor, no final da linha devo, pegando num binómio Português ou num binómio alemão de deteção de explosivos cumprir a missão da mesma forma."

E3	"(...) é necessário, à priori, assegurar capacidade operacional sustentada. (...)"
E4	"As medidas a serem tomadas baseiam-se muito em seguir os padrões NATO (...). O complemento que ainda hoje não existe, e seria de todo proveitoso, debruça-se no envio de formadores a cursos da NATO de forma que sejam credenciados pelos mesmos."
E5	"A interoperabilidade tem aplicabilidade na integração de equipas em companhias sejam elas nacionais ou internacionais. As equipas K9 são indivisíveis (...) agora, a equipa em si deve ser "integrável" em qualquer companhia internacional mantendo a sua forma de operar, tendo de haver flexibilidade para emprego em situações diferentes, mas que nunca coloquem em risco a nossa doutrina ou TTP'S."
E12	"Na minha opinião não corremos riscos de interoperabilidade, pois o binómio em última análise são recursos "humanos", se estes trabalham em reforço de uma Subunidade e esta cumpre os objetivos estabelecidos, também os irá cumprir quando tiver de trabalhar em conjunto ou ao lado de outras forças. (...)"
E13	"(...)procurar interagir com outras forças da NATO em exercícios e provas militares nomeadamente NORDEFECO na qual vamos participar este ano como observadores com intenção de participar para o ano que vem. A nível de FND's não existe nada que obrigue as forças a terem essa capacidade e ficando desta forma á mercê da vontade dos Cmdt's das forças destacadas. "
E15	"Orientar a doutrina seguindo permanentemente os STANAG em vigor e idealmente cross training com forças estrangeiras."
E16	"Atualmente o EP participa num Grupo de Trabalho NATO no âmbito da Cinotécnica, sendo o representante um Oficial veterinário do EP (...)"
E17	"A cultura de utilização da cinotecnia com forças conjuntas é fácil pois a maioria dos exércitos já opera com binómios. "
E18	"Essencialmente manter o contato de forma a estar informado do que outras forças fazem (...). Também se pode fomentar exercícios conjuntos que são de grande importância para a proficiência das equipas cinotécnicas"
E19	"A interoperabilidade com outros países não seria um entrave ou dificuldade tendo em conta que os principais aliados na NATO já empregam e usam os binómios, dentro das nossas forças seria necessário realizar algum trabalho de familiarização antes de conseguirmos empregar com eficiência os binómios. "

Fonte: Elaboração Própria

## APÊNDICE P – RESUMO DAS RESPOSTAS À PERGUNTA Nº13

	<b>Como qualquer outra unidade, existe a necessidade de infraestruturas que suportem a valência. Neste campo, qual a necessidade a nível de edifícios para a edificação desta força?</b>
E1	"Para além dos canis que devem ter um chão próprio, enfermaria, pistas de obstáculos, gabinetes, deve ainda existir uma carreira de tiro."

E2	"Para além dos canis, enfermaria, pistas de obstáculos, gabinetes, deve ainda existir pistas de pistagem, carreiras de tiro para que o cão possa treinar em ambientes com o estímulo ou distração dos disparos, infraestruturas simuladas que permitam a aproximação ao ambiente real do TO, entre outros. "
E3	"(...) Atualmente a maior necessidade, é efetuar alterações aos canis existentes, por forma a garantir maior comodidade aos cães. (...) será necessário criar condições mínimas de acomodação dos cães (canil reduzido, arrecadação para comida e material e uma pequena sala de tratamentos/apoio sanitário), nas unidades que necessitem da capacidade cinotécnica para melhor cumprimento da sua missão."
E4	"(...) Na parte específica dos canis é necessário que tenham uma boa orientação solar, pontos de água, ligeira inclinação do pavimento e escoamento de águas, ninho, pavimento que não possibilite escorregar e não abrasivo, gradeamento com medidas adequadas, pontos de luz, telheiro em painel sanduíche com inclinação para escoamento e proteção solar e paredes pintadas com tinta resistente, facilmente lavável, não absorvente e antifúngica. (...)."
E5	"(...) Canil, Sala de veterinária Gabinetes, Pistas de obstáculos, Parques internos e externos."
E7	"Nas boxes o chão não deve ser escorregadio nem abrasivo, a nível de paredes o azulejo é uma boa opção sendo que idealmente o cão deve ter um espaço onde apanha sol durante o dia e fica resguardado durante a noite. "
E8	"(...) Nos restantes regimentos seriam necessárias infraestruturas mínimas para os binómios, nomeadamente canis, uma enfermaria pequena e um parque para o trabalho do cão."
E9	"Bons canis, projetos de raiz bem elaborados com coordenação dos veterinários e especialistas da área. (...)"
E10	"Um canil ideal devia ter água constantemente a circular, para garantir água sempre fresca e limpa, o local de descanso não deve ser no chão sem ser exagerado na altura, chão deve ser antiderrapante (testado com água), parques de trabalho, pistas de obstáculos, etc. (...)"
E11	"As infraestruturas, assim como toda a força de forma geral, devem ser desenhadas, pensadas e construídas para dar respostas aquelas que são as necessidades levantadas, nº de canis, tipologia e forma dos canis, enfermaria, gabinetes de apoio, tudo vai depender do nível de ambição que esta unidade pretenda. "
E12	"A Unidade que receba esta capacidade, naturalmente, terá de ter infraestruturas para estes animais. A edificação básica será para com o seu alojamento, que deverá ser desenvolvida com base nos conceitos previstos no PDE cães militares, nomeadamente, no que concerne as condições de higiene, repouso, alimentação e tratamento. (...)"
E13	"O PelCino tem neste momento as condições necessárias em termos administrativos (secretaria, sala de enfermaria, recobro, quarto do tratador de dia de serviço). Existe um projeto para renovação e melhoramento dos canis existentes que deveria ter iniciado no ano passado."
E14	"A existência de Salas individuais de treino de binómios, melhoram a concentração do cão e do condutor, (...) estas salas poderão assegurar a possibilidade de treinar quando as condições atmosféricas não forem as mais propícias. Devem ainda existir campos de treino externos, salas de aulas para os militares, gabinetes, pistas de obstáculo e um consultório veterinário, com sala de pequena cirurgia."

E15	"Construção de canis; Parques de trabalho; Salas temáticas (exe. pista de escombros; Pista de obstáculos cinotécnicos de aplicação militar (POCAM), áreas edificadas (laboratório EA)); Sala estéril; Enfermaria; Área de recobro/isolamento; Local destinado à profilaxia; Salas de instrução teórica."
E16	"Basicamente canis adequados, todas as outras infraestruturas de treino são as mesmas necessárias para unidade táticas, neste caso de infantaria."
E17	"Seriam necessários canis (segundo as normas estabelecidas por lei), contentores próprios para a projeção, enfermaria, gabinetes para apoio logístico e administrativo, parques de trabalho, pistas de obstáculos, etc."
E18	"Instalações para albergar os cães (canis com solário), edifício de apoio (salas administrativas, enfermaria, zona de banhos, WC, arrecadação de material cinotécnico e canil de recobro) e áreas de trabalho (parques) exterior e interior"
E19	"A nível da unidade central eram necessárias instalações mais robustas como os canis, os parques de trabalho de interior e exterior, as pistas de obstáculos, os gabinetes de apoio logístico, uma enfermaria, etc. Nas subunidades estaríamos a falar de instalações mínimas como um parque de trabalho, uns canis, uma sala que servisse de arrecadação e uma sala que servisse de enfermaria. "
E20	"(...) se pretendermos ter 30 cães no centro, construir pelo menos 40 ou 45 boxes de forma a acautelar um incremento repentino, devendo ainda existir canis de recobro mais abrigados que os demais. (...) o mesmo deve conter um espaço abrigado para descanso e outra que funciona como solário. Para além dos canis, é importante a existência de gabinetes de apoio administrativo assim como uma sala de aula com capacidade de lecionar instruções. Em relação aos parques de trabalho, idealmente deve existir ao ar livre e coberto (..) O piso destes parques devem ter um chão de relva ou semelhante assim como ser regado diariamente, um piso seco pode criar praganas que é extremamente incomodativo para o cão. "
E21	"No caso da existência de um módulo central deveria existir para além dos canis, deve existir uma sala de veterinária, com veterinários em permanência, gabinetes de apoio, parques de trabalho e pistas de agilidade. Neste momento existem cerca de 35 canis no RPara. "

Fonte: Elaboração Própria

## APÊNDICE Q – RESUMO DAS RESPOSTAS PERGUNTA Nº14

	<b>Face a tudo o que foi apresentado, qual considera ser o vetor ou os vetores que se constituíram como maiores entraves à implementação da valência cinotécnica na Infantaria?</b>
E1	"A maior dificuldade é a aquisição dos cães, como existe pouca sensibilidade para o uso e capacidade da cinotecnia, o valor dos cães, perto de 3500 euro, afasta e aumenta muito o custo inicial desta valência."

E2	"Tentar procurar um entendimento geral entre FAA e FS numa tentativa de tentar unir esforços e centralizar tudo. Caso seja o Exército sozinho o mais desafiante seria conseguir recursos humanos com competências técnicas e em número suficiente. "
E3	"A mudança de vontades é o mais desafiante, como não é reconhecida a urgência ou retorno operacional da cinotecnia, não são atribuídos recursos, humanos, financeiros nem de tempo para a operacionalização deste Centro. "
E4	"(...) o investimento financeiro inicial para a construção das condições descritas e também a formação dos quadros. (...) No entanto, até que os militares cinotécnico ganhem experiência para conduzir as operações e os restantes militares se adaptem a trabalhar com este novo elemento, irá carecer de um processo de adaptação. (...). Além dos custos de construção entram os custos de material de trabalho, aquisição de canídeos, rações e apoio sanitário."
E5	"A mudança de mindset é a principal dificuldade, conseguir apresentar provas inequívocas de que os K-9 são importantes e de que têm relevância a nível nacional. (...) O desconhecimento das potencialidades é um grande entrave, uma vez que Portugal em si não possui uma cultura cinotécnicas avançada, como é o caso da Bélgica. (...)."
E6	"(...) Conseguir apresentar e convencer os órgãos de decisão do retorno operacional que a cinotecnia traz assim como da necessidade existente no Exército. (...)"
E7	"O mais difícil seria sensibilizar os órgãos de decisão para a importância e relevância da cinotecnia para a condução das diferentes tipologias de operações. "
E8	"Os vetores de desenvolvimento Infraestruturas, Pessoal e Organização, no qual o modelo “descentralizado” com uma escola central e cada unidade com as suas infraestruturas e binómios formados com os próprios militares será sempre o mais difícil de implementar. Considero que a melhor maneira de mostrar a importância da cinotecnia é analisar/expor o seu retorno operacional, com dados concretos sobre o emprego do cão e as vantagens trazidas por este às operações. A obtenção deste tipo de dados é uma dificuldade dada a nossa inexperiência. (...)."
E9	"O mais difícil é compreender que a centralização era a melhor opção, a interiorização da ideia de que a cinotecnia como força central e geral é a mais benéfica e que apresenta mais vantagens é o mais difícil de transmitir. "
E10	"A maior dificuldade seria a de garantir recursos humanos, profissionais qualificados e com experiência que pudessem preparar e certificar os cães"
E11	"O mais difícil de conseguir para além dos recursos humanos qualificados e com consistência é o alinhamento de objetivos, desde o diretor nacional ao tratador mais recente. (...)."
E12	"O vetor com mais entraves foi sem dúvida a falta de recurso Humano, decorrente da redução drástica de efetivos muitas das valências das Unidades têm sido abandonadas(...)"

E13	"O maior entrave é o desconhecimento da capacidade real de um binómio Cinotécnico. A capacidade não se consegue demonstrar numa fotografia nem numa demonstração de 05 minutos, é no terreno ao longo de horas com os homens que acompanhamos nos exercícios e nas formações como por exemplo chegar a um local de vegetação calcada com indícios de que uma força pernoitou nesse mesmo local e utilizar apenas o odor deixado para trás dessa força, sabendo que abandonaram esse local depois de 11h e o CM consegue seguir a mesma força durante 2 dias até encontrar e intercetar essa mesma força. "
E14	"O maior obstáculo da mudança seria a mudança de mentalidades, conseguir unir os três ramos sob a mesma alçada e de forma uniforme. Esta tipologia de unidade teria de funcionar um pouco como o HFar, uma unidade destinada a apoiar as FAA como um todo e não um ramo específico. "
E15	"A mentalidade e falta de reconhecimento do que a valência cinotécnica pode trazer a qualquer força. Restrição orçamental. Escassez de recursos humanos especializados."
E16	"Escassez de recursos humanos e Liderança. A capacidade já implementada no EP nomeadamente no PelCino/ RPARA não é devidamente explorada nem empregue em FND o que me leva a concluir que uma implementação mais alargada necessitava de uma Liderança forte da Cadeia de Comando"
E17	"É essencialmente um problema geracional e de falta de uso, sendo que os órgãos de decisão não reconhecem esta necessidade nem consideram a cinotecnia como solução. Ainda que os relatórios de missão apresentem problemas que seriam resolvidos pelo emprego da cinotecnia, a mesma não é apresentada como solução, (...). A postura em relação à cinotecnia deve incidir numa postura de prevenção e não reação, não devemos esperar um assalto aos paióis para a criação de uma seção cinotecnia assim como não devemos aguardar por baixas ou perdas de vida humana para se operar com a cinotecnia junto das subunidades. "
E19	"A criação de rotina e tradição no uso da cinotecnia junto dos batalhões seria provavelmente o mais difícil de atingir, tendo em conta que existe muita relutância em investir dinheiro numa valência que pouco se conhece, lentamente se desenvolve e ainda que tenha sido empregue em larga escala no último conflito no qual estivemos inseridos, na guerra do ultramar, caiu posteriormente em esquecimento. Não devemos adotar uma postura de reação, mas sim de prevenção pois no dia que precisarmos da cinotecnia pronta e a operar junto dos batalhões, sem este trabalho já feito e orientado, será tarde demais para a implementar. "
E20	"A falta de tradição e conhecimento dos órgãos decisores sobre a cinotecnia é o maior entrave à dinamização da cinotecnia, o retorno operacional da mesma não é reconhecido e o investimento inicial cria um sentimento de despesa e não de investimento numa valência que não é reconhecida como essencial. "
E21	"Neste momento o mais difícil seriam os recursos humanos, existem os cães prontos a serem trabalhados, só não existem os tratadores e treinadores. "

Fonte: Elaboração Própria

## ANEXOS

### ANEXO A - TAREFAS DO BINÓMIO EXPLORADOR

TIPO DE CÃO	ESPECIALIDADE DO CÃO/BINÓMIO	TAREFAS CINOTÉCNICAS ATRIBUÍDAS
<b>Cão de guerra</b>	<b>Binómio Explorador</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Patrulhamentos apeados ou montados;</li> <li>• Proteção da força;</li> <li>• Limpeza de edifícios;</li> <li>• Recolha de informação e reconhecimento;</li> <li>• Resposta a alarme;</li> <li>• Busca e limpeza em áreas urbanas;</li> <li>• Busca e limpeza em túneis;</li> <li>• Busca e limpeza em compartimentos;</li> <li>• Busca e perseguição de indivíduos hostis;</li> <li>• Demonstração de força;</li> <li>• Detecção e busca de unidades/elementos hostis;</li> <li>• Vigilância de itinerários;</li> <li>• Vigilância móvel;</li> <li>• Vigilância fixa;</li> <li>• Segurança aos trens de unidades de combate;</li> <li>• Apoio a operações de cerco e busca;</li> <li>• Apoio a golpe de mão;</li> <li>• Apoio a emboscada;</li> <li>• Apoio às forças em guarda de flanco/avançada;</li> <li>• Apoio às forças em escalão de segurança;</li> <li>• Apoio às forças em escalão de exploração;</li> <li>• Apoio às forças de intervalo;</li> <li>• Apoio à segurança de forças em reserva;</li> <li>• Apoio ao treino;</li> </ul>

		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apoio a ação direta;</li> <li>• Apoio a reconhecimento especial;</li> <li>• Apoio a assistência militar;</li> <li>• Apoio a ação indireta;</li> <li>• Apoio a outras tarefas primárias;</li> <li>• Apoio na infiltração e exfiltração na área de operações por meios terrestres, marítimos ou aéreos;</li> <li>• Apoio ao reconhecimento e segurança afastada de uma zona de aterragem e/ou zona de lançamento de pessoal e/ou material;</li> <li>• Apoio ao reconhecimento de um aeródromo avançado não controlado ou uma área controlada de tráfego aéreo na cabeça-de-ponte aérea (área do objetivo de assalto);</li> <li>• Apoio no reconhecimento em profundidade, vigilância e/ou aquisição de objetivos em prol do escalão superior;</li> <li>• Apoio na execução de missões de combate para garantir isolamento da zona de aterragem e/ou zona de lançamento e segurança da força projetada, ou outras missões de ação direta em prol do escalão superior tal como <i>personal recovery</i>, em ambiente urbano ou outra tipologia;</li> <li>• Apoio na segurança de perímetro na execução de demolições e abatisses.</li> </ul>
--	--	---

## ANEXO B - TAREFAS DO BINÓMIO DE GUARDA E CÃO SENTINELA

<p><b>Cão de Guerra e Cão de Polícia Militar</b></p>	<p><b>Binómio de Guarda</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Demonstração de força;</li> <li>• Proteção da força;</li> <li>• Patrulhamentos apeados ou montados;</li> <li>• Segurança de áreas Urbanas;</li> <li>• Segurança de edifícios;</li> <li>• Segurança de compartimentos;</li> <li>• Proteção de bens e propriedade;</li> <li>• Segurança em postos de controlo de acesso;</li> <li>• Controlo de ordem pública;</li> <li>• Segurança de Infraestruturas Críticas;</li> <li>• Proteção de altas entidades ou alvos de elevado valor;</li> <li>• Segurança em perímetro;</li> <li>• Detecção e detenção de elementos hostis;</li> <li>• Escolta a prisioneiros, transporte de armamento e munições;</li> <li>• Segurança a infraestruturas aeroportuárias;</li> <li>• Vigilância móvel;</li> <li>• Vigilância fixa;</li> <li>• Apoio às Forças de Intervalo;</li> <li>• Apoio à segurança de forças em reserva;</li> <li>• Segurança aos trens de unidades de combate;</li> <li>• Apoio ao treino.</li> </ul>
		<p><b>Cão de Sentinela</b> (tarefa inerente ao binómio de guarda)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Proteção de bens e propriedade;</li> <li>• Detecção de intrusos e sinalização;</li> <li>• Apoio ao treino;</li> <li>• Cão trabalha sozinho</li> </ul>

## ANEXO C - TAREFAS DO BINÓMIO DE DETEÇÃO

<p><b>Cão de Guerra e Cão de Polícia Militar</b></p>	<p><b>Binómio de Detecção de Explosivos <sup>28</sup></b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Proteção da força;</li> <li>• Apoio à recolha de informação e reconhecimento;</li> <li>• Esclarecimento na ameaça de bomba;</li> <li>• Apoio à Limpeza de barricadas;</li> <li>• Apoio à Limpeza de edifícios;</li> <li>• Apoio à limpeza de áreas;</li> <li>• Busca de explosivos em controlo de acessos;</li> <li>• Busca de Explosivos em correspondência;</li> <li>• Busca de explosivos em volumes e bagagens;</li> <li>• Busca de explosivos em instalações;</li> <li>• Busca de explosivos em meios de transporte;</li> <li>• Busca de explosivos em <i>CheckPoints</i>;</li> <li>• Busca de Explosivos na projeção e retração de forças;</li> <li>• Apoio na busca de explosivos a entidades não militares que o solicitem;</li> <li>• Apoio ao treino.</li> </ul>
--	---	---

<b>CÃO DE POLÍCIA MILITAR</b>	<b>Binómio de Detecção de Estupefacientes</b> <sup>29</sup>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apoio à investigação criminal;</li> <li>• Apoio à recolha de informação e reconhecimento;</li> <li>• Busca de estupefacientes em controlo de acessos;</li> <li>• Busca de estupefacientes em correspondência;</li> <li>• Busca de estupefacientes em volumes e bagagens;</li> <li>• Busca de estupefacientes em instalações;</li> <li>• Busca de estupefacientes em meios de transporte;</li> <li>• Busca de estupefacientes em <i>CheckPoints</i>;</li> </ul>
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Busca de estupefacientes na projeção e retração de forças;</li> <li>• Apoio na busca de estupefacientes a entidades não militares que o solicitem;</li> <li>• Apoio ao programa para a prevenção e combate à droga e alcoolismo nas Forças Armadas;</li> <li>• Apoio ao treino.</li> </ul>
<b>Cão de Guerra E Cão de Polícia Militar</b>	<b>Binómio de Detecção de Armamento</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Proteção da força;</li> <li>• Busca de armamento em controlo de acessos;</li> <li>• Busca de armamento em volumes e bagagens;</li> <li>• Busca de armamento em instalações;</li> <li>• Busca de armamento em meios de transporte;</li> <li>• Busca de armamento em <i>CheckPoints</i>;</li> <li>• Busca de armamento na projeção e retração de forças;</li> <li>• Apoio à recolha de informação e reconhecimento;</li> <li>• Apoio ao combate ao tráfico de armamento;</li> <li>• Apoio na busca de armamento a entidades não militares que o solicitem;</li> <li>• Apoio ao treino.</li> </ul>
<b>Cão de Guerra e Cão de Polícia Militar</b>	<b>Binómio de Detecção de Minas</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apoio à recolha de informação e reconhecimento;</li> <li>• Apoio à limpeza de instalações;</li> <li>• Apoio à limpeza de Itinerários;</li> <li>• Apoio à limpeza de áreas;</li> <li>• Apoio à abertura de brechas em campos de minas;</li> <li>• Apoio à limpeza de campos de minas;</li> <li>• Apoio ao treino.</li> </ul>

Fonte: (Exército Português, 2020a, pp. 4-4)

## ANEXO D - TAREFAS DO BINÓMIO DE BUSCA E SALVAMENTO

<b>Cão de Guerra e Cão de Polícia Militar</b>	<b>Binómio de Busca e Salvamento</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Busca e salvamento em escombros;</li> <li>• Busca e salvamento em terras ou lamas;</li> <li>• Busca e salvamento em avalanches;</li> <li>• Busca e salvamento em cursos de água;</li> <li>• Busca de pessoas desaparecidas;</li> <li>• Apoio a operações de combate segurança da área da retaguarda;</li> <li>• Apoio a entidades não militares que o solicitem;</li> <li>• Apoio ao Treino.</li> </ul>
---	--------------------------------------	--

Fonte: (Exército Português, 2020a, pp. 4-5)

## ANEXO E - TAREFAS DO BINÓMIO DE CINOTERAPIA

<b>Cão de Guerra e Cão de Polícia Militar</b>	<b>Binómio de Demonstração de Capacidades e/ou Cinoterapia</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Divulgação das Forças Armadas;</li> <li>Apoio social;</li> <li>Apoio ao treino.</li> </ul>
---	--	---

Fonte: (Exército Português, 2020a, pp. 4–5)

## ANEXO F - QUADRO ORGÂNICO DO MÓDULO CINOTECNICO DO GPE

03.06	MÓDULO CINOTÉCNICO							
03.06.01	COMANDO							
	43	Comandante	Subalt	CAV / AF06-PE	(1)			
				Subsoma	0	0	0	0
03.06.02	EQUIPA DE BUSCA E DETEÇÃO DE EXPLOSIVOS							
	44	Comandante	1Sarg/2Sarg	CAV / AF06-PE		1		
	45	Auxiliar	Cabo	Esp16-PE			1	
	46	Polícia do Exército / Condutor	Sold	Esp16-PE			1	
				Subsoma	0	1	2	0
03.06.03	1ª EQUIPA DE BUSCA E DETEÇÃO DE ESTUPEFACIENTES							
	47	Comandante	1Sarg/2Sarg	CAV / AF06-PE		1		
	48	Auxiliar	Cabo	Esp16-PE			1	
	49	Polícia do Exército / Condutor	Sold	Esp16-PE			1	
				Subsoma	0	1	2	0
03.06.04	2ª EQUIPA DE BUSCA E DETEÇÃO DE ESTUPEFACIENTES							
	50	Comandante	1Sarg/2Sarg	CAV / AF06-PE		1		
	51	Auxiliar	Cabo	Esp16-PE			1	
	52	Polícia do Exército / Condutor	Sold	Esp16-PE			1	
				Subsoma	0	1	2	0
03.06.05	1ª EQUIPA DE USO DA FORÇA							
	53	Comandante	1Sarg/2Sarg	CAV / AF06-PE		1		
	54	Auxiliar	Cabo	Esp16-PE			1	
	55	Polícia do Exército / Condutor	Sold	Esp16-PE			1	
				Subsoma	0	1	2	0
03.06.06	2ª EQUIPA DE USO DA FORÇA							
	56	Comandante	1Sarg/2Sarg	CAV / AF06-PE		1		
	57	Auxiliar	Cabo	Esp16-PE			1	
	58	Polícia do Exército / Condutor	Sold	Esp16-PE			1	
				Subsoma	0	1	2	0
03.06.07	3ª EQUIPA DE USO DA FORÇA							
	59	Comandante	1Sarg/2Sarg	CAV / AF06-PE		1		

	60	Auxiliar	Cabo	Esp16-PE			1	
	61	Polícia do Exército / Condutor	Sold	Esp16-PE			1	
				Subsoma	0	1	2	0
		ModCino		Soma	0	6	12	0

Fonte: (Exército Português, 2015, p. 10)

## ANEXO G - QUADRO ORGÂNICO DO PELOTÃO CINOTECNICO DO RPARA

04.03								
		PELOTÃO CINOTÉCNICO						
04.03.01		COMANDO						
	58	Comandante	Subalt	QQA / QQAF	1			[13]
	59	Sargento de Pelotão	SAj	QQA		(1)		(17)
				Subsoma	1	0	0	0
04.03.02		1ª EQUIPA DE PATRULHAS						
	60	Comandante	SAj	QQA		1		(18)[13]
	61	Auxiliar	Cabo	Esp20-PQ			2	(18)[13]
	62	Auxiliar	Sold	Esp20-PQ			4	(18)[13]
				Subsoma	0	1	6	0
04.03.03		2ª EQUIPA DE PATRULHAS						
	63	Comandante	1Sarg/2Sarg/Furr	QQAS / QQAF		1		(18)[13]
	64	Auxiliar	Cabo	Esp20-PQ			2	(18)[13]
	65	Auxiliar	Sold	Esp20-PQ			4	(18)[13]
				Subsoma	0	1	6	0
		PelCino		Soma	1	2	12	0

Fonte: (Exército Português, 2016, p. 7)

## ANEXO H - QUADRO ORGÂNICO DA SEÇÃO CINOTÉCNICA DO CMSM

03.02.07.05								
		SEÇÃO CINOTÉCNICA						
	124	Comandante	CM 1Sarg/2Sarg	CAV / AF06-PE		1		(25)(26)
	125	Auxiliar	CM Cabo	Esp16-PE			1	(25)(26)
	126	Polícia do Exército / Condutor	EX Sold	Esp16-PE			2	(25)(26)(27)
				Sub subsoma	0	1	3	0

Fonte: (Exército Português, 2020c, p. 10)

## ANEXO I - QUESTÕES A RESPONDER A CADA VD

DOTMLPF-I	QUESTÃO?
<b>Doutrina</b>	<p>Existe doutrina que aborde ou esteja relacionada com o assunto?                      Existem procedimentos aprovados que não estão a ser seguidos?                      Poderiam os procedimentos, pelo menos em parte, corrigir o assunto ou diminuir o seu impacto?                      Se não existe doutrina ou procedimentos aprovados, é necessário desenvolver e implementar doutrina ou procedimentos novos que forneçam uma solução total ou parcial para o assunto?</p>
<b>Organização</b>	<p>Onde está a ocorrer o problema?                      Em que organizações está o problema a ocorrer?                      Qual é o foco da missão dessas organizações?                      Quais são as missões principais e secundárias? Quais são os valores e as prioridades organizacionais?                      A organização tem os recursos (pessoas, equipamentos, procedimentos) disponíveis e em posição para tratar do assunto?                      A organização tem o pessoal e os recursos financeiros necessários para resolver o assunto?                      Os comandantes/diretores/chefes estão cientes dos assuntos?                      O assunto consta já em algum tipo de lista de assuntos organizacionais? Se sim, porque é que o assunto não está a ser resolvido?                      Quem está informado/a e a ser afetado pelo assunto?</p>
<b>Treino</b>	<p>Como é que os resultados do treino estão a ser medidos e monitorizados?                      O assunto é causado por uma falta de competência ou proficiência dos sistemas e equipamento existentes?                      O assunto é causado por treino inadequado ou por falta de treino?                      O treino existente abrange o assunto?                      O treino está a ser executado eficazmente e em tempo oportuno?</p>

	<p>O assunto foi descoberto num exercício?                      O pessoal afetado pelo assunto tem o acesso ao treino?                      O comando está a apoiar e/ou a reforçar o programa de treino?                      O treino tem o pessoal e recursos financeiros necessários?</p>
<b>Material</b>	<p>O assunto é causado por sistemas ou equipamento inadequado (desatualizado)?                      Quais os sistemas atuais que pertencem à família de sistemas onde está a ocorrer o problema?                      Que funcionalidade deveria fornecer um sistema novo que atualmente não existe?                      Que melhorias no desempenho operacional são necessárias para resolver o assunto?                      O assunto é causado por uma falta de competência, proficiência ou manutenção nos sistemas e equipamento?                      As melhorias no desempenho podem ser conseguidas sem desenvolvimento de um sistema novo? Se sim, como?                      Quais seriam os utilizadores principais e secundários dos sistemas ou equipamento proposto?</p>
<b>Liderança</b>	<p>O assunto é causado pela incapacidade ou diminuta capacidade para cooperar, coordenar e comunicar com organizações externas?                      Os oficiais superiores compreendem o âmbito do problema?                      O comando dispõe de recursos para corrigir o assunto?                      A liderança está a ser treinada em princípios de mudança de gestão eficazes?                      O comando avaliou corretamente o nível crítico e os níveis de ameaça, de urgência, de risco, etc. dos resultados operacionais do assunto/problema/evento?                      A equipa de liderança sénior está ciente das causas e barreiras para resolver o assunto na sua própria organização?                      A liderança sénior identificou as causas e barreiras culturais e interorganização que dificultam a resolução do assunto?                      Os assuntos afetam a capacidade de uma U/E/O para conduzirem operações?</p>

<b>Pessoal</b>	<p>O assunto é causado pela incapacidade ou diminuta capacidade para colocar pessoal qualificado e treinado nos cargos?</p> <p>O pessoal presente é suficiente para realizar o trabalho? Como pode ser isso medido?</p> <p>Os descritivos dos cargos refletem exatamente as tarefas reais?</p> <p>O pessoal satisfaz os requisitos presentes no descritivo dos cargos?</p> <p>Se a resolução do assunto provavelmente envolver material, sistemas ou novos equipamentos, são necessárias novas especialidades para guarnecer corretamente os sistemas novos?</p> <p>É necessário desenvolver novos programas de treino para o pessoal recentemente recrutado (operadores principais, pessoal de manutenção e pessoal de apoio)?</p>
<b>Infraestruturas</b>	<p>O assunto é causado por infraestruturas inadequadas? Se sim, o assunto/problema/evento é resultante: Do envelhecimento/desgaste? De novos produtos que não satisfizeram as necessidades? De danos provocados em combate/ou pela ameaça?</p> <p>O assunto foi causado pela falta de controlos ambientais apropriados?</p> <p>O assunto foi causado/ou em parte por: Estradas/caminhos inadequados? Itinerários de reabastecimento principais? Excesso de peso? Operação e manutenção das infraestruturas? Endurecimento? Sustentação da fortificação de campanha?</p>
<b>Interoperabilidade</b>	<p>O assunto é devido a problemas com interoperabilidade? Se sim, que tipo de interoperabilidade?</p> <p>A tecnologia é interoperável?</p> <p>Os processos e procedimentos são interoperáveis?</p> <p>É um problema de interoperabilidade humana?</p>

Fonte: (Exército Português, 2020b, pp. 4–28)